

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

MANUELLA ARAÚJO SOARES VAVASSORI

**INFORMALIZAÇÃO DOS COMPORTAMENTOS NAS  
REDES SOCIAIS: O FACEBOOK E A *FANPAGE*  
"MACEIÓ ORDINÁRIO"**

**MACEIÓ**

**2016**

**MANUELLA ARAÚJO SOARES VAVASSORI**

**INFORMALIZAÇÃO DOS COMPORTAMENTOS NAS  
REDES SOCIAIS: O FACEBOOK E A *FANPAGE*  
"MACEIÓ ORDINÁRIO"**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção do grau de mestra em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Fernando de Jesus Rodrigues

**MACEIÓ**

**2016**

**Catlogação na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

V389i Vavassori, Manuella Araújo Soares.  
Informalização dos comportamentos nas redes sociais: o facebook e a fanpage “Maceió Ordinário” / Manuella Araújo Soares Vavassori. - 2016.  
124 f. il.

Orientador: Fernando de Jesus Rodrigues.  
Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Maceió, 2016.

Bibliografia: f. 86-88.  
Anexos: f.89-111.  
Apêndices: f. 112-124

1. Opinião pública. 2. Redes sociais. 3. Comunicação de massa – Opinião pública. 4. Facebook (Rede social on-line). I. Título.

CDU: 316.64:659.3



Ata nº 01 da Sessão da Defesa Pública de Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas.

Em vinte e nove de janeiro de dois mil e dezesseis, às dezesseis horas, na sala seis do PPGS, reuniu-se a banca examinadora da dissertação de mestrado da aluna **MANUELLA ARAÚJO SOARES VAVASSORI**, intitulada: **Informalização dos comportamentos nas redes sociais: o facebook e a fanpage “Maceió Ordinário”**. Vinculada à linha de pesquisa “Poder, Conflito e Cidade”.

A cerimônia de defesa pública, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Sociologia teve a banca examinadora composta pelos professores doutores: **Fernando de Jesus Rodrigues- PPGS/Ufal (orientador)**, **Marina Félix de Melo - PPGS/Ufal (examinadora interna)**, **Ruth Vasconcelos Lopes Ferreira- ICS/Ufal (examinadora externa)** e **Wendell Ficher Teixeira Assis - PPGS/Ufal (examinador interno)**.

Procedeu-se a arguição, finda a qual os membros da banca se reuniram reservadamente para deliberarem, decidindo por unanimidade pela:

Aprovação ; Aprovação com reformulações (  ); Reprovação (  ).

Comentários e Reformulações Indicados pela Banca Examinadora:

---

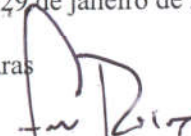

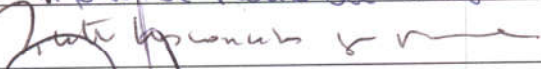


---

---

Para constar, lavrou-se a presente ata que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora e por mim, Edna da Silva Gomes, Assistente em Administração do PPGS.

Maceió, 29 de janeiro de 2016.

Assinaturas

1. 
2. 
3. 
4. 
5. 

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Fernando Rodrigues por ter acreditado no potencial deste trabalho e confiado na minha capacidade de executá-lo quando, muitas vezes, eu mesma tinha dúvidas de que pudesse concluir. Primeiramente, pela disponibilidade de aceitar orientar a condução de um projeto que já havia iniciado, pela paciência de moldar uma jornalista ensinando a pensar mais sociologicamente e pelas valiosas dicas que abriram as possibilidades de explorar o material de análise.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ruth Vasconcelos por ter plantado em mim a semente da pesquisa e pelo incentivo a buscar minha qualificação profissional, encarando um mestrado que sempre foi um desafio pessoal.

Às minhas ‘chefas’ Simoneide Araújo e Márcia Alencar pela compreensão quando me fiz ausente, inúmeras vezes, devido à dedicação ao mestrado, e pelo apoio incondicional, tornando os meios possíveis para a realização deste trabalho.

Aos colegas de turma e do trabalho na Ufal pela torcida eterna. Aos professores do PPGS pelos ensinamentos e, em especial, ao Professor Doutor João Vicente, que enquanto coordenador do Programa me deu todas as oportunidades para que eu pudesse cumprir os prazos levando em conta minhas necessidades.

Agradeço especialmente à minha família, pelo suporte e amor que me foram dados durante essa jornada. Aos meus pais João e Valdeline, e meus irmãos João Neto e Isabella que são minha fortaleza, meus exemplos. Ao meu amado esposo, José Luiz, por ter me aceitado – não raras as vezes – estressada, cansada e emotiva, acreditando que seria só uma fase. Pelos atos que me impulsionaram a lutar com todas as minhas forças para encerrar este ciclo e, principalmente, por ter me presenteado com as inspirações da minha vida: nossos gêmeos Enzo e Lucca. Foi por eles que não desisti!

Enfim, meus agradecimentos a Deus que é meu alimento diário, minha proteção e meu guia para toda a vida. Tudo por Ele e para Ele.

## RESUMO

A popularização das redes sociais, por meio da internet e da disseminação dos dispositivos eletrônicos que se tornaram de mais fácil acesso, ampliou os espaços de interação entre pessoas de diferentes posições sociais, criando ambientes nos quais surgiram certos fenômenos que alteraram algumas dinâmicas sociais atuais. Tomando como objeto de estudo a *Fanpage* intitulada Maceió Ordinário, o presente trabalho visa apontar os caminhos plausíveis de investigação sobre as transformações observadas nesses novos espaços constituídos nas plataformas digitais. A partir das interações e sociabilidades formadas no ambiente virtual, apontamos apontam-se mudanças relacionadas à informalização do comportamento e do uso da língua em relações sociais virtuais; à emissão de opiniões em espaços públicos digitais e; à formação do sentimento de pertencimento mediante as tensões e conflitos gerados num grupo de uma rede social virtual.

**Palavras-chave:** Internet; rede social; informalização; opinião; pertencimento

**ABSTRACT**

The popularization of social networks, through the Internet and the dissemination of electronic devices, which have become more easily accessible, have expanded spaces of interaction between people from different backgrounds in life creating environments in which we can observe some phenomena that changed current social dynamics. Taking as an object of study the Fanpage entitled Maceió Ordinário, the present study aims to point out the plausible paths of research into the changes observed in these new spaces consisting of digital platforms. From the interactions and social arrangements formed in this virtual environment, we point out changes related to the informality of behavior and language use in virtual social relations; the issue of opinion in public and digital spaces; the generation of the feeling of belonging by tensions and conflicts produced in a group from a social networking site.

Keywords: Internet; social network; informality; opinion; belonging

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
As redes virtuais e presenciais com suas interações nas perspectivas sociológicas.....	12
A importância sociológica do objeto de estudo .....	18
As lógicas das redes de relacionamento da internet.....	20
Capítulo 1 .....	23
As redes sociais como espaços informais de interação .....	23
1.1: O que a história tem a ver com a informalização das relações após a invasão dos leigos na internet .....	24
1.2: As mudanças da linguagem nas inter-relações: a distinção social que integra e afasta .....	30
1.3: Interações desnudadas de tabus .....	42
Capítulo 2 .....	50
As redes sociais como vitrines de opiniões e julgamentos .....	50
2.1: A formação e a exibição da opinião .....	51
2.2: Perspectivas gerais sobre o tribunal <i>informal</i> do Facebook.....	58
Capítulo 3 .....	69
O sentimento de pertencimento formado em rede .....	69
3.1: A “alagoaneidade” despertada no Maceió Ordinário .....	70
3.2: Representações e integrações sociais no Maceió Ordinário .....	75
4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	82
5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	86
ANEXOS.....	89
APÊNDICES .....	112



## INTRODUÇÃO

A estrutura da internet configura uma rede de comunicação global que, para Castells (2003, p.7) transformou estratos sociais com sua “capacidade de distribuir a força da informação por todo o domínio da atividade humana”. O sociólogo espanhol compara a importância das tecnologias da informação para os tempos de hoje com o que a eletricidade foi na Era Industrial, como um marco, uma revolução capaz de transformar para sempre a vida das pessoas que puderam acompanhar essa fase do desenvolvimento mundial. Do mesmo modo, a invenção da internet e o advento dos computadores contribuíram para uma nova etapa de transformações tecnológicas que impactaram diretamente nas formas de organização das sociedades, disseminando informação, abrindo novos espaços e formas de articulação social e modificando, potencializando ou até criando novos fenômenos sociais.

É exatamente por isso que os estudos relacionados à rede de alcance mundial<sup>1</sup> se tornam tão relevantes na área da Sociologia e não apenas aprofundados nos campos da Comunicação e Informática. Neste viés, daremos nossa contribuição num ensaio que chama a atenção, a partir da *fanpage*<sup>2</sup> Maceió Ordinário, para o nosso problema central: os espaços que a internet abriu para modificar as dinâmicas nas relações sociais, quais sejam a maneira de se comportar em novas formas de socialização. Atenho-me, entre diferentes fenômenos, às condutas que expressam respeito ou humilhação, as formas de regulação das opiniões dirigidas ao outro e os novos laços que se formam num ambiente de tensões geradas pela participação em tais tipos de comunidades virtuais. Estamos vivendo um momento de desconstrução de algumas ideias relacionadas à interação e às relações sociais tradicionais, as quais analisaremos durante o presente trabalho. A saber, as pessoas estão se comunicando mais, mantendo contato com outros indivíduos de grupos sociais distintos, expondo suas preferências e pontos de vista, além de terem a vida particular tornada pública em um clique. A internet tem dado novas possibilidades de reação a determinados conteúdos, discursos e diálogos. É na web também que

---

<sup>1</sup> Tradução livre para o termo “World Wide Web”, ou simplesmente “Web”.

<sup>2</sup> Da tradução “página de fãs” que de acordo com o site de buscas Google é uma página específica dentro do Facebook, “direcionada para empresas marcas ou produtos, associações, sindicatos, autônomos ou qualquer organização, com ou sem fins lucrativos, que desejam interagir com os seus clientes”.

encontramos novos meios de agregação e desagregação de grupos caracterizados por interesses em comum ou por aspectos que fragmentam e fragilizam uma relação. Contudo, para chegar ao nível de interação entre os usuários que estão geograficamente distantes, a internet passou por duas fases que são importantes destacar antes de ser iniciada a discussão central sobre as mudanças nas dinâmicas interacionais. O divisor de águas entre elas foi a lógica de funcionamento e participação dos produtores e usuários (Oliveira, 2014).

Na primeira geração da internet, a rede tinha como característica a concentração de informação, em que a estrutura dos sites era estática, diferentemente do que acontece na fase de evolução para a “web 2.0<sup>3</sup>”, a que usamos atualmente, quando a rede passou a ser colaborativa e caracterizada por uma palavra de ordem: interatividade. Enquanto a web 1.0 limitou-se à implantação e divulgação da internet, a versão conhecida como 2.0 tirou o protagonismo dos *webmasters* para dar destaque aos internautas, que passaram a produzir conteúdo com a possibilidade de postar comentários, compartilhar arquivos, enviar fotos e até modificar as informações da estrutura de uma página virtual.

A este momento corresponde a emergência de um novo padrão sociotécnico, fundamentado na figura do usuário-produtor: agora as atividades individuais relacionadas à rede não se limitam ao consumo das informações nela encontradas, mas se desenvolvem a partir da compreensão de que são os indivíduos que constroem a plataforma, na medida em que nela inserem informações, alimentando-a (OLIVEIRA, 2014, p. 10).

Em meio a essas novidades, surge um elemento que pode ser um dos pontos mais importantes no que se refere à reorganização dos hábitos de socialização proporcionados pela internet: a formação de comunidades virtuais, onde é possível a interação do homem sem proximidade geográfica e sem contato físico; uma interação no sentido da ação provocar uma reação, na qual há envolvimento entre duas ou mais pessoas. Vê-se então, a popularização dos sites de relacionamento, blogs e sites de busca abertos para edição do internauta. Exemplos disso são Wikipedia, Orkut, Youtube, MySpace e o Facebook, e esta pesquisa está centrada nas dinâmicas interacionais de uma comunidade inserida em uma dessas plataformas: o Maceió Ordinário.

---

<sup>3</sup> A expressão foi usada pela primeira vez em 2004 pela empresa americana de Tim O’Reilly, durante uma conferência sobre tecnologias da informação. Por se referir a uma segunda geração da internet, no que diz respeito ao conjunto de técnicas para design e execução de sites e aplicativos para a web, houve uma diferenciação que definiu, portanto, a primeira geração como “web 1.0”. A web 2.0 seria a segunda geração do desenho e da evolução da web (Robredo, 2010).

Neste trabalho, vamos nos centrar em algumas configurações dos conflitos que se manifestam dentro das discussões expostas na *fanpage* e, assim, aumentar o conhecimento sobre como as tensões humanas são diferentes e quais são os impactos disso nas próprias relações constituídas na rede. Essas discussões nos nortearam na análise sobre o que a ampliação dos espaços de manifestação pública tem causado nos tempos de hoje. Passamos a observar que as interações são impulsionadas pelos efeitos das transformações sociais que direcionam as condutas aceitáveis em ambientes que adquiriram a função de expor opiniões, expressando complementaridades e conflitos de ordem simbólico-verbal, e imagética entre grupos mais amplos e diversos. A estrutura que se forma a partir da conexão dos atores será aprofundada ao longo deste trabalho, para melhor compreender os jogos de poder, os conflitos, os círculos de identificação e as representações simbólicas entrelaçadas nessas relações sociais.

Queremos deixar claro que esta será uma análise exploratória do que os novos espaços de interação, como o Facebook, têm desencadeado nas relações humanas atualmente, a partir de alguns recortes: as mudanças no comportamento e no uso da língua, o poder de expor a opinião e os laços de identidade entre os atores que formam uma rede. O recorte sobre as alterações no comportamento está intrinsecamente ligado às mudanças no uso da linguagem, desde a forma de escrever, ao modo como tratar o outro, numa interação de atores heterogêneos. Exemplo disso, são frases como a que encontramos numa publicação de um vídeo que mostra uma mulher obesa, de biquíni, dançando na praia<sup>4</sup>:

J.M.P: Nossa Sexta Feira também abrem as portas para o Inferno pq o capeta ta dançando  
 E.F: Satanas es tu satanas ??  
 V.A.A.: Que visão do inferno!! Kkkk  
 E.L: mulé feia não a Boba da pxt !

Já as análises que focamos sobre a ampliação dos espaços de opinião, revelaram-se para nós em comentários de seguidores que lutavam por sua autoridade em opinar e que reconheciam o Maceió Ordinário como o lugar legítimo para isso<sup>5</sup>:

J.M:(...) Aqui é uma pagina aberta a comentarios e opinião entao respeitem a minha.  
 A.P.L: Se não querem opinião então postem no privado (...)  
 M.L: Se não aceita opinião, é só descurtir a página.

---

<sup>4</sup> Anexo 1

<sup>5</sup> Exemplos retirados de postagens distintas

E em meio a uma diversidade de temáticas e de pessoas de diferentes raças, classes e origem, o Maceió Ordinário assume o papel de colaborar com a formação de um sentimento de pertencimento entre os seguidores. A identificação com o lugar (bairro ou cidade) e seus símbolos (bezas naturais, regionalismo linguístico, personalidades, cultura, etc.) aparece em situações que agregam ou separam as identidades<sup>6</sup>.

J.D: MinhaMaceió,linda como sempre

R.P: Alguma dúvida onde fica o paraíso...? Te amo, minha linda Cidade Maceió!!!

E.L: Isso é Maceió... Sem cometários com o serviço público... Escasso e inexistente....

M.C: Pra ter as coisas aqui em Maceió é complicado demais. Povo sem educação.

J.M: (...) Varios esgotos podres destruindo a orla lagunar agora como é na "orla" ai chamam de lingua negra pra ficar chique!

A nossa contribuição se dá para o início de um extenso campo de estudo. Para ajudar nas investigações iniciais, foram analisados os cenários de sociabilidades e interações na internet, adaptando os conceitos de Simmel sobre essas duas premissas que se diferem e ficam ainda mais evidentes nas redes sociais virtuais.

De acordo com o pensamento de Simmel (2006), para que haja sociabilidade é preciso que todas as pessoas envolvidas extraiam prazer na sociação, que além da interação motivada por interesses e necessidades específicas, os indivíduos se relacionem em função de um “sentimento e por uma satisfação mútua de estarem socializados” (p. 64). Levando essa definição para as relações estabelecidas entre os seguidores de uma *fanpage* do Facebook, podemos compreender que assim como existem sociações, ou seja, formas que se realizam por razão de “interesses sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, motivados pela causalidade ou teleologicamente determinados” (p. 60), a exemplo de amor, afeto, desejo, diversão, alegria, etc., existem também os “fatores de dissociações”, como ódio, inveja, repulsa, entre outros, causadores de conflitos que mesmo sendo uma interação, por si só, não exercem uma sociabilidade, já que os envolvidos não têm satisfação com o vínculo.

Antes de nos aprofundarmos nos recortes dos fenômenos citados, julgamos importante fazer uma breve explanação sobre o que se entende por rede de relacionamento

---

<sup>6</sup> Exemplos retirados de postagens distintas

na internet e as suas principais especificidades em relação ao bojo das dinâmicas de relação social.

### **As redes virtuais e presenciais com suas interações nas perspectivas sociológicas**

É a partir do início do século XX que começam a aparecer as investigações da sociedade com base no conceito de rede, não apenas dissecando os fenômenos, como também estudando cada uma das suas partes separadamente para compreender o todo, como um modelo analítico-cartesiano. O foco durante o século passado foi voltado para o fenômeno constituído das interações entre as partes (Recuero, 2009). O estudo de redes foi iniciado por matemáticos e depois adotado em diversos ramos das Ciências Sociais.

Para traçar um panorama geral sobre o conceito de redes, trazemos à luz a metáfora do matemático Leonard Euler (Buchanan, 2002; Barabási, 2003; e Watts, 2003 e 1999 *apud* Recuero, 2009), que utilizou pela primeira vez fazendo referência ao que ficou conhecido como o enigma das Pontes de Königsberg. A cidade prussiana de mesmo nome tinha sete pontes que cruzavam o rio Pregolya e, folcloricamente, conta-se que a diversão dos habitantes da época de 1730 era tentar resolver o problema de atravessar a cidade cruzando cada uma das pontes apenas uma vez. Foi então que o matemático Euler provou que esse feito era impossível sem que se repetisse o caminho. Ele criou a teoria dos grafos, conectando as quatro partes terrestres com as sete pontes formando nós e conexões para mostrar que era preciso pelo menos duas pontes para entrar e sair em cada parte da cidade. Um grafo, com suas interdependências é a representação de uma rede que pode ser utilizada como metáfora para vários sistemas, sejam eles um conglomerado de rotas de voos com seus aeroportos, órgãos e suas vias de interação biológicas, sejam eles, como nos interessa analisar, os indivíduos e suas interações na sociedade.

A partir desta constatação, a teoria dos grafos e suas implicações receberam força dentro das ciências sociais, principalmente, através de estudos fortemente empíricos, que deram origem ao que hoje é referenciado como Análise Estrutural de Redes Sociais (Degenne e Forsé, 1999; Scott, 2000; Wasserman e Faust, 1994; entre outros). A proposta dessas abordagens era perceber os grupos de indivíduos conectados como rede social e, a partir dos teoremas dos grafos, extrair propriedades estruturais e funcionais da observação empírica. (RECUERO, 2009, p. 20)

Recuero (2009) destaca também que a abordagem de rede permite relacionar os aspectos sociais do ciberespaço, estudando, por exemplo, “a criação das estruturas sociais, suas dinâmicas, tais como a criação de capital social<sup>7</sup> e sua manutenção, a emergência da cooperação e da competição; as funções das estruturas e, mesmo, as diferenças entre os variados grupos e seu impacto nos indivíduos”. É justamente este um dos pontos da nossa análise no presente trabalho. Partindo da observação de como as pessoas estão se manifestando quando colocadas em determinadas situações num tipo de interação, analisamos o que isso tem causado e modificado em determinados aspectos das relações atuais, haja vista nossa pesquisa ter sido realizada numa plataforma virtual onde as interações são mediadas por algum dispositivo eletrônico.

Com o frequente interesse da Sociologia pelo tema das redes sociais, é importante esclarecer as perspectivas conceituais sobre ele. Podemos destacar aqui o trabalho de Granovetter (1974) a respeito dos laços fortes — os indivíduos que têm uma relação de parentesco ou vínculo de amizade — e dos laços fracos — aquelas pessoas com quem não se tem intimidade, os colegas. O autor rompe com a sociologia tradicional ao propor a análise do padrão de conexão entre os indivíduos, ou seja, o grau de coesão social nos grupos em relação a recursos como dinheiro, afeto, informação, etc. Para Granovetter, as decisões mais consistentes dos indivíduos são baseadas em quanto mais fortes forem os vínculos nas suas redes, ou seja, os “laços fortes”. (KAUFMAN, 2012). Quase uma década depois da publicação do artigo sobre o tema, Granovetter revê alguns conceitos e chama atenção para a importância dos “laços fracos” para a disseminação da inovação. Segundo o autor, esses laços são fundamentais por serem redes de indivíduos com formação e experiências diversas, diferente do que acontece com quem compartilha laços fortes: geralmente são pessoas do mesmo círculo social. Para ele, são os nossos laços fracos que vão nos conectar com vários grupos, nos fazer adquirir informações de partes mais distantes do nosso próprio sistema social, estaremos, portanto, abertos a novos conhecimentos e evitaremos o isolamento (Kaufman, 2012).

Apesar de não ser um analista de rede, já que seus trabalhos foram desenvolvidos num contexto anterior à expansão da *web*, o pensamento de Granovetter sempre esteve associado ao estudo da interconexão entre os indivíduos. A teoria dos laços fracos ficou

---

<sup>7</sup> Para Coleman (1990), capital social é o conjunto das relações em que o indivíduo está inserido e que o ajudam a alcançar objetivos, portanto, o capital social não é localizado nos indivíduos e, sim, nas relações entre eles. Já Bourdieu (1980b, p. 87) define o conceito como “o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de **inter-reconhecimento**”.

ainda mais evidente quando aplicada no ambiente do ciberespaço, com a formação das chamadas “comunidades virtuais”, que se expandiram a partir de 1994 e se popularizaram depois de 2004, com as redes de relacionamento da internet, em que milhares de pessoas interconectadas são intituladas de “amigos”, mas não passam de uma coleção de perfis de laços fracos.

É na internet que está constituída a Sociedade em Rede, conceituada por Castells (2002) por uma sociabilidade numa dimensão virtual. Contudo, trataremos no presente trabalho sobre as interações instituídas a partir da plataforma digital, mas que estão imbricadas nas relações sociais de cada indivíduo, mesmo quando ele não está conectado. Em se tratando de interações entre os indivíduos numa relação que não é mediada, a chamada “face a face”, vamos dialogar com alguns conceitos de Schutz, Goffman, Simmel e Elias, dos quais trataremos a seguir.

Apegamo-nos, então, ao pensamento de Schutz (1989) e Goffman (1985) sobre os papéis sociais que desempenhamos nas relações sociais que mantemos ao longo da vida. Para o sociólogo alemão, criamos uma espécie de personagens que vão atuar de acordo com o cenário da situação a que somos expostos, com nossas experiências anteriores e nossas expectativas futuras. O papel de marido desempenhado em casa, para Schutz, seria diferente do papel do homem que vai comprar pão e projeta outras expectativas ao sair de casa, já que ele passa a ser consumidor.

Nesta mesma linha, Goffman utiliza-se da perspectiva teatral para explicar os jogos de representação que o indivíduo apresenta nas relações face a face. O autor afirma que “o papel que um indivíduo desempenha é talhado de acordo com os papéis desempenhados pelos outros presentes” (GOFFMAN, 1985, p.9 *apud* Bodart, 2012). Isso explicaria o comportamento das pessoas diante das pressões sofridas nos diversos ambientes que convivem. Para o autor:

Quando permitimos que o indivíduo projete uma definição da situação no momento em que aparece diante dos outros, devemos ver também que os outros, mesmo que o seu papel pareça passivo, projetarão de maneira efetiva uma definição da situação, em virtude da resposta dada ao indivíduo e por quaisquer linhas de ação que inaugurem em relação a ele. (GOFFMAN, 1985, p.18, *apud* Bodart, 2012)

É neste sentido que podemos nos apropriar do pensamento do autor para entender algumas relações interacionais que não se constituem face a face, mas que também são construídas de acordo com as tensões apresentadas. No caso das interlocuções nos sites de relacionamento, as pessoas agem em resposta às situações colocadas pelos outros.

Assim, se alguém tece um comentário de determinada forma, pode induzir muitas pessoas a emitirem uma opinião seguindo a mesma linha de raciocínio, ou, por outro lado, sentirem-se constrangidas em relação àquilo.

Essas dinâmicas que nos chamam atenção no presente trabalho muito têm a ver com a ideia de interação e sociabilidade encontradas em Simmel. O autor explica que a sociabilidade é a forma de interação característica da modernidade. Ele compreende que o indivíduo não é apenas um integrante de um grupo social, isolado, mas está o tempo inteiro ligado a outros indivíduos pela influência mútua exercida entre eles na sociedade. Já por sociedade, Simmel (2006) explica, grosso modo, que é a soma dos indivíduos em interação e refletida a partir do binômio “forma” e “conteúdo”. Há de se destacar, portanto, que uma interação seria constituída por dois objetivos centrais: “determinados impulsos” ou por uma “busca de certas finalidades”.

Formam uma unidade, entendida como sociedade, os indivíduos que possuem impulsos tais como:

Instintos eróticos, interesses objetivos, impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, ajuda, doutrinação e inúmeros outros fazem com que o ser humano entre, com os outros, em uma relação de convívio, de atuação com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros. (SIMMEL, 2006, p.59-60)

Esses, portanto, seriam o conteúdo que, por si só, não fazem uma interação. A dinâmica interacional só terá sentido quando eles se transformarem em formas de “estar com o outro, ou ser com o outro em determinada sociação” (ALVES, 2013). Destarte, entende-se por interação a forma como determinados impulsos, desejos e sentimentos — definidos na obra de Simmel como conteúdos — são realizados conforme o indivíduo “sai da individualidade em busca de certas finalidades cujo objetivo consiste em se sociar com o outro num universo de diversas possibilidades” (Idem).

Conforme vimos, não é um fenômeno novo o fato de sermos integrantes de redes, afinal, como destaca Elias (1994), nós nascemos e passamos nossas vidas em cadeias de ação que se estendem no tempo e no espaço. O sociólogo criou uma teoria que vai contra a ideia “totalizadora” ou “individualista” encontrada em algumas versões do estruturalismo e do funcionalismo de Parsons. Para o autor, os processos sociais são baseados nas atividades dos indivíduos que são orientados por suas necessidades, moldadas em relação aos outros seres humanos. As teias de interdependências formadas por esses indivíduos dão origem às configurações de vários tipos como família, aldeia, cidade, estado, nação, ou seja, grupos pequenos ou grandes.



Levamos as contribuições desses autores para analisar as socializações formadas com o advento da internet. Foi na web que surgiram redes de relacionamentos como o extinto Orkut, o Facebook, o Twitter e tantas outras plataformas que permitem novos tipos de interação e dinâmicas de comportamento diferentes, se comparadas a outros períodos da história. Recortamos alguns tópicos que julgamos importante analisar pela frequência com que aparecem no objeto de estudo, a partir do fenômeno da ampliação dos espaços constituídos para as novas formas de vida social.

Nosso *locus* de estudo é o Facebook, a rede social virtual com o maior número de usuários ativos no mundo. É também a plataforma mais acessada no Brasil, utilizada por 83% das pessoas que possuem um perfil de rede social, de acordo com um relatório feito pela Secretaria de Comunicação da Presidência da República sobre o consumo de mídia pela população brasileira<sup>8</sup>. A mesma pesquisa mostrou que entre as razões pelas quais o brasileiro usa a internet estão: 67% usam para se divertir, como entretenimento; 67% usam para se informar, 38% para passar o tempo livre; 24% para estudar; 20% motivados por um programa ou matéria específica e 16% como companhia. Trazemos esses números para nos ajudar a compreender, mesmo que superficialmente, as razões pelas quais o usuário da internet está procurando acessar a rede, possibilitando, portanto, manter o contato com grupos heterogêneos de pessoas que nunca se viram antes, nem estabeleceram nenhum tipo de vínculo. Essas categorias não são excludentes.

Para realizar a análise do fenômeno, definimos como objeto de estudo o grupo Maceió Ordinário, atualmente com mais de 249 mil seguidores, ou seja, usuários do Facebook que curtem a *fanpage* e recebem informações sobre todas as postagens diariamente nos seus *feeds de notícias*<sup>9</sup> pessoais. A partir das dinâmicas encontradas na referida página, passamos a observar como se dão as relações sociais neste espaço virtual mediado por um dispositivo eletrônico e apontamos algumas das alterações na forma de se comunicar e de criar vínculos que constatamos no decorrer da pesquisa, explorando-as de forma parcial, sugerindo a viabilidade de novas linhas de investigação. Reforçamos que o nosso objetivo é apontar como as pessoas têm reagido às interações no Facebook, a partir, especificamente, do grupo de seguidores do Maceió Ordinário, e quais foram as

---

<sup>8</sup> Dados divulgados no relatório intitulado Pesquisa Brasileira de Mídia – hábitos de consumo de mídia pela população brasileira, edição 2015.

<sup>9</sup> Segundo consta na Central de Ajuda do Facebook, é o termo usado para indicar a lista de atualizações sobre as pessoas e páginas que o usuário segue. Neste espaço incluem-se vídeos, fotos, links, atividades dos aplicativos, etc.

principais transformações evidenciadas com esse novo tipo de relação social: a que se estabelece na internet.

Para chegarmos aos dados utilizados neste trabalho, optamos pela observação documental como modelo metodológico, visto que o Facebook facilita a pesquisa exploratória tornando públicos os conteúdos das *fanpages*, ou seja, mesmo que o internauta não seja seguidor de determinado site, ele tem livre acesso às informações das postagens, dos comentários escritos, fotos e vídeos. Num primeiro momento, acompanhei diariamente todas as publicações e dinâmicas nos comentários da página, ao tempo em que visitei conteúdos publicados anteriores ao início da minha pesquisa, para ter uma ideia de como os dados se comportaram, dos assuntos mais recorrentes e dos que mais repercutiram com conflitos nos comentários e números de curtidas e compartilhamentos.

Com um vasto material compilado num diário de pesquisa, passei a explorá-lo para entender como o criador e os seguidores se comportavam em relação às postagens. Essa tarefa me chamou atenção para o recorte que encontrei justificando a hipótese do Maceió Ordinário ser um importante espaço de novas socializações. Separei os capítulos deste trabalho baseados nas informações que foram se desnudando de acordo com o avanço das interações na *fanpage*, quais sejam: a linguagem frequentemente utilizada, a marcante forma de expressar as opiniões pessoais e a persistente presença de temas relacionados ao Estado de Alagoas enquanto lugar, cultura e patrimônio.

Ao ter uma amostragem desses conteúdos, realizei uma entrevista com o criador do Maceió Ordinário, Diogo Moreira, no modelo trajetória de vida, buscando respostas que pudessem, de alguma forma, justificar ou explicar a conduta do moderador nas postagens do grupo. Essa parte foi importante para a continuidade da pesquisa, visto que o acompanhamento das publicações clareou as ideias e me permitiu entender algumas lógicas de funcionamento da página, após conhecer um pouco mais da vida particular do moderador (é importante dizer que também acompanho o perfil social de Diogo Moreira em outra rede de relacionamento, cujo objetivo é expor os acontecimentos do seu dia a dia).

Os trechos das citações retiradas dos comentários e das postagens que utilizei neste trabalho foram selecionados para nossos apontamentos sobre as transformações ocorridas nas interações das relações sociais estabelecidas na *fanpage*. Mesmo o conteúdo sendo público, optamos por abreviar os nomes dos autores dos comentários apenas com as iniciais de nome e sobrenome, a fim de preservar a identidade dos seguidores do grupo.

Entretanto, disponibilizamos nos anexos todos os links das postagens analisadas durante a pesquisa.

### **A importância sociológica do objeto de estudo**

Meu interesse por estudar o fenômeno da ampliação dos novos espaços de relações sociais surgiu a partir das observações do extinto grupo criado no Facebook denominado “Alagoas - Estado de Emergência”, que nasceu da iniciativa de um grupo de amigos comovidos com a morte de um médico, que foi baleado durante um assalto num dos bairros nobres de Maceió. As pessoas reuniram-se por meio da internet após um fato violento. O grupo se formou e, aos poucos, vários usuários foram solicitando aderir à comunidade como seguidores. Automaticamente, a permissão era consentida, já que a página tinha<sup>10</sup> em sua configuração a característica de livre acesso. A comunidade angariou mais de 20 mil membros em menos de 24 horas e se destacou como um fenômeno na internet, veiculado pela imprensa local, em sites de notícias como o TNH1<sup>11</sup>, Alagoas 24 horas e Gazeta Web, além de telejornais das afiliadas da Rede Globo e Rede Record.

Vemos aqui a ideia de formar grupos virtuais para constituir algum tipo de laço. Porém, o ponto que despertou interesse foi o problema de que os depoimentos e pontos de vista publicados ali poderiam refletir diferentes noções de representação da violência enquanto fenômeno social. As pessoas opinavam sobre a falta de segurança, sobre a omissão do Estado, emitiam julgamentos que envolviam classe social, raça, educação, elencavam uma série de problemas e soluções, como se o que elas escreviam naquele espaço fosse legítimo. Cada um com a sua verdade incontestável. No meio de tantos pontos de vista diferentes, observei que além das reflexões levantadas, o internauta tinha diferentes formas de se expressar. Isso significa dizer que a linguagem utilizada pelas pessoas que estavam interagindo apresentava diferentes padrões de simbolizações.

Diante disso, impressionava o uso constante de xingamentos, ofensas, gírias, erros ortográficos e frases que misturavam palavras sem a menor preocupação de coerência.

---

<sup>10</sup> Apêndice 1

<sup>11</sup> No dia 28 de maio de 2012, a manchete do site TNH1 era: “Morte de médico gera revolta e sociedade articula protesto”. Com trechos extraídos da comunidade do Facebook, a notícia relata como as pessoas estão usando as redes sociais para compartilhar fotos e opiniões sobre os assaltos em Maceió. O texto traz ainda um pedido do filho da vítima para que a sociedade compareça a um protesto. (Apêndice 2)

Podemos levantar algumas questões mediante o exposto, a pensar sobre como se dão as relações sociais na internet. Há diferenças consideráveis na maneira de tratar o outro? De se dirigir ao outro? Como isso tem modificado a forma como escrevemos, falamos e pensamos? Até que ponto nossas opiniões particulares se tornam interesses públicos? Como aprendemos a opinar sobre qualquer assunto? Antes da internet não era possível falar sobre qualquer coisa em qualquer lugar. Além disso, as informações só chegavam ao receptor por meios não interacionais, como o rádio, a televisão, os livros, etc. Thompson (1995), em seus estudos no campo da Teoria Social Crítica na era dos meios de comunicação de massa, chamou atenção para uma das grandes alterações da cultura moderna, a “quase-interação”: um tipo de interação que se dá quase que exclusivamente de forma unilateral, porque proporciona apenas poucas chances de resposta do público receptor. Diferente do que ocorre hoje nas redes sociais da internet, onde os espaços de interação foram ampliados e se tornaram via de mão dupla.

Infelizmente, não tenho registros documentais do que encontrei no grupo Alagoas – Estado de Emergência, porque as minhas observações descritas aqui foram feitas numa fase em que eu era apenas usuária da rede social Facebook e ainda não pesquisadora. Entretanto, quando despertei para o conteúdo como um problema sociológico, precisei definir um objeto de estudo que pudesse reunir todos esses elementos.

Foi então que delimito minha análise numa comunidade virtual ativa com maior número de seguidores de Alagoas: Maceió Ordinário<sup>12</sup>. O nome foi dado pelo criador Diogo Moreira, à época um estudante de publicidade com 20 anos. Segundo conta em depoimento, a ideia veio por acaso enquanto pensava em criar um espaço na internet onde pudesse mostrar o que acontece na capital alagoana com um diferencial: de forma bem humorada. Logo de imediato, o humor como sociação apareceu para mim como o ponto chave entre as duas comunidades que diferenciava o declínio da primeira e a ascensão da segunda.

Constatei que os espaços de interação foram em direção oposta à do Alagoas – Estado de Emergência, ou seja, cresciam de forma vertiginosa, (em poucos meses após a criação, o Alagoas – Estado de Emergência não tinha a mesma frequência de inserção de novos membros e logo começou a declinar, até que em pouco mais de um ano acabou definitivamente. Já o Maceió Ordinário passou de 30 mil membros para 70 mil e 100 mil

---

<sup>12</sup> Apêndice 3

em menos de um ano. Hoje [2015] tem mais de 249 mil e o número de seguidores continua a crescer).

Uma infinidade de temas vira assunto de postagem com centenas de comentários em resposta, curtidas e compartilhamentos — ferramentas disponíveis para os usuários. Política, infraestrutura, educação, transporte público, belezas naturais e personalidades locais apareceram em fotos e vídeos logo nos primeiros dias de criação do grupo, em dezembro de 2011, tendo como característica a exposição das próprias interpretações do criador sobre determinados fatos/coisas/pessoas num viés divertido, que os participantes se identificassem de alguma forma.

O fato de o objeto de estudo ser uma comunidade que tem o humor em seu escopo também nos instigou a alguns questionamentos. Como o humor pode integrar os internautas ou afastá-los mediante interpretações informais que conotem humilhação, preconceito e constrangimentos? Como os atores regulam as expressões para convivência e praticam autorregulação para manter harmonia ou controlar as tensões? Ainda podemos encontrar no contexto da busca pelo entretenimento numa página virtual demonstrações de condutas que têm raízes históricas e podem ser explicadas se tomarmos por base os processos de transformações da sociedade alagoana e suas ligações com processos de transformações mundiais. Mais adiante, serão aprofundadas também essas perspectivas, para compreender como estão ocorrendo essas mudanças nas redes sociais.

### **As lógicas das redes de relacionamento da internet**

Não é exagero dizer que a pressão para estar inserido numa rede de relacionamento virtual é elevada nos dias de hoje, principalmente para a geração dos mais jovens que já nasceu num período em que a internet estava popularizada. É muito simples criar um perfil pessoal numa rede social como o Facebook, por exemplo, e com a disseminação dos aparelhos eletrônicos que permitem o acesso à web de forma cada vez mais barata e rápida, permitindo que haja novas formas de se comunicar, de interagir, de buscar informações, de conhecer lugares, e tantas outras maneiras de se socializar.

Recuero (2009) aponta a mudança na noção de localidade geográfica como uma das mais importantes da comunicação mediada por computador nas relações sociais, embora não tenha sido a internet a primeira responsável por essa transformação. Castells (2003, p.106) explica que o desaparecimento do “lugar” geográfico como forma de sociabilidade não é um elemento recente, mas que nada tem a ver com o advento

exclusivo da internet. Desde o surgimento dos meios de transporte — como o trem e os automóveis — e os de comunicação — como a carta e o telefone —, deu-se início o processo de expansão das interações sociais.

Contudo, os limites geográficos para estar em contato com o outro alteraram-se com a disseminação das relações pelas redes sociais da internet. Para Rheingold (1995, *apud* Recuero, 2009), a causa do surgimento das comunidades virtuais está relacionada ao aumento do uso de ferramentas que possibilitam novas formas de se conectar ao outro, de estabelecer relações em outros meios, já que está cada vez mais difícil encontrar espaços de interação social devido ao ritmo de vida que as pessoas estão levando. Esta concepção é para o autor, um esforço no sentido contrário à teoria de Oldenburg (1989) sobre o desaparecimento dos terceiros lugares. Segundo Ray Oldenburg, há três categorias de lugares importantes na vida de uma pessoa. Os primeiros seriam onde está a família: o lar; os segundos lugares são os do trabalho, onde nascem as relações profissionais; e os terceiros lugares mais importantes para um indivíduo seriam onde as relações sociais são constituídas, ou seja, os parques, os *pubs* e os espaços de lazer.

Em seus estudos da sociedade norte-americana, Oldenburg (1989) constata que a vida atribulada das pessoas, o surgimento das metrópoles e o aumento nos índices de violência estariam contribuindo para o declínio dos terceiros lugares, os mais lúdicos, de prazer e essenciais às sociedades humanas. Volto então para a ideia de Rheingold de que as comunidades virtuais estariam resgatando os laços sociais por meio do surgimento de grupos com características comunitárias decorrentes da interação mediada por computador.

De início, podemos dizer que essa lógica de funcionamento das redes de relacionamento é admitida. Entretanto, sabemos que todo convívio social onde pessoas diferentes exercem vários tipos de sociação gera diferentes níveis de interação. Rheingold (1995, p.20 *apud* Recuero, 2009) é um dos primeiros autores a utilizar o termo “comunidades virtuais”, definindo-as como “agregados sociais que surgem da Rede [internet], quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no ciberespaço”.

Esses novos espaços de discussões públicas, a princípio parecem democráticos, mas esbarram em diversas perspectivas sobre acesso das classes econômicas inferiores, hierarquia, poder, graus de instrução e outros debates que não nos aprofundaremos neste momento. Queremos apenas realçar que o uso das redes de relacionamento também

transformou todos esses aspectos e incidiu diretamente em algumas práticas sociais as quais vamos apontar durante o trabalho, a saber: a flexibilização dos comportamentos e do uso formal da língua para se comunicar na internet; a legitimidade na emissão de opiniões e a formação do senso de pertencimento do lugar onde as relações sociais se estabelecem fisicamente, ou seja, nasce na internet para orientar na vida social *offline*.

# Capítulo 1

**As redes sociais como espaços informais de interação**



### **1.1: O que a história tem a ver com a informalização das relações após a invasão dos leigos na internet**

Como já dissemos, a atual fase da internet, conhecida como web 2.0, é marcada por uma rede mais colaborativa, com participação ativa dos usuários. Foi a partir da década de 90 que as máquinas computacionais tornaram-se mais familiares para algumas pessoas que não possuíam conhecimento técnico sobre elas. As máquinas já não eram encaradas como novas e sofisticadas ferramentas, “mas como um ambiente, um espaço a ser explorado” (Johnson, 2001, p. 23 *apud* Cypriano, 2013).

Os novatos na internet eram pessoas comuns, curiosos sobre o ambiente digital que era acessado pelas telas do computador. Segundo Castells (2003, p. 46), os recém-chegados “desenvolveram e difundiram formas e usos na rede: envios de mensagens, listas de correspondência, salas de chat, jogos para múltiplos usuários”. As invenções sociais levadas para a internet por milhões de usuários não pararam mais e muitas vezes se tornaram padrões socialmente aceitáveis, a exemplo da linguagem utilizada nas redes de relacionamento e o tratamento descontraído entre os próprios internautas.

Grosso modo, as redes sociais funcionam assim: é preciso cadastrar um endereço eletrônico (e-mail), informar que é maior de 13 anos (sem precisar comprovar) e marcar a opção que concorda com as regras impostas, no caso do Facebook, aceitar que não é permitido compartilhar conteúdo pornográfico, incitar a violência e participar de negócios ilícitos, entre outras normas de condutas que poucos leem, a maioria sabe e muitos não respeitam. Aí é só começar a procurar os “amigos” entre milhões de nomes e codinomes para formar a rede virtual e viver em sociedade no ciberespaço.

Protegido por trás de um dispositivo como um celular ou um computador, os integrantes da rede conversam e interagem com qualquer pessoa que também faça parte da mesma rede de relacionamento, sem a necessidade de adicioná-la ao seu grupo de amigos. Assim como acontece na nossa vida cotidiana, na qual cruzamos com pessoas nas ruas, na academia, no local de trabalho, na igreja ou num parque, os internautas se encontram à medida que “navegam”, por exemplo, pelas *fanpages* de celebridades, de uma empresa, ou de grupos formados por atrativos em comum, como comidas específicas, *fitness*, religião ou entretenimento, que é o caso do Maceió Ordinário, nosso objeto de estudo.

Esses espaços de interação para as pessoas que se encontram conectadas em rede pela internet permitem condutas que aqui chamaremos de informais<sup>13</sup>, que em outras épocas eram impensadas, como a exibição do corpo em público, a ofensa direta a alguém que não conhece, o uso de palavras de baixo calão ou aspectos mais simples como emitir uma fala de maneira ortograficamente errada. Para compreender o que queremos dizer com isso, é necessário contextualizar alguns conceitos baseados nos estudos de Norbert Elias e Cas Wouters, fazendo um resgate histórico e trazendo a aplicação deles para os dias atuais, com a intenção de entender como se deu o processo de transformação das relações.

Uma das obras mais conhecidas de Elias, *O processador Civilizador*, escrito em dois volumes (*Uma história dos costumes e; Formação do Estado e civilização*), resume dados empíricos retirados dos manuais de boas maneiras publicados da Idade Média até o século XIX e que foram responsáveis por transformações na vida pública, ditando condutas e modos de comportamento social. O autor propõe uma tese sociológica de que essas transformações foram o ponto de partida para o que chama de processo civilizador nas sociedades ocidentais, ou seja, o ser humano muda o *habitus* (estruturas psíquicas) rumo a uma autocoação dos impulsos cada vez maior (Elias, 1994). Ele defende que a estrutura das relações, o modo de organizar o comportamento humano, muito têm a ver com êxitos científicos, formas estatais, organização política, etc. Voltemos à história para melhor compreensão.

Elias escolhe a corte francesa do reinado de Luís XIV, entre os séculos XVII e XVIII, para fazer suas análises sociológicas das relações sociais existentes nas sociedades do Antigo Regime. Ele procura compreender o surgimento de uma cultura cortesã, com a soberania do rei e as interdependências da nobreza assumindo o papel de súditos reais e fazendo surgir uma sociedade de corte, onde tinha a si mesma como centro de poder (Elias, 2001). Era a “boa sociedade” que levava em conta o status social, o ethos dominante era o estamental, onde a aparência contava mais do que o dinheiro, era preciso ter um título de nobreza, prestígio perante o rei, e para isso, algumas regras de cerimonial e etiqueta eram seguidas (Ibidem, p.101). O rei controlava seus súditos dando-lhes obrigações que faziam parte de um ritual para ser seguido, em troca de favores e privilégios para a nobreza e suas famílias.

---

<sup>13</sup> Nos basearemos nos estudos de Cas Wouters (2007) sobre o processo de informalização do comportamento.

O autor conta em seu livro *A Sociedade de Corte* (2001) que as tensões entre nobreza e burguesia eram constantes, para que ninguém abandonasse aquelas funções que se tornaram um fardo, por isso precisavam ter cuidado com os gestos, as emoções e as ações, a fim de que seus valores fossem conformados pelos outros que observavam. As pessoas passaram a incorporar os aconselhamentos de boas maneiras em suas vidas públicas e privadas para manter o *status* e o prestígio na boa sociedade. A vida na sociedade de corte não era pacífica, os frequentes conflitos existiam pela grande quantidade de pessoas lutando por privilégios e para se inserir na hierarquia de prestígios. Em meio a isso, a sociedade cultivava a arte da observação para perceber no outro, gestos, expressões e habilidades que pudessem revelar intenções. É importante destacar também que esse exercício de observação inclui a auto-observação das próprias condutas, para detectar oportunidades de prestígio, um passo para a ascensão social por meio da manipulação, de alianças, ou de armadilhas para evitar a ascensão do outro (Elias, 1993b).

Como se esperava desse seletivo grupo um diferencial pela posição social, os membros da boa sociedade frequentavam salões sociais onde podiam destacar suas qualidades que os distinguiam das classes inferiores, a exemplo do modo de se vestir, com elegância e de falar, num tom mais baixo, mais contido.

A boa sociedade era uma espécie de reunião de ambos os sexos que tinha por objetivo distinguir-se da má sociedade, isto é, das reuniões vulgares e da sociedade provinciana, pelo cumprimento de regras agradáveis, pela polidez, pela amabilidade, pela delicadeza das maneiras, pela arte da cortesia e do comportamento requintado... A 'boa sociedade' determinava com toda a precisão a aparência e o comportamento, a conduta e a etiqueta (ELIAS, 1993b, p.83).

A distância social era visível e as condutas, contudo, entre aqueles reconhecidamente do mesmo círculo, baseavam-se numa regra básica de boas maneiras: tratar o outro na base da igualdade.

Muitas vezes, isso foi expresso naquilo que passou a ser conhecido como "Regra de Ouro" das boas maneiras: faça aos outros o que gostaria que fizessem a você. Alguns eram tratados com relativa intimidade, outros eram tratados com reserva e mantidos, portanto, a uma distância social. As questões que eram apropriadamente introduzidas ou introduzíveis, e as que não eram, por esse motivo, se faziam igualmente importantes. Detectar indesejáveis e manter certa distância de estranhos era uma questão de grande preocupação (CURTIN, 1987 in Wouters, 2012).

Em suma, pertencer a um grupo social diferenciado, distanciado do resto da população era característica da nobreza cortesã. Isso tem implicação para Elias (1993b)

com o conceito de *honra*, que é a pertença ao grupo predominante, à “boa sociedade”, portanto, perder sua honra significa “um perigo total para aquilo que, em seu sentimento, dava sentido e valor à sua vida” (ELIAS, 1993b, p. 105 in Garcia, 2008), ou seja, estar inserido nesse grupo seletivo ou perder parte da posição social dentro dele.

Destarte, o fim da monarquia absolutista chegou décadas mais tarde, fruto do constante empobrecimento da nobreza, de maiores oportunidades para a burguesia e do processo de urbanização e industrialização que marcou o século XIX e foi mudando, também, o comportamento humano, a estrutura afetiva dos grupos. Algumas coisas que em séculos passados eram tidas como habituais e cotidianas, podem causar “repulsa ou sentimento de aversão em nossa sensibilidade” séculos depois (Garcia, 2008). Com o período pós-Revolução veio o “medo da falácia da informalização”, que Cas Wouters (2008) destaca nos seus estudos dos manuais de boas maneiras e que vamos trazer aqui no contexto das transformações sociais, isto é, algumas formalidades impostas simplesmente porque é “como manda o decore” e que foram sendo flexibilizadas ao longo do tempo.

A educação dos jovens do passado, como destacou Elias, era baseada nos aconselhamentos dos “manuais de etiqueta”, que determinavam regras, por exemplo, de como sentar à mesa, utilizar os talheres, os lenços, e de comportamentos relativos às necessidades biológicas como cuspir, assuar o nariz ou expelir gases. Essas formalidades impostas foram naturalizando-se com o passar das gerações, primeiro entre as classes mais altas — como já dissemos, para se manter na boa sociedade — e depois, no restante das sociedades, incorporando alguns argumentos do que é “decente”, “vulgar” ou “horrível” numa situação.

Não nos cabe detalhar os textos que Elias inclui nas suas pesquisas, mas queremos enfatizar que ao longo dos séculos os protocolos foram mudando, o que antes era permitido passou a ser proibido, o que antes era comum deixou de ser habitual, as atitudes indecentes tornaram-se toleráveis, e assim foi acontecendo o processo de informalização dos comportamentos, como analisa Wouters (2007) numa extensa pesquisa dos “livros de boas maneiras” de quatro países (Alemanha, Holanda, Estados Unidos e Inglaterra) a partir do final do século XIX até o final do século XX.

Somente para exemplificar, tomamos a ideia da regulação de uma necessidade natural de uma pessoa que é a expulsão de gases. Nos registros dos manuais do século XVI, o recomendado é “esconder o barulho com uma tosse” em vez de fazer com que as crianças “retenham os barulhos apertando as nádegas”, já que poderia causar uma doença.

Dois séculos depois as orientações mudam, quando os livros de etiqueta afirmam incisivamente que “revela grande falta de educação dar saída aos ventos do corpo, seja por cima, seja por baixo, ainda que não se faça ruído algum” (Elias, 1993a, pp. 171-175 in Garcia, 2008). As justificativas para as recomendações da regulação do comportamento são sempre, primeiramente, com características de diferenciação — seja por julgar “vulgar e horrível” devido à posição social, ou por estar diante de um superior — o que significa que estão relacionadas com o trato social, com o reconhecimento do status do outro. Já os argumentos com base higiênica ou sanitária, aparecem de forma secundária, como é o caso da proibição de cuspir em público por ser “prejudicial à saúde”.

Wouters também procurou registros do que pudesse revelar as mudanças nas exigências de regulação das emoções (ou da autorregulação) nas relações entre as pessoas que tinham posições diferentes, sejam de classe ou gênero. Ele comparou transformações em condutas formais e informais, públicas e privadas em simples e corriqueiras situações como apresentações, abordagem pelo nome, cumprimento, beijo social, dança, namoro, horário de visita, convivência no transporte público, etc. É neste ponto que ele fala da “emergência da personalidade de segunda natureza”, em especial para que os mais jovens não cedam aos prazeres imorais, visto que a partir do século XIX os livros de aconselhamento já descreviam o declínio do jovem com sua essência inocente. O forte apelo moral era uma espécie de censura psíquica em forma de censura social, advertindo sobre os “efeitos traiçoeiros” da fantasia, do contato com estranhos e dos pensamentos perigosos que levariam a ações perigosas. Esta primeira natureza, portanto, deveria ser controlada.

Toda essa vigilância que os livros sugeriam era justificada pela tentativa de formar o caráter e a dignidade do homem, a construção social da masculinidade. Wouters destaca alguns termos que foram repetidamente encontrados nas suas pesquisas dos manuais de boas maneiras como “autocontrole”, “autogoverno”, “autonegação” e “autorrestrrição”. Essas expressões, internalizadas para funcionar de forma automática, como uma segunda natureza, tendiam para a ordem — a formalização — que atingiu seu auge na era Vitoriana, de meados do século XIX. Reisman (1950, *apud* Wouters, 2008) chamou a personalidade de segunda natureza como “internamente conduzida”, caracterizada por uma “bússola interior” de hábitos e reflexões fixados.

Impulsos e emoções passaram a ser cada vez mais controlados por meio de um funcionamento, mais ou menos automático, de uma consciência rigorosa com uma forte propensão à ordem e regularidade, limpeza e asseio. Negligência nessas questões indicava uma inclinação para a devassidão. Tais inclinações

deveriam ser cortadas pela raiz, particularmente em crianças. Sem rigorosas regras de controle, a "primeira natureza" poderia vir à tona. Essa velha convicção expressa que o medo da falácia informal é típico das relações mais autoritárias e dos controles sociais, bem como de uma consciência relativamente autoritária. (WOUTERS, 2008)

O autor afirma que isso impulsionou o aumento das pessoas que ficaram obcecadas por disciplina, pontualidade, por uma vida racional, evitando conflitos. “Essa disciplina também se estende para controlar e subjugar as paixões. O controle da raiva, do apetite sexual, da impaciência, precisamente da emoção estão inculcados na psique do homem norte-americano como essenciais ao caráter viril” (Newton 1994, p. 58-59 in Wouters, 2008). Assim, as transformações no comportamento impactaram numa mudança de critério de status, com a ascensão de grandes grupos da classe média, o contato e o convívio com pessoas de diferentes níveis sociais obrigou um número cada vez maior de pessoas a ceder “à falácia informal”, reajustando para mais flexível o controle social e mental.

Já nos livros depois da década de 1930, a autora Emily Post muda a perspectiva de um nível social de boas maneiras para um nível mais psicológico, sugerindo que seria atual ao invés de evitar as pessoas de classe inferior, dever-se-ia evitar sentimentos de superioridade (POST, 1937 in Wouters, 2008). Esse tipo de sentimento passou a ser considerado uma falha da personalidade, porque humilha e provoca indivíduos socialmente inferiores. Ao longo do século XX, os grupos sociais subordinados foram se emancipando, com novos ricos sendo incorporados ao centro de poder e à boa sociedade; portanto, as referências às diferenças hierárquicas tornaram-se um tabu.

Enquanto houve tempo em que pessoas de status inferior eram evitadas, ao longo do século XX, os sentimentos de superioridade e inferioridade é que passaram a ser evitados: o ato de distanciamento social foi internalizado, transformando as tensões entre pessoas em tensões internas às pessoas. Nesse processo, a fórmula que um dia fora natural e que dizia que à superioridade em termos de poder corresponderia uma superioridade do indivíduo enquanto ser humano foi declinando ao ponto de causar profundo constrangimento. Ao tempo que vários tipos de "grandeza" passaram a ser vistos como ultrajantes, um diferente modo de autocontrole passou a ser demandado: um tipo de autorregulação cada vez mais forte e ao mesmo tempo mais flexível, onde sentimentos de superioridade devem ser mantidos sob controle. Todo esse movimento foi um dos motores dos processos de informalização. (WOUTERS, 2008)

Há, então, uma pressão social para que as pessoas desenvolvam meios diferenciados de autoconhecimento e reflexividade, a fim de deixar menos explícitas a superioridade e a inferioridade. Os efeitos disso foram sentidos nas relações entre homens e mulheres, pais e filhos — em especial entre as gerações mais velhas e mais jovens —

governantes e governados e também entre as sociedades europeias e suas antigas colônias, além, claro, da relação do continente com o resto do mundo. Norbert Elias (1997) afirma, portanto, que o século XX “é um século de crescente incerteza de status” devido às mudanças no código convencional de comportamento entre grupos, que era regido de acordo com uma ordem hierárquica mais rígida em séculos passados. As mudanças que Wouters chama de “processo de informalização” diminuíram as distâncias sociais e psíquicas entre as pessoas, a partir do momento em que elas passaram a estabelecer redes de interdependência.

Queremos com esse resgate histórico destacar o que está acontecendo atualmente com as relações sociais que se configuram nos espaços abertos pela internet. Nem Wouters nem Elias deram conta de afirmar para aonde o processo de informalização do comportamento estaria caminhando. Contudo, nossa pesquisa tem o objetivo de indicar alguns passos que ele já demonstra dar no século XXI por meio das redes sociais. A informalização estaria entrando numa nova fase? As redes sociais estariam nos obrigando a formar mais uma maneira de autorregulação das emoções ou de flexibilizar o que seria “decente”, “indecente”, “vulgar”, “horrível” e considerado de “boas maneiras” no ambiente virtual?

Nosso trabalho também não dá conta de responder a esses questionamentos, entretanto permite-nos vislumbrar como os impulsos e as emoções têm se tornado públicos e como as pessoas estão reagindo a isso. Ainda neste capítulo, traremos exemplos retirados da *fanpage* Maceió Ordinário para entender as dinâmicas das relações, o trato social, as condutas e o comportamento dos internautas perante os outros, que causam conflitos, jogos de poder, disputas por *status* e hierarquias implícitas ou explícitas nas interações. Antes, porém, trataremos de outra vertente relacionada ao processo de informalização que destacamos.

## **1.2: As mudanças da linguagem nas inter-relações: a distinção social que integra e afasta**

Em seus estudos, Norbet Elias (1994) faz uma diferenciação importante entre interação e inter-relação. Para o sociólogo, as instituições humanas não podem ser consideradas configurações físicas, mas sim uma rede de inter-relações em constante

movimento. Um diálogo, por exemplo, seria uma inter-relação entre indivíduos, porque há uma modificação interior das partes envolvidas. As instituições e papéis sociais também seriam inter-relações. Já a interação “pode se dar só como relação e reação exterior” (Bonin, 2008, p. 21).

Assim como Elias trata a sociedade como uma rede de inter-relações, de indivíduos interdependentes, sabemos que a linguagem ocupa lugar central — junto à memória — na teoria do conhecimento eliasiana para interpretar como se dá a modelação das pulsões humanas nessa rede de dependências. A língua tem, para o autor, as funções dicotômicas de unir e separar, integrar e desintegrar (Farias, 2004), já que o potencial natural da comunicação linguística precisa ser ativado mediante um processo social individual de aprendizagem. Temos, com isso, as influências do contato social para adquirir conhecimento, o qual é diferente em várias sociedades, já que vivemos em sociedades de cultura e hábitos distintos.

Se nos apoiarmos nesta ideia da interferência social para a formação do conhecimento, podemos fazer um recorte nas mudanças relativas à linguagem utilizada numa interação a partir de indivíduos inseridos em diferentes contextos de uma sociedade. Segundo Elias (1997), o processo civilizador por que a sociedade passou influenciou, inclusive, na forma culta de escrever, na linguagem oral e na informalização das interações. Nosso referencial deste trabalho são os internautas seguidores do grupo virtual alagoano Maceió Ordinário. Contudo, vamos destacar como as transformações históricas antes mencionadas neste capítulo tiveram correlação com a forma de tratamento na linguagem expressa nas redes sociais da internet, em especial, as nítidas diferenças de uso da língua, se formos comparar os mais velhos com os mais jovens, e os indivíduos de classes distintas.

Norbert Elias (1994) ressalta que o cerimonial que uma pessoa de categoria inferior obedecia no trato com alguém de categoria superior era o reflexo de um tipo específico de balança de poder. Por outro lado, a formalização do comportamento não abrangia todos os aspectos da vida de uma pessoa naquele tempo. O autor cita, portanto, que havia um código de comportamento diferente nas relações entre as pessoas de um mesmo grupo social, ou seja, o tratamento era mais informal nas interações mais restritas, reforçando, assim, a questão do poder atrelado à sociabilidade.

Funções humanas de natureza animal, das quais hoje, especialmente em grupos mistos de homens e mulheres, só se pode, no máximo, falar marginalmente e num tom de voz abaixado, ainda podiam, no círculo de Mozart, ser



mencionadas de maneira muito direta. Essas referências eram vistas como moderadas violações de tabu, deliberadamente usadas por homens e mulheres para aumentar a hilaridade da convivência; e assim fazendo, podiam usar expressões que hoje causariam reações de constrangimento e mal-estar, de vergonha e embaraço, não só em grupos mistos, mas também em grupos só de homens. (Elias, p.39)

O autor ratifica que em muitas sociedades é preciso usar códigos diferenciados em determinadas situações sociais. Algumas vezes a conduta formal faz parte do cerimonial de certas categorias, já em outras, um grau mais ou menos elevado de informalidade é apropriado. Com isso, o autor quer dizer que existe um “gradiente” no parâmetro da formalidade e, principalmente, que mudou de acordo com o passar das gerações. Elias explica que as mesmas pessoas dividem-se em áreas formais e informais da vida social e que a dimensão formalidade-informalidade aumenta ou diminui em determinadas épocas. Segundo ele, foi depois da Segunda Guerra Mundial que as gerações mais jovens trataram de acabar de vez com certas formalidades no comportamento, como já mencionamos.

Na época das grandes monarquias europeias, dos Habsburgo, Hohenzollern e Rumanov, antes da I Guerra Mundial, o gradiente entre formalidade e informalidade já não era tão acentuado quanto no século XVIII, mas ainda era mais elevado que durante a República de Weimar. Voltou a aumentar com os nazistas e declinou ainda nos anos do pós-guerra. Como decorrência disso, também me parece que há uma diferença perceptível entre as gerações mais velhas, e as gerações mais jovens que só nasceram depois da guerra. Estas últimas empenharam-se bastante em demolir ainda mais a formalidade de comportamento. (Elias, p. 40)

Para contextualizar as consequências das mudanças que ocorreram nas sociedades, Elias traz o exemplo de uma das formas mais antigas de se comunicar: a escrita, que passou por uma grande transformação ao longo dos séculos e é uma concreta amostra de como a linguagem e o tratamento estão diferentes. Numa carta do pai de Mozart, escrita no século XVIII e endereçada a seu superior, as palavras e expressões utilizadas retratam a submissão que era regra de um código comportamental da época. “Vossa Clementíssima Alteza”, “Humildemente me prostro a Vossos pés”, “Obediente servo” e “Soberano Senhor” são algumas dessas expressões retiradas do apelo formal escrito por Leopold Mozart e contidas no livro *Os Alemães* (1997).

Assim como o próprio Elias ressalta que o código de comportamento e sentimento na sociedade alemã não significa um todo unificado — ou seja, a estrutura do gradiente mencionado também muda nas diferentes sociedades — contextualizamos a teoria dele para o ambiente virtual, mesmo que este tipo de conteúdo não tenha existido para fins de

comparação, à época. Seguindo o ideal de trato com o outro, voltamos para o exemplo que o autor deu na linguagem escrita nas cartas, nas quais os termos utilizados chegam a ser impensados por pessoas da época atual, e podemos trazer à luz de nossos estudos sobre o conteúdo escrito na *fanpage* que é o corpus da nossa análise. Transcrevo aqui a publicação do moderador Diogo Moreira, no dia 24 de dezembro de 2013, quando postou um vídeo em que aparece desejando Feliz Natal aos seguidores<sup>14</sup>. Na parte escrita, ele se dirige aos fãs numa forma de tratamento bem informal: *Feliz Natal, ordinários!*

O termo “ordinário” para se dirigir aos seguidores entrou no vocabulário da *fanpage* como um pronome de tratamento<sup>15</sup>. Costumeiramente, o criador da página inicia uma postagem generalizando homens, mulheres, jovens, idosos, negros, pardos ou qualquer membro como “ordinário”. É como se fosse uma identificação do seguidor. Quem segue o Maceió Ordinário é um ordinário, mas não no sentido pejorativo da palavra; é um tratamento descontraído para substituir expressões como “pessoal” ou “galera”, cujos termos foram informalizados em relação ao “prezados” e “excelentíssimos senhores”, do passado, porém, ainda em uso em determinadas esferas da vida social de uma pessoa.

O público da *fanpage* reage nos comentários das mais diversas formas. Entretanto, na maioria das vezes, os internautas não consideram o criador da página como um membro de uma hierarquia superior, alguém a quem deva um tratamento mais respeitoso, assim como era sugerido nos manuais de boas maneiras dos séculos passados:

Y.F: Sai daê chêra cola  
V.P: Mais é rafamé msm... kkkk  
R.A: Cé é fresqué?! Kkkkk

Apoiamo-nos nestas perspectivas para exemplificar como o conceito de informalização pode ser útil para compreendermos dinâmicas das relações sociais atuais, especificamente no grupo Maceió Ordinário. Como as pessoas se tratam na linguagem escrita e de sinais nesta plataforma, o diálogo que é construído, e a maneira como se dirigem um ao outro são consequências desse processo. O que podem ser consideradas “boas maneiras” ou condutas aceitáveis pelos demais integrantes? Não existe uma orientação formalmente escrita sobre como os internautas devem se comportar nas redes sociais, contudo podemos dizer que os atuais “manuais de etiqueta” seriam o que temos

---

<sup>14</sup> Anexo 2

<sup>15</sup> Palavra que substitui o nome. Fonte: Dicionário Aurélio.

disponível de um padrão oficial de escrita, que é encontrado nos livros e ensinado nas instituições educacionais, nos jornais ou em outros meios de comunicação os quais as pessoas costumeiramente têm como referencial.

Os espaços de interação na internet permitem fugir às regras desse padrão. Todos os integrantes das redes sociais têm consciência de que o conteúdo exposto é público e acessível por qualquer pessoa de qualquer lugar do mundo. Talvez alguns não façam ideia das consequências e da dimensão que isso significa, mas também não temos a intensão de dizer o que é certo ou errado, nem podemos comparar com a história do que era “decente” ou “indecente”, haja vista o decoro na época é que impunha as normas. Já o decoro nas redes sociais é formado por uma heterogeneidade de pessoas. Isto posto, trazemos alguns exemplos que envolvem a maneira de escrever na plataforma e a conduta das pessoas diante de alguns erros gramaticais.

Uma foto expõe a frase pintada num muro<sup>16</sup>:

Ceja-Bem-Vindo. Você é familia

Alguns dos comentários são destacados:

NC: Que burro...dá zero pra ele kkkkkkkk  
 LD: É um desse que passa no ENEM. Porrtuguês bem dizido que não se corregi kkkkkk  
 CS: Nossa Língua Portuguesa caiu por terra.  
 AF: Acho que esse aí não passou nem na porta da escola.  
 JPF: Burrice da boba é essa?  
 NC: Fiiiiiiilo da pexte burro veiii!!!

Esses exemplos mostram o nível de tolerância aos erros gramaticais, e a própria postagem teve a intensão de causar essa discussão por destacar o desvio do padrão oficial de escrita. Contudo, nos próprios comentários ridicularizando uma pessoa que escreveu errado, encontramos palavras escritas assim: “msm” no lugar de “mesmo”, “mais” ao invés de “mas”, “ta” onde deveria ser “está”, etc. Os problemas de ortografia são frequentemente encontrados nos comentários das publicações. A maneira conotativa que se habituou a escrever na internet, especificamente nas redes sociais, é um dos principais fenômenos responsáveis pelo que aqui chamamos de informalização da linguagem. Algumas vezes, a justificativa para os erros de grafia é a velocidade com que se digita —

---

<sup>16</sup> Anexo 3

o que também é uma observação importante, visto que a internet causou essa necessidade de pressa nas pessoas.

Cypriano (2013) cita Lash para dizer que “nós atribuímos sentido ao mundo através de sistemas tecnológicos” quando somos inseridos em “formas tecnológicas de vida” (Lash, 2001), que exige permanente fluidez, abreviação das formas de transmitir ao mundo esse sentido cotidiano do viver. É nesse contexto que Cypriano destaca a disseminação do uso do *texting*<sup>17</sup>, sugerindo que as pessoas incorporaram a pressa do dia a dia na maneira de se comunicar com o outro. As mensagens são curtas e diretas, para que tanto o receptor decodifique rapidamente na leitura, quanto o emissor consiga transmitir a informação que deseja com mais agilidade.

O ensaio para a instantaneidade na transmissão de mensagens começou por meio de SMS – *Short Message Service*, comumente utilizado pelo celular via operadora telefônica, e logo ganhou um formato na rede social *Twitter* que foi pensada neste mesmo sentido de mensagem curta e instantânea. Foi então que as pessoas se habituaram a abreviar a informação sem perder a coerência do que estava sendo dito. “Você” virou “vc”, “para” foi reduzido ao “p”, “abraços” pode ser lido simplesmente como “abc” ou “abs”, substituindo a saudação e, assim, a escrita ganhou novas regras coloquiais entendidas e utilizadas por muitos. Cabe aqui um parêntese para destacar que esse tipo de linguagem disseminada na internet é muito discutido e questionado sobre sua influência na vida escolar e profissional das pessoas que extrapolam os limites da informalidade e passam a escrever da mesma maneira onde os padrões estabelecidos de escrita são mais tradicionais, a exemplo das redações e exames acadêmicos, relatórios, cartas e até mensagens eletrônicas trocadas num ambiente corporativo.

Contudo, nos nossos estudos das dinâmicas de interação no Maceió Ordinário, observamos que os problemas de ortografia também demonstram as cargas simbólicas de quem escreve, como por exemplo, faixa etária, nível de escolaridade e classe econômica. Partindo dessa ideia, trazemos alguns exemplos que ratificam a manifestação da linguagem de grupos heterogêneos no Maceió Ordinário. Primeiro mostraremos que a frequente presença de gírias e bordões nas frases dos comentários e das postagens indica a representação de “tribos”<sup>18</sup> que se comunicam apropriando-se de códigos que serão

---

<sup>17</sup> Recurso aos brevíssimos textos que são digitados nos aparelhos tecnológicos e instantaneamente enviados aos indivíduos que integram as redes de relações sociais do emissor. (Cypriano, 2013, p. 27)

<sup>18</sup> Maffesoli (1998) fala sobre o surgimento de tribos virtuais como agregações sociais que privilegiam o “prazer estético e a fusão emocional” para compartilhar de forma coletiva um interesse em comum.

reconhecidos pelos receptores, no caso, os seguidores do grupo. Citamos as seguintes frases:

-Véeeei, tá pipocando!  
 -Bora que vai ser top!  
 -Txa cana dãaa  
 -O baguio é doido kkkkkk

Algumas pessoas, de fato, utilizam esse tipo de linguagem no seu cotidiano, outras, porém, simplesmente reproduzem aquilo que veem nas redes sociais e se apropriam das gírias somente neste espaço. Neste ponto, voltamos para a questão do perfil socioeconômico e cultural dos internautas do Maceió Ordinário. Muitas postagens nos conduzem a apontar a presença de pessoas que têm origem ou residem em áreas periféricas da cidade, demonstrando o problema das diferentes classes na mesma plataforma. Vejamos o exemplo de uma publicação sobre um ônibus que atearam fogo no bairro de Ouro Preto<sup>19</sup>. Notamos, além da forma de escrever, a associação do ato de atear fogo com o lugar onde o fato aconteceu:

P.C: Isso foi a galera roqueira do Ouro Preto, revoltada pq não rolou o show do Edson Gomes!  
 BL: Olha só em R.S que diria logo ai no bairro elite de Maceió acontecer uma coisa dessas, sei não viu esses vagabundos, só Deus.  
 PL: Oferecimento: os vagabundos que vcs defendem

Em outra postagem, aparece uma montagem de um diálogo entre um caminhoneiro que para a fim de pedir informação a um morador local<sup>20</sup>. A pergunta é: “Onde é que fica o povo fofoqueiro de Alagoas?”, então o homem responde: “Lá em Paulo Jacinto”. Referindo-se a outro bairro periférico de Maceió<sup>21</sup>. Nos comentários, as reações se repetem no sentido de dar veracidade à frase ou de, mais uma vez, associar ao local a que pertence, como uma identificação.

JFA: pensei q era no jacintinho  
 EV: Ôh mais é claro kkkk a língua do povo é maior que a cidade  
 RL: Oxe eu acho que ele errou de endereço ,que eu saiba fica em rio largo kkkkkkkkkkk  
 VR: Kkkkk fica lá na rua..  
 WC: é a mais pura verdade pode acreditar kkkk

<sup>19</sup> Anexo 4

<sup>20</sup> Imagem copiada do comercial da rede de postos de combustível Ipiranga, que ficou popular com o jargão “lá no posto Ipiranga” para todas as pessoas que pediam informações de onde encontrar algo específico.

<sup>21</sup> Anexo 5

As referências aos fatos ou situações que acontecem em bairros de classe mais baixa são constantes, por outro lado, as postagens dirigidas às pessoas economicamente mais favorecidas também aparecem frequentemente em todo o conteúdo compilado nas pesquisas. Exemplos disso são as propagandas de festas que acontecem na área nobre de Maceió com preços pouco acessíveis para classes inferiores, além de dicas de locais e produtos comercializados em bairros de classe média e média alta:

-Domingo é Bendito, então pisa pro Bendito Domingo [nome da festa]!!! Open galera, vamo nessa!! Sem falar que é férias, BORA TOMÁ UMA?

-Tamo junto é no Réveillon de São Miguel dos Milagres, 5 mil reais por pessoa!

Já as análises sobre faixa etária ficaram possíveis pela observação, do que por dados claros e explícitos, devido a forma como eles são apresentados para nós. O Facebook dá a opção ao usuário de deixar o perfil pessoal com informações protegidas, ou seja, é preciso fazer parte da rede para ter acesso a alguns dados como idade, local de trabalho, origem, etc. Neste caso, apenas podemos identificar a faixa etária dos seguidores do Maceió Ordinário pela foto (avatar) escolhida para representar a pessoa. Sendo, portanto, uma estimativa de que os seguidores do grupo são, em sua maioria, jovens (adolescentes e adultos jovens). Apoiamo-nos, também, no tipo de linguagem utilizada nos diálogos para chegar a esta conclusão, a exemplo do emprego de gírias e palavras informais.

Dados atuais traçam o perfil das pessoas que mais acessam a internet e as redes sociais como Facebook. As pesquisas<sup>22</sup> revelam que os mais conectados são os mais jovens, com maior escolaridade e maior poder aquisitivo, ou seja, pessoas que comumente deveriam fazer uso adequado da língua, na escrita, ou no tratamento com o outro numa interação. Na contramão desse perfil, estão os diálogos e comentários expostos nas redes sociais de relacionamento, onde frequentemente aparecem erros gramaticais, de ortografia, de concordância e de coerência, além de palavras de baixo calão e expressões que foram informalizadas em relação ao uso da língua. Diante disto, nossas observações abrem margem para investigações em dois vieses: ou não existe relação entre escolaridade e renda com o uso da língua nas redes sociais; ou, os seguidores, especificamente, do

---

<sup>22</sup> Fonte IBGE e Teleco.

grupo Maceió Ordinário, fazem parte da menor parcela da população apontada pelo IBGE, ou seja, com menor tempo de estudo e menor renda per capita.

Nesta perspectiva, é plausível destacar outra linha de investigação para ser explorada que analisa o uso das redes sociais por meio de aparelhos móveis, como o celular, já que a pesquisa do IBGE que relacionou escolaridade e renda com o uso da internet não incluiu os dados sobre o acesso pelo celular. Entretanto, não podemos deixar de enfatizar que um estudo desenvolvido pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), divulgado em setembro de 2015, aponta que o número de brasileiros que acessam a web pelo telefone móvel triplicou nos últimos anos. Em 2011, eram apenas 15%, já em 2015 são 47% dos entrevistados com 10 anos ou mais. De acordo com a pesquisa, “o telefone celular já é o principal dispositivo para o uso da rede no Brasil”<sup>23</sup> e o perfil socioeconômico do usuário é diferente. Os dados apontam que “o uso da internet exclusivamente pelo celular ou exclusivamente pelo computador é mais comum entre os usuários de classes mais baixas, enquanto o uso realizado tanto pelo celular quanto pelo computador é mais comum nas classes mais altas” (idem).

Dito isto, se pensarmos sob a ótica do Comitê que também revela que pela primeira vez houve uma queda no acesso por meio de PC's (de 71% para 56%) e o aumento do uso pelo celular em todas as faixas etárias e econômicas pesquisadas, é necessário um estudo mais aprofundado sobre o impacto disso nas formas escritas de comunicação numa rede social. Quais são influências que esse perfil de usuário tem deixado na maneira de escrever e até mesmo na de se comportar num espaço público que é a internet? Apresentamos esses dados a título de sugestão para futuras pesquisas sociológicas envolvendo, especificamente, o modo de expressão dos jovens ou mais velhos que utilizam dispositivos móveis para se relacionar na rede virtual.

Como nossa pesquisa abarca o impacto nas expressões com o processo de informalização do comportamento analisado por Elias e Wouters, que influenciaram também na linguagem e nas condutas das relações, continuamos a análise trazendo exemplos de situações vivenciadas fora da rede social, mas que repercutem nas dinâmicas de relações do grupo Maceió Ordinário, confirmando as mudanças nas condutas perante o outro.

---

<sup>23</sup> TIC Domicílios 2014 disponível em [http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC\\_Domicilios\\_2014\\_livro\\_eletronico.pdf](http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Domicilios_2014_livro_eletronico.pdf)

No dia 1º de dezembro, foi postado um vídeo<sup>24</sup> do trecho de uma reportagem exibida no jornal da afiliada da Rede Globo em Maceió, a TV Gazeta. Na legenda continha a pergunta: “Quem viu isso ontem ao vivo no AL-TV?” E os símbolos (*emojis*) de risadas finalizavam a postagem. No vídeo, o repórter estava sentado ao lado da recém-inaugurada estátua de Aurélio Buarque de Holanda<sup>25</sup>, interpelando uma transeunte sobre o homenageado:

Repórter: Você sabe quem é este homem?  
 Entrevistada: Mais ou menos — olhando para a estátua tentando reconhecer.  
 Repórter: É o Aurélio Buarque de Holanda  
 Entrevistada: Mas não conheço, só ouvi falar.  
 Repórter: Olha pra cá, pra esse livro — apontando para o dicionário que fazia parte da escultura, na mão do próprio autor. Você já deve ter visto ele na escola! — instigando a moça a reconhecer o homem.  
 Entrevistada: Não, acho que não é do meu tempo não! — responde, com uma risada envergonhada no final.

As pessoas começaram a comentar a postagem com vários símbolos indicando risadas e frases que ofendem a mulher entrevistada sem nenhum tipo de constrangimento:

L.O: A pessoa não conhecer o amigo Aurélio tá fudjida na vida.  
 M.L: Minha fia é da época dos dinossauros é? Kkkkk  
 A.F: Meu Deus, quem é essa mulher?  
 D.G: Minha gente, vamo ser burro mas ser jumento e demais neh kkkkkkkkkk  
 M.M: Rindo muito aqui kkkkkk

Nesta mesma postagem, podemos destacar frases de pessoas que comentam o episódio como “burrice” ou “ignorância”, mas expressam valores semelhantes ao tipo de cobrança que fazem:

E.H: É aí q Agt ver o nível de educação do estado...  
 AA: Isso nunca estudo na vida  
 MT: Foda que o repórter eh tão filho da puta que ta vendo que o cara ta na merda e prossegue.  
 P.M: Miseravi...

Nestes exemplos, podemos ter uma noção de como um tema pode afetar tantas pessoas diferentes, de classes e idades distintas, e como elas se tratam diante de uma manifestação que envolve o nível cultural e intelectual do outro. As pessoas cobram, ofendem e iniciam conflitos com quem nunca haviam falado antes. Trago neste contexto

---

<sup>24</sup> Anexo 6

<sup>25</sup> Alagoano criador do dicionário de Língua Portuguesa que leva o nome do autor.



um fato interessante que ocorreu durante os comentários da postagem. A mulher que foi personagem da entrevista, que estava sendo ridicularizada e rotulada, era uma das seguidoras do grupo Maceió Ordinário. Ela, então, começou a responder para as pessoas que a estavam insultando. Aqui, a mulher está representada como “S.S”, para preservar sua identidade.

H.A.R: kkkkkkkkkk... Onde foi q acharam essa moça? Era melhor entrevistar qualquer um dos noieiros q ficam ai na orla do q entrevistar essa analfabeta.

S.S: Meu bem não sou analfabeta não tá apenas Troquei as palavras tá vai tomar no c\* não vc e sua mãe

H.A.R: Volta p escola menina. Quem sabe vc aprende um pouco da historia de Alagoas.

S.S: Quem é você pra falar nada melhor você ficar na sua

Em outro diálogo ela parte para a agressão verbal:

M.L: Mulher o máximo que você pode fazer é ficar na sua, p vergonha passar logo. Kkkkkkkkkkkkkkkkkkk

S.S: Vergonha Faz roubar meu bem graças a Deus não preciso o melhor que você faz botar um negócio bem grande na sua boca

M.L: Bote na sua p não falar mais merda na TV kkk

S.S: Rapariga

G.F:Kkkkkkkkkkk escolheu essa ofensa do dicionário?? Ah não esqueci que não Eh da sua época kkkkkkkkkkk

A personagem da entrevista continua expondo sua irritação sobre o assunto, tratando as pessoas sem se preocupar com hierarquia social ou cultural, utilizando argumentos e palavras que ela traz da vida privada.

S.S: E outra eu entendi ele perguntando se eu conhecia o Aurélio não se eu já tinha lido o livro agora fica tudo criticando um bando de só tem sabido aqui no comentário só tem inteligente Olha aí como você descreve

S.S: meu bem se você quer saber eu apenas me atrapalhei na pergunta otária vai procurar outro negócio pra botar na sua boca

S.S: Vai tomar no c\*

S.S: Meu bem se você quer saber eu apenas me confundi com que ele perguntou todo mundo erra você nunca erro eu não sou analfabeta tá Tenho habilitação e tudo minha lida e outra Sem Lei e sem escrever Vai tomar no c\*

Fazendo uma análise sobre o que tiramos dos exemplos acima, podemos, também, contextualizar aqui a Teoria Configuracional de Norbert Elias (2005), segundo a qual os modelos de competição são entendidos como modelos de relações humanas nas quais os

participantes medem suas forças o tempo todo. Para explicar essa lógica, Elias acredita que os indivíduos devem ser avaliados de acordo com as configurações que formam, ou seja, o modo como suas ações e experiências interpenetram na relação e criam uma interdependência. Sendo assim, não correria o risco de estudar os seres humanos de forma isolada para entender o todo social, nem o contrário, generalizar a totalidade para explicar as particularidades de um indivíduo. A Teoria configuracional eliasiana entra na perspectiva de entender como se estabelecem as configurações humanas, com os modelos de competição que podem seguir regras e normas – como em jogos de xadrez, futebol, brigde, tênis – ou simplesmente ser realizada sem regras, o que Elias chama de “competição primária”. No jogo, ou no encontro entre as pessoas, cada um vai mostrar as armas que tem, a força, os mecanismos de sobrevivência, de planejamento para uma ação. São essas características que vão indicar uma relação de desigualdade de poder.

Para o autor (2005, p. 80), somente se chega a um equilíbrio de poder de acordo com “as circunstâncias pessoais e sociais” quando há qualquer tipo de interdependência entre as pessoas. Mas, como podemos medir as interdependências nas relações de interação dos conflitos que se estabelecem no Maceió Ordinário? Como não existe um modelo de relação a exemplo do que cita Elias – senhor e escravo, pai e filho – tendo em vista que as pessoas não se conhecem, a balança nesses jogos pode ser interpretada com os discursos de classe, de etnia, de gênero ou até de estereótipo, quando elas tentam atingir o outro usando frases do tipo<sup>26</sup>:

M.M: Vai tomar vergonha na cara e emagrecer, pare com isso.

D.T: Rolha de poço kkkkkkkk

T.A: Não consigo parar de rir kkkkkkkk pobre é a pexete! Kkkkkkk

C.A: Pobre fazendo pobrince kkkkk

J.R: Filho da puta. Tem que matar esses vagabundos tudinho mesmo.

M.S: Mata essa raça!

É a partir das configurações humanas que Norbet Elias vai explicar as distinções sociais e as disputas por *status*, as quais nos referimos sobre os estudos dele na sociedade de corte. Vemos, portanto, como se dão as novas configurações que a internet abre espaço para estabelecer e quais são os tipos de conflitos gerados na plataforma.

---

<sup>26</sup> Exemplos retirados de postagens distintas

### 1.3: Interações desnudadas de tabus

Em nossas pesquisas na *fanpage* Maceió Ordinário constatamos um fenômeno que chamou atenção pela frequência com que se repetia e coadunava com o recorte que demos para analisar a informalização dos comportamentos e da linguagem numa interação. Neste tópico, vamos nos deter a falar sobre as pulsões eróticas e homoafetivas que são expostas publicamente em nosso objeto de estudo e que nos abrem outra vertente sobre autocontrole e autorregulação das emoções e sentimentos.

Como vimos em Norbert Elias e Cas Wouters, as sociedades tradicionais foram flexibilizando as condutas, a fim de evitar sentimentos que causariam humilhação, vergonha ou constrangimento. Contudo, a era da internet escancara formas de expressões que jamais podemos prever o rumo que estão seguindo. Mas, vamos demonstrar, baseados na compilação de um vasto material, como as pulsões da primeira natureza estão sendo exibidas e reveladas nas dinâmicas de relação no Maceió Ordinário. Em primeiro lugar, queremos lembrar que a *fanpage* se autodenomina uma página de humor, na categoria intitulada “entretenimento”. O grupo aposta nessa ênfase para atrair mais membros e justificar suas postagens que venham a ser criticadas como preconceituosas, levando-as num tom de brincadeira.

De acordo com Simmel (2006), são nos encontros mais informais, exercendo atividades simples e triviais, que se contam piadas e conversa-se sobre amenidades, que a integração é estabelecida entre círculos mais heterogêneos. Isso acontece porque, mesmo as pessoas mais cultas ou formais, saíram da posição elevada, adequando-se a qualquer um com a necessidade de prestar tributo às grandes massas, agradar. É possivelmente este um dos motivos pelo qual os grupos que preservam o tom divertido entre seus membros conservam a estabilidade nas suas relações.

Na contramão disso, estão os conflitos gerados no grupo que, mesmo enfatizando ser feito para levar humor, ainda acontecem constantemente nas interações dos comentários das publicações. Separamos alguns exemplos para contextualizar nossa análise sobre as expressões que envolvem sexualidade e erotismo, entremeando na exposição do corpo, sensualidade e outros aspectos que tangem a temática, assim como aparecem nos textos, nos símbolos gráficos e nas imagens divulgadas pelo criador do grupo; estas últimas serão disponibilizadas nos anexos do trabalho.

Elias (1990) observa que as orientações inerentes a falar sobre a sexualidade foram mudando ao longo do tempo. Do escritor renascentista Erasmo, até um educador alemão

do século XIX, as relações entre os sexos foram isolando-se dentro da família nuclear, não sendo adequado comentar na presença de crianças. Assim como outras pulsões, o desejo sexual também foi confinado ao sacramento do casamento, o socialmente legitimado. Garcia (2008) também faz uma reflexão sobre as análises eliasianas que dizem respeito às transformações nos comportamentos humanos e às regras de conduta que supõem uma alteração na estrutura da personalidade dos membros da “boa sociedade”. De acordo com o autor, “a pauta de pudor vai se ampliando pouco a pouco, de modo que as condutas próprias ou alheias que causam vergonha ou aversão ocorrem cada vez mais e estão relacionadas com mais esferas da vida social”. Para citar um exemplo, as relações extramatrimoniais ficaram sob sigilo diante da pressão social que a Igreja impusera nos ditames de uma moral mais rigorosa, diferente do que ocorria até meados do século XVI, quando esses relacionamentos e até filhos bastardos tornavam-se públicos, com tensões e conflitos (Elias, 1990, p. 182).

É neste sentido, que Ronaldo Vainfas (1999) menciona o núcleo familiar como o lugar onde honra e dignidade devem ser respeitados, assim sendo, fora deste círculo, torna-se desnecessário o respeito mútuo. Essas observações são feitas já no período da Inquisição, mesmo com certo afrouxamento das regras morais que a Igreja defendia, os tribunais que julgavam os acusados de fornicção não toleravam adultério, sexo com virgens ou incesto, além de preservar os valores da família.

Por um lado, vemos esse pensamento repetir-se nas interlocuções das redes sociais como o Maceió Ordinário, onde pessoas levam para seus discursos as cargas emocionais e morais que carregam das suas configurações. No entanto, quando grupos heterogêneos encontram-se na internet, as divergências aparecem no trato e nas condutas que foram flexibilizadas, no sentido de não se preocupar a quem está se dirigindo, se a pessoa é mais velha, mais rica, se vive guiada por preceitos da Igreja, ou se já traiu, roubou, etc.. Foi muito comum encontrar nos diálogos das postagens que continham algum tipo de apelo sexual, frases do tipo:

- Que palhaçada!
- Que presepada...
- Misericórdia!
- Que horror!!
- O mundo está perdido!
- Não tem senso de ridículo!

Na internet, muitas pulsões sexuais não são controladas. Apesar de o Facebook possuir um código de regras sobre compartilhar conteúdos pornográficos e que incitem práticas sexuais, os afetos eróticos que cada um carrega encontram espaços para se manifestar. Numa foto<sup>27</sup> publicada no dia 23 de novembro de 2015 aparece um casal posicionado no sofá de um shopping de forma despojada. O homem está sentado, projetando-se para trás, com as nádegas na ponta do sofá para ter mais espaço de inclinar as costas. A mulher está deitada de bruços, com a cabeça encostada no colo do rapaz. Já nos primeiros comentários, surgem as pulsões sexuais:

L.S: Minha mente é muito poluída olhei rápido pensei q era um boquete. Kkkk  
R.M: Ou é armação, ou o cara tá armado e ela escondendo o flagrante...rsrsrs

Alguns comentários dirigem-se à postura da mulher, mesmo sendo um casal na foto, aparentando estar bem “à vontade” no sofá do shopping.

Z.S: Kkkkk essa é mais folgada, que calça de palhaço  
J.S: essa ne folganda n kkkkkkk

Do mesmo modo como a mulher em questão recebeu insultos, percebemos em muitas postagens ao longo da pesquisa que o tratamento dado às mulheres que aparecem em situações pouco comuns gera tensões e conflitos que remetem à vulgaridade, promiscuidade e desejos sexuais provocados mesmo sem, supostamente, ter a intensão de despertar libido naquela circunstância.

Vale abrir um parêntese para destacar que na Europa dos séculos XVI a XVIII, as mulheres vítimas da miséria e da escravidão eram consideradas disponíveis para relações sexuais, “mulheres degradadas, desonradas e passíveis de fornicação” (VAINFAS, 1989, p. 60) por não ter a proteção da família ou do marido. Podemos dizer que esse pensamento foi atualizado para a contemporaneidade, abrangendo novas dimensões da vida social, a exemplo das relações com mulheres divorciadas, mães solteiras, prostitutas ou garotas que iniciam a vida sexual na adolescência por fatores diversos. É nesta perspectiva que o autor destaca que as mulheres degradadas podiam, livremente, despertar o desejo sexual nos homens, haja vista o círculo familiar estaria sendo respeitado.

O nosso debate não se volta para práticas machistas na atualidade que permeiam a discussão do preconceito, da rotulação e do estigma, porém queremos destacar como a internet, em especial as redes sociais em seu *locus* o Maceió Ordinário, está legitimando

---

<sup>27</sup> Anexo 7

os espaços para exteriorizar pensamentos formulados a partir de um erotismo que em outras esferas da sociedade precisaria de uma autorregulação mais rígida, sujeitando o indivíduo a sofrer as punições, sejam elas no campo jurídico ou por pressão social com vias morais.

Trazemos o exemplo de uma motociclista<sup>28</sup> que foi fotografada de costas numa publicação em que aparece numa roupa transparente, revelando a *lingerie* "fio dental" por baixo do short, deixando as nádegas à mostra. Nos comentários, destaco o posicionamento dos homens que reflete a maioria dos que interagiram na postagem:

MK: Quero uma carona  
R.K: Rápaa tomara que pegue essa moda rs  
A.L: Eitxxa é pooq a bunda dela é tão grande, que o cara fica meio doido  
S.M: Já vi uma mulher da mesma forma aqui em Bertiooga, nesse caso, ela estava de bike. Era uma loucura ficar olhando tudo aquilo meio que, dando uma tremidinha ao passar pelos desníveis da ciclofaixa. Kkkkkkk  
S.R.O: Bundinha interessante  
M.G: Uuuuuuuuuuu q d li cia  
V.L.S: Os pnheta se desespera nessa hora

Destaco agora alguns comentários de mulheres dirigidos à moça que aparece na moto com a roupa transparente:

S.V: Presepada da ... kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk  
Y.R: Que orror  
L.B: Issé uma puuuuutaaaaa!!

Em outra publicação<sup>29</sup>, duas mulheres aparecem na praia, uma tirando foto da outra. A que está posando apoia-se numa trave de futebol e agacha-se inclinando as nádegas para trás, onde a outra mulher está com a câmera na mão, de cócoras, para fotografar num ângulo que privilegia as partes baixas da outra. Nos comentários da postagem, as frases vêm carregadas de símbolos que vão desde as referências morais que o internauta tem, até a conduta que permite a materialização de pensamentos eróticos.

D.K: Que horror antigamente as pessoas tiravam foto do rosto hj a foto do perfil é a bunda vai entender esse povo  
D.B: Talvez as pessoas conheçam ela pela bunda kkkkkkkk  
D.F: Não tem nem vergonha na cara  
M.T: Ela esta tirando foto do buraco negro....kkkkkkkk  
P.H: "É das q transa"

---

<sup>28</sup> Anexo 8

<sup>29</sup> Anexo 8.1

Comentários como estes são apenas uma amostra do que encontramos com uma constância que nos chamou atenção no percurso da pesquisa. Na mesma perspectiva de mudanças na forma de se posicionar numa situação ou interação, trazemos agora os exemplos referentes a condutas dos internautas acerca de configurações em que o indivíduo é tratado de acordo com sua sexualidade, no caso, os homossexuais que viram postagens em fotos e vídeos com a intenção de pautar os conflitos.

A prática homossexual não é algo novo na humanidade, porém sua regulação em busca de um padrão de valores que ordenassem as atividades humanas é observada por Michel Foucault (1999) entre os séculos XVIII e XIX. A normalização estava centrada na monogamia heterossexual que legitimava o casal homem-mulher como o modelo perfeito de relação, gerando, portanto, discussões científicas acerca do saber médico-jurídico, atribuindo às sexualidades divergentes uma “anormalidade”, entretanto não nos cabe enveredar por este caminho no presente trabalho.

Em seus estudos sobre os processos inquisitoriais, Ronaldo Vainfas (1989) analisa as relações sexuais da época do Brasil Colônia, em oposição ao que defendiam os autores que observavam a “falta de lei moral” e o “excesso de liberdade” no comportamento dos colonos portugueses, que teriam promovido a mistura racial por meio das relações com várias mulheres, índias e africanas, com a tolerância das autoridades sob a alegação da necessidade de povoamento. Vainfas contesta essa ideia afirmando que a vida sexual dos colonos não era tão destituída de regras assim, ao contrário, os tribunais do Santo Ofício serviam como instrumento de “domesticação”, inclusive para as práticas homoeróticas. Segundo o autor, as ligações entre pessoas do mesmo sexo eram condenadas e os que se manifestassem publicamente poderiam sofrer as punições dos tribunais da Inquisição.

Um modelo de punição com julgamentos baseados na moral e na ética foi atualizado e podemos dizer que hoje é conhecido como “tribunal do Facebook” — termo que se popularizou pela prática de julgar e opinar sobre todos os assuntos nas redes sociais. E quando a pauta é gênero, violência ou política, só para citar alguns exemplos, constatamos que o acirramento dos conflitos ganha proporções ainda maiores. No próximo capítulo, vamos tratar mais profundamente sobre isso. Tendo em vista que até a disseminação da internet a informação vinha de cima para baixo, ou seja, apenas um grupo seletivo — jornalistas, cientistas, educadores, etc — detinha o poder do conhecimento para passar adiante aos receptores, os quais não tinham voz para críticas ou apreciações, espaços como o Maceió Ordinário tornam públicas quaisquer informações depositadas na plataforma. Contudo, queremos agora chamar a atenção para como a temática da





A.F: Bicha louca kkk

M.A: Esse papai noel da caneco de presente kkkkkkkkkkkk

C.P: Essa aí é o resultado entre um amor secreto de Papai Noel e uma de suas renas. KKKKKKKK

Fazendo uma análise sobre o que mostramos até agora, podemos constatar que claramente houve uma transformação na maneira como as pessoas estão estabelecendo relações sociais. Em primeiro lugar, abriu-se um novo espaço para se relacionar: a internet. O ciberespaço permite a formação de redes de contatos que não delimita território geográfico, mas, por si só, já restringe os participantes da rede, em especial aqueles que não têm acesso às tecnologias e à internet. Destarte, abrangendo a perspectiva das pessoas que estão conectadas, observamos como as diferentes identidades misturam-se nessa plataforma e deixam suas marcas levando cargas simbólicas de experiências que perpassam pelo processo histórico, social e cultural de cada um.

Seja no modo de se dirigir ao outro — levando em consideração as noções de educação com respeito e cortesia —, seja na maneira de escrever para se expressar, sem a preocupação de seguir padrões de normas oficiais a boa educação que antes vinha orientada em manuais de etiqueta, e que deveria ser uma manifestação normal de respeito, perde o sentido quando o outro com quem está se relacionando não faz parte das relações afetivas, íntimas, não estabelece um vínculo após aquela interação instantânea no Facebook. É interessante destacar que um dos aspectos da formalização ou informalização é que o processo é desenhado em relação ao lugar de análise na história. Quando tiramos o foco das transformações ocorridas na Europa para compreendermos o mesmo processo no Brasil, temos que levar em consideração as formalidades relacionadas à importância da vigilância da família e da escola na regulamentação das repressões e contenções emocionais que perdem força nos relacionamentos estabelecidos na internet.

No tocante ao uso da língua formal, os pronomes de tratamento são colocados deliberadamente sem seguir um padrão, ou simplesmente inexistem num diálogo. Juntam-se a isso as expressões que sinalizam ironia a depender do contexto, como “*meu querido*”, “*minha amiga*”, e outras que conotam uma intimidade imaginada, a exemplo de “*meu parceiro*”, “*meu brother*”, entre outras. Quando avaliamos o longo processo de informalização dos comportamentos e do uso da linguagem até o que está apresentado para nós no material coletado da *fanpage* Maceió Ordinário, vemos desnudadas condutas que em outros espaços seriam impensadas, como ofensas pessoais, exibição do corpo com apelo sexual em público, humilhação, e sentimentos de ódio, inveja ou desejo

publicamente exposto. Em se tratando de uma plataforma onde as pessoas se expressam por meio da escrita, não temos material para analisar — como nos estudos de Elias — os gestos e as ações que pudessem revelar intenções exclusas, no entanto outros tipos de elementos são disponibilizados para nós. Os dispositivos eletrônicos utilizados pelos internautas oferecem ferramentas que simbolizam sentimentos e ações em formas de figuras — os chamados *emojis*, ou *emoticons*. A carinha triste, feliz, com medo, brava, sarcástica ou assustada estão entre as dezenas de figuras que são utilizadas sozinhas, ou no meio de frases nas postagens. Os comentários ficam mais visuais, facilita para o leitor imaginar o que aquela pessoa está sentindo ou pensando no momento em que escreveu o comentário.

Enquanto na sociedade de corte estudada por Norbert Elias os conflitos aconteciam devido a uma distinção social, disputas por poder e status para entrar ou se manter na “boa sociedade”, podemos relacionar as nossas observações no Maceió Ordinário como uma sociedade virtual que não diferencia classe para estabelecer uma interação com espaços equivalentes, haja vista qualquer participante, de qualquer classe, tem as mesmas possibilidades de comentar, curtir ou compartilhar. Entretanto, os conflitos também acontecem com frequência em contextos diferentes, mas na mesma lógica do passado: disputas que medem a força por meios dos discursos de classe ou gênero; brigas por status na maneira formal de se dirigir ao outro, e uma clara distinção social que se descortina nas inter-relações de grupos heterogêneos que reconhecem aquele ambiente virtual para empoderamento.

# Capítulo 2

**As redes sociais como vitrines de opiniões e julgamentos**

## 2.1: A formação e a exibição da opinião

Este capítulo será dedicado a contextualizar um dos fenômenos que mais nos chamou a atenção durante a pesquisa: a ampliação dos espaços disponibilizados para as pessoas emitirem suas opiniões. É interessante destacar que a interrupção deste trabalho e a retomada da coleta do material calharam em nos fornecer informações totalmente renovadas, se comparadas ao início da pesquisa no Maceió Ordinário. Por isso, nossa ênfase também é na plataforma onde os debates estão acontecendo. Para resgatar os exemplos, observamos que acontecimentos políticos e ideológicos culminaram no despertar dos seguidores para um grupo que poderia lhes dar “voz” e “ouvidos”, numa dimensão muito maior do que numa roda de conversa em casa, ou num encontro com amigos.

Em junho de 2013, o Brasil vivenciou um marco histórico para a internet: a organização de manifestações de rua por meio de redes sociais como Facebook e Twitter. Milhões de pessoas saíram de casa para protestar depois do chamado feito pelas redes virtuais no país inteiro. Os atos resumiam uma suposta insatisfação do povo, porém, como não havia uma liderança muito clara que unificasse as reivindicações, entraram na pauta o aumento da passagem dos ônibus, corrupção, inflação, educação, saúde e outros motivos que ganharam coro. Em Alagoas, o Maceió Ordinário colaborou com a divulgação dos locais e horários onde as manifestações iriam ocorrer e fez uma espécie de transmissão ao vivo com fotos e vídeos durante os protestos<sup>32</sup>. O número de seguidores da *fanpage* saltou nos dias que precederam a onda de manifestações, atraídos pela ideia de participar, ver-se e chamar mais pessoas da rede para integrar a “nova voz” da internet. Logo na primeira postagem do primeiro protesto em Maceió<sup>33</sup>, no dia 17 de junho de 2013, os usuários começaram a entender a força que poderia ter uma mobilização organizada por meio de mídias digitais:

L.C: Os alagoanos estão de parabéns!

A.M: Coisa linda é o nosso povo mostrando que tem voz e atitude!

T.S: Foi lindo demais, revigorante, vivi p/ ver isso, tem noção do qto isso é incrível?

A.M.N: Maceió acordou!

---

<sup>32</sup> Anexo 11

<sup>33</sup> Anexo 12

Trazemos com esse exemplo as nossas impressões sobre o que mudou nas dinâmicas das relações sociais do Maceió Ordinário referentes ao reconhecimento de um espaço onde os atores seriam partícipes, com suas opiniões, suas ideias e conhecimentos. Percebemos que a interação nos comentários aumentou consideravelmente, e o novo recurso de respostas diretas disponibilizado pelo Facebook alavancou os conflitos que expressam posicionamentos diferentes (ou iguais) dos membros da comunidade virtual. No entanto, queremos ressaltar que não necessariamente foram os motivos políticos e ideológicos que fizeram os usuários permanecerem na rede do Maceió Ordinário. Apenas identificamos que a onda de protestos no país (a exemplo do que aconteceu anteriormente em países como a Tunísia, Egito e Espanha) e o destaque que a *fanpage* deu para aqueles acontecimentos, despertou o interesse em muitos internautas de participarem do grupo, e por conseguinte, de ficarem mais ativos diante das postagens.

Outros aspectos que se revelaram para nós durante as pesquisas merecem um aprofundamento sociológico para análise, entretanto temos a intenção de apontar de forma ensaística quais seriam os campos promissores que se abrem com o nosso objeto de estudo. Uma das questões concerne na maneira como as opiniões são expostas, a autoridade que as pessoas supõem ter para emitir uma opinião sobre qualquer assunto que esteja em discussão. E a outra vertente para qual queremos chamar atenção, refere-se à influência da lógica de informalização do comportamento nos papéis de “juiz” e “promotor” que os seguidores do Maceió Ordinário estão assumindo. Algumas pessoas estão julgando e condenando o outro, ao tempo em que outras pessoas partem para a defesa legítima de alguém ou alguma situação exposta na rede.

Vamos, inicialmente, focar no primeiro apontamento em uma breve análise sobre de que forma os internautas estão legitimando o ambiente virtual como o espaço mais democrático para se expressar. A pergunta preliminar é: como chegou a este ponto? Voltamos mais uma vez à discussão sobre o acesso à informação disponível na internet que criou novas possibilidades de estabelecer relações sociais. Houve, portanto, uma ampliação das formas de adquirir capital social. Bourdieu (1980b, p. 67) refere-se ao termo como o que se pode extrair de vantagens por pertencer a determinadas comunidades. O capital social seria “um conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis” Ou seja, na visão de Bourdieu, são dos laços em redes (familiares e/ou reconhecidas) que um

indivíduo vai adquirir seu capital social e, por conseguinte, aumentar de acordo com a quantidade de interações que faz com os atores dessas redes.

Já para Granovetter (2005), o fluxo de novas informações tem mais valor nas nossas conexões mais distantes, as que ele chama de “laços fracos”, quais sejam as pessoas menos conhecidas, sem maior intimidade, os colegas. O autor argumenta que no círculo de laços fracos surgem novas fontes de informação, com uma variedade maior do que as mesmas rotineiras notícias e visões dos seus amigos íntimos e familiares. Nas redes sociais de relacionamento virtuais, podemos considerar os laços fracos ainda maiores. Além do contato mais distante e esporádico dos colegas que fazem parte de uma rede pessoal, este indivíduo vai ter a chance de estabelecer novas socializações e obter informações de outras pessoas que não conhece pessoalmente.

Entretanto, não é apenas o contato social que contribui para o aumento do capital social e que, por consequência, vai ajudar na formação da opinião individual. As instituições educacionais (com acesso de poucos, vale salientar), a Igreja e o Governo funcionam como referência para buscar conhecimentos. Há até bem pouco tempo, os meios de comunicação de massa como rádio, jornal e TV também eram detentores da transmissão da informação, porém unilateral, muitas vezes, transformando uma notícia em opinião pública. Para Vestena (2008), esses veículos trazem os fatos seguindo uma linha editorial dos seus conglomerados — que estariam nas mãos de políticos — e manipulando as opiniões. Dessa forma, a opinião pública seria representada pelas lideranças elitistas sociais, que conseguem acesso aos meios de comunicação para emitir suas ideias que serão absorvidas pelas massas como o modelo cascata sugerido por Lima (2005)<sup>34</sup>.

A internet chegou para mudar a maneira de buscar conhecimento a fim de formar opinião. Com a Web, vieram também as redes sociais, que não se limitam mais ao objetivo de estabelecer redes de relacionamentos e abrem-se como fontes de informação e notícia. As pessoas têm o conhecimento ao alcance com a possibilidade de consumir e produzir conteúdo. A autonomia dada por esse tipo de plataforma digital empoderou seus

---

<sup>34</sup> Segundo essa proposta, a opinião pública se formaria a partir de pequenos grupos, situados no topo da pirâmide social e depois viria “descendo”, por degraus, até a base da pirâmide. No primeiro degrau dessa “cascata”, estaria o pequeno grupo das elites econômicas e sociais; no segundo grupo estariam os das elites políticas e, no terceiro, a mídia, seguida pelos chamados formadores de opinião — intelectuais, religiosos, artistas, educadores, líderes empresariais e sindicais, jornalistas — e, finalmente, no último degrau, a grande maioria que constitui a base da população. (VESTENA, 2008, p.11)

usuários na forma como fazem valer a liberdade de expressão<sup>35</sup>. A “voz” da internet começou a gritar mais alto, o foco da grande mídia foi voltado para o que estava sendo dito nas redes, que passou a pautar um país inteiro, alterando a forma de se expressar e impulsionando uma reflexão e maior atenção para esse tipo de mídia.

Mas o que essa “voz” que surgiu quer dizer e deixar registrado para o mundo todo no ciberespaço? Quais são as cargas simbólicas que as pessoas estão levando para as redes? Partindo de uma crítica à Saussure, Bourdieu (2008) faz uma análise sobre o funcionamento interno da própria língua, buscando explicações para os diferentes posicionamentos de quem é receptor e emissor num discurso. Segundo o autor, é legítimo tratar as relações sociais como relações que implicam o conhecimento e o reconhecimento, porém Bourdieu defende que as relações de comunicação são, por excelência, relações de poder simbólico e não reduzi-las a apenas um ato de comunicação. Para justificar suas afirmações, o autor mapeia o que chama de mercado linguístico, que funciona para atribuir valor aos produtos linguísticos do emissor de acordo com o *habitus* particular de um receptor. O lucro linguístico vai ser distinto na medida como o discurso é recebido, compreendido, obedecido ou acreditado.

Levando essa ideia para os emissores e receptores dos comentários feitos no Maceió Ordinário, resgatamos a questão da internet ter facilitado o encontro de grupos heterogêneos com cargas simbólicas diferentes, moldadas pelo campo social em que vive. Trago o exemplo de uma discussão que aconteceu no dia 2 de junho de 2015, depois da publicação de um vídeo<sup>36</sup> que mostra um skatista utilizando a rampa de um monumento da cidade para praticar o esporte. Na legenda: “Tem umas pessoas que não tem noção kkkkk”. E os conflitos começam com ofensas baseadas em classes, numa disputa que mede a força do valor da opinião pelo poder socioeconômico da pessoa.

V.F: A opinião de vocês realmente não valem de nada se arrombem que achar ruim,skateboard represents sociedade de mierda.

R.M: A sua deve valer bastante

I.G: Isso tem um nome: maloqueiro.

E.H: vandalismo n é sport, choro é livre.

S.E: Skateboard represents.....ok! vai trabalhar vagabundo! depois que cobrar alguma coisa, é o primeiro a depreciar o patrimonio público! seu escroto humano, vc "represents" a escória!

<sup>35</sup> Garantia assegurada a qualquer indivíduo de se manifestar, buscar e receber ideias e informações de todos os tipos, com ou sem a intervenção de terceiros, por meio de linguagens oral, escrita, artística ou qualquer outro meio de comunicação. O princípio da liberdade de expressão deve ser protegido pela constituição de uma democracia, impedindo os ramos legislativo e executivo do Governo de impor a censura (Trecho extraído do site da embaixada Americana no Brasil).

<sup>36</sup> Anexo 13

G.H: Bote pa la mago, deixa que as marionetes mordam os dentes em comentarios futeis, que não sabem difenciar nada e aceitam tudo que é imposto.

J.S: vão se arrombar \o/ kkkkkkkkkkkk skate é arte de rua da-lê mago

T.R: Cade que uma hora dessa ã passa um carro de massagem do BOPE.

S.E: Kkkkkkkkkkkk só os brabos quando ver a puliça é, sim senhor, não senhor, BANDO DE VAGABUNDO!!!!

R.G:i n sabia que quem anda de skate n pode trabalhar? interessante na minha empresa em que sou funcionário tem muitos skatistas e eles são dedicados e esforçados, fico impressionado como as pessoas definem o caráter pelas vestes, gosto musical e prática de esporte que cada um escolhe,em vez de tentar conhecer a pessoa, sua história e luta.

Do mesmo modo, e mais rotineiramente, acontece quando o emissor é o próprio Maceió Ordinário, ou seja, o seu criador no ato de publicar um conteúdo. As reações negativas dos seguidores são expressas baseadas nas experiências do meio social. Por exemplo, se ele faz uma piada que atribui um caráter inferior a determinado bairro da periferia ou enaltece as qualidades de um bairro da parte nobre, os moradores desses respectivos bairros serão instigados pelos seus afetos a reagir publicamente na postagem. Nas publicações que mostram a orla de Maceió e os bairros da parte que concentra a população de classes altas, encontramos comentários do tipo<sup>37</sup>:

J.L: Mas a cidade p VCs é só, pajuçara, ponta verde e jatiuca...

G.M: kkk " até parece organizado vendo assim , da imagem

A.J: Mostra foto a ela do clima bom , pra ver se ela ainda vem

J.S: A cidade mais violenta do Brasil. Bem vindos!

Já em postagens que, com frequência, mostram situações degradantes nas periferias, cenas que ridicularizam os moradores de determinado local ou condições de vida discrepantes com bairros nobres, as opiniões são emitidas de tal maneira:

O.F: Falem agora "como é linda minha cidade, que coisa maravilhosa", mostrem a Brejal, o Vergel, Levada. Sejam verdadeiros.

C.S: Q cidade e essa meu deus

R.N: Aqui no NOVO JARDIM- Eust . Gomes é bem assim

J.L: Só podia ser do Biu

A reação por escrito ou numa ação de “curtir”, “compartilhar”, replicar com uma imagem ou um símbolo gráfico, dirigir-se ao moderador, responder a outro membro, em suma, tudo isso se apresenta em variáveis formatos. Traços de indignação, intolerância, preconceito, exaltação, orgulho, desprezo, entre tantos outros signos podem ser

---

<sup>37</sup> Exemplos de postagens distintas



relacionados aos *habitus* que permeiam a construção social de cada um que está inserido nos grupos virtuais. Essas representações são materializadas nos comentários que ficam disponíveis on-line, podendo o usuário apagar ou editar o que escreveu, haja vista a fluidez com que ocorrem os pensamentos e a pressa para fazê-los tangíveis.

Essa mutação consciente ou inconsciente também é observada em diferentes vertentes teóricas, dentre as quais a autonomização dos conteúdos defendida por Simmel (2006), que afirma que “com base nas condições e nas necessidades práticas, nossa inteligência, vontade, criatividade e os movimentos afetivos, elaboramos o material que tomamos do mundo”, ou seja, a forma como interpretamos a nossa realidade vai se guiar por fatores interdependentes entre si. Neste contexto, podemos avaliar que alguns desses fatores são o valor e o poder que atribuímos às coisas. Para citar um exemplo, ao participar de um grupo no papel de mediador/administrador, o controle sobre o que se torna público é uma ação com grau elevado de centralização em relação aos participantes da comunidade. O poder, portanto, entra nesse contexto como hipótese de impor as próprias vontades, carregadas de representações. Dentro dessa perspectiva, podemos observar como se constrói o discurso, ou seja, desde a forma como a postagem torna-se pública até a maneira como ela é conduzida pelos seguidores, que, conseqüentemente, vão explicitando posições e formando a teia cheia de interdependências.

Por outro lado, também podemos avaliar a importância de quem tem o poder mais descentralizado, no caso, as pessoas que seguem e interagem nos grupos virtuais. As opiniões dos seguidores de uma *fanpage* também influenciam na motivação para manter (ou não) o grupo conectado. Funcionariam como uma espécie de termômetro para aferir o prestígio, a relevância da página virtual. A partir do que as pessoas estão opinando no espaço destinado aos comentários, o criador vai construindo sua agenda. O trabalho de Krishnamurthy (2002) indica que os blogueiros atribuem valor aos comentários das postagens, podendo considerá-las nas decisões do que vai ser publicado. Ou seja, os comentários e o *feedback* dos seus seguidores fazem parte da percepção de valores nas atividades dos blogs. Essa mesma ideia vale para os criadores de *fanpages*, que agem conscientes das impressões que desejam causar em seus seguidores e podem colaborar com a construção de valores (Recuero, 2009).

É recorrente o número de postagens no Maceió Ordinário relacionadas à campanhas de doação de sangue e ajuda para encontrar animais perdidos. O criador da página, Diogo Moreira, colabora na divulgação dessas temáticas, argumentando que os

seguidores da *fanpage* estão pedindo apoio. Diversas vezes ele reitera a importância dos atos, mas demonstrando que está se importando com a solicitação do internauta<sup>38</sup>.

Ordinários, a Jaqueline Machado irá se operar amanhã, referente a um Câncer de Mama e precisa de sangue O+. Eles estão aceitando qualquer tipo sanguíneo! Estamos juntos na luta para ajuda. Ela está precisando de bolsas de plaquetas - a cada 3 bolsas de sangue equivale a 1 bolsa de plaqueta. Bora? Ajudar! #doesangue (Mesmo se não puder doar, seu compartilhamento já é uma grande ajuda!) – [publicação do dia 12/11/2015]

Por outro lado, a ferramenta também pode ser uma perigosa arma na construção de valores que muitos consideram impróprios. O viés negativo que as publicações vazias e sem informação contundente podem ter gera consequências sociais que estimulam o ódio e a animosidade entre as pessoas, mesmo quando estão desconectadas. Em 7 de novembro de 2013, o Maceió Ordinário publicou um vídeo<sup>39</sup> de um grupo do Movimento Sem Terra em frente ao Parque Shopping Maceió no dia da inauguração do local, que era aberta apenas para convidados, entre lojistas, imprensa e autoridades. A legenda do vídeo descrevia: *Sem Terras no Parque Shopping*. E o vídeo mostrava as imagens das pessoas com bandeiras concentradas no gramado da entrada principal do empreendimento e, ao fundo, ouvia-se a voz de um rapaz que conduzia a manifestação num carro de som:

E por que vocês convidaram a população pra vim pra cá? E Nós não somos gente não, é? Hein rapaz? Nós viemos pra festa... Viemos do nosso jeito, nós estamos aguardando, quando quiser abrir aí, nós vamos lá! Tem... como é nome daquele negocio? Coffee break! Tu sabe o que é coffee break?

Antes das últimas frases, ouve-se a voz da pessoa que está gravando o vídeo dizendo: *Que maloqueragem!* A publicação teve 643 curtidas, 334 compartilhamentos e 386 comentários. Entre os comentários que aparecem e ficam visíveis como os mais relevantes, segundo a própria ferramenta do Facebook, estão:

F.A: Palhaçada do caralho, bando de vagabundo, metralha tudinho!!!  
 N.M: MSVC -> Movimento dos Sem Vergonha na Cara  
 I.G: Absurdo isso. E as autoridades?  
 R.F: Filhos da puta que não merecem respeitoooo... pegam as terras e vendem e dps voltam p esse grupo de merdaaaaa.  
 N.R: Isso é uma palhaçada! Gente pobre só dah nisso! E não falo pobre em bens não! Pq tem gente aí com carros, casas e etc... Mas pobre de espírito! Kd a força nacional pra lidar com marginal agora? Pq tão protestando contra o q? A geração de vários mil empregos?

---

<sup>38</sup> Anexo 13.1

<sup>39</sup> Anexo 14

Cito esse exemplo para ilustrar como uma publicação pode orientar o rumo das opiniões que são expostas na rede social. A legenda do vídeo não pedia para que as pessoas incitassem o ódio, proferissem palavras racistas e classistas. Porém, o trecho do vídeo que foi escolhido já demonstra a opinião de quem gravou. Este fenômeno isolado, particular, provoca uma reação generalizada, como se induzisse a percepção do internauta. É neste ponto que as redes sociais, como o Maceió Ordinário, reproduzem o efeito causado pelas grandes mídias, quando as informações vinham em sentido unilateral, e o conteúdo era dado como verdade absoluta. A diferença, nesse caso, é que não existe mais a apatia do receptor, mas ele vai acabar agindo conforme a maioria.

Neste sentido, também podemos nos apropriar da ideia das conexões entre os laços da rede de cada indivíduo para tomadas de decisões, assim como já vimos na teoria dos jogos de Elias (1998), que os indivíduos são interdependentes nas configurações sociais e, portanto, escolhem realizar uma ação de acordo com seu nível de engajamento no jogo, ou seja, as configurações exercem uma força compulsiva sobre o indivíduo. Mascarenhas (2012) cita esta ideia de Norbert Elias — que é aplicada na análise de grupos — para saber o grau em que a pessoa está afetada pelo mundo exterior, ou seja, o quanto as manifestações relacionadas a um ser vivo, um objeto ou um fenômeno social interessa e emociona a pessoa. De acordo com essa noção, um alto grau de emoção que o ator condiciona à determinada situação vai produzir um efeito de paralisia das capacidades reflexivas e de reação prática. Por isso, a importância do autocontrole das emoções para ter um domínio relativo do mundo exterior.

## **2.2: Perspectivas gerais sobre o tribunal *informal* do Facebook**

O nosso segundo apontamento que se descortinou como fenômeno importante para ser analisado e que é, para nós, uma das consequências do processo de informalização do comportamento impulsionado com a internet é a maneira como os seguidores do Maceió Ordinário estão emitindo suas opiniões em forma de julgamento. A liberdade dada na plataforma alcançou o nível ético-moral das pessoas que se deparam com diferentes situações de postagens que as convidam a se posicionar. Segundo vimos no capítulo anterior, Norbert Elias e Cas Wouters analisaram pontos importantes relacionados à natureza do indivíduo, que impactaram em vários estratos da sociedade. Queremos resgatar um deles para entender como os sentimentos de ódio, lascívia e raiva

exteriorizam-se na plataforma virtual, assim como moldam os julgamentos no meio de um conflito.

Tratemos então da emancipação das emoções que flexibilizou a autorregulação dos comportamentos (WOUTERS, 2008). Passou-se a aceitar alguns códigos sociais que antes eram proibidos, tais como admitir publicamente sentimentos que conotem uma postura agressiva, por exemplo, mas que não necessariamente seria de tal forma que a pessoa agiria, guiada pela emoção. Nas últimas décadas do século XX, houve uma busca maior por espontaneidade, relaxamento, mas sem escapar a segunda natureza, que controlava a primeira (mais instintiva) e ainda se evitando atitudes que demonstrassem superioridade ou inferioridade. Nas análises de Wouters (2008) sobre a tendência da informalização que transformou a sociedade, ele levanta uma questão que cabe uma reflexão no nosso objeto: “irão continuar os processos de emancipação das emoções e de descontrolo controlado dos constrangimentos emocionais e, eventualmente, incluirão os sentimentos de superioridade e inferioridade?”

A resposta, pelo que vimos até agora, é sim. Diante das inquietações de Wouters, podemos apontar alguns exemplos que corroboram a continuidade do processo de emancipação das emoções e da informalização dos papéis que cada um está assumindo por trás de um dispositivo eletrônico. Para iniciar os exemplos, trago à luz uma recorrente temática que gera grandes conflitos no Maceió Ordinário: a questão de gênero e classe. As mudanças nas formas de interação entre os sujeitos nas sociabilidades trazem sinais do passado, dos processos que levaram à informalização das relações.

Elias (2008) já chamava atenção, principalmente, para as transformações das relações entre homens e mulheres — e entre gerações mais velhas e mais jovens —, que segundo ele, foi uma das áreas que mais sofreu impactos com o surto de informalização. O autor faz uma correlação entre as mudanças que ocorreram nas sociedades-Estados com as mudanças sociais entre os jovens universitários. As simples formas de tratamento dos homens com as mulheres, cuja separação era nitidamente baseada nas classes econômicas — ou seja, as mulheres da boa sociedade, que foram criadas para casar, e as da classe trabalhadora e prostitutas, que somente poderia se ter um caso — são destacados pelo autor. O cortejo, o beijo na mão ou o modo de dançar com as mulheres da boa sociedade eram diferentes. O contato era regido por um código formal e bem estabelecido. Já nas perspectivas atuais, é quando se discute as relações de gênero na internet que as marcas históricas aparecem renovadas, com sua gênese carregada de tradições machistas,

patriarcais e étnicas, mas com liberdade de ofensas e julgamentos que a informalização do comportamento permitiu.

Num vídeo<sup>40</sup> publicado no dia 30 de maio de 2015, três meninas aparecem recitando a letra de uma música, cujo vocabulário faz alusão a sexo, droga e linguagem “de periferia”. Seguem alguns dos mais de dois mil comentários que a publicação teve, em sua maioria absoluta com ofensas de gênero, classe e sexualidade:

P.V: Daqui a 2 anos : as 3 gravidas lascada na vida, apanhando d malandro e futuramente colocando bandido na rua .... Eita... Eh a vida

R.L: Daqui 2 anos ? Hahahaha...primeiro vagabundo que jorrar dentro engravida ! HAHAAAAHA.... ô mais é claro ! ae eu quero passar na porta da casa delas e falar : " CUDJA CUDJA " kkkkkkkkkkkk

D.D: E as mães morrem de vergonha . Agora peçam pra que elas escrevam uma redação com pelo menos 15 linhas , será que sabem ?!#Cuidja

R.N: Não manguem do "cuidja" pq a sociolinguística permite, mas oremos pela malícia dessas criaturas tão novas.

J.B: Bando de puta isso sim!!!!

H.A: Q isso? Aprendiz de quenga?

L.H: Essas meninas deveria ter vergonha disso que estao fazendo cade que procurao uma igreja pra Deus tirar esse espirito de prostituição #Faltaderespeito

R.C: Fiz as contas, é tudo puta kkkkkkkkkk cade as mães dessas meninas? Ja sei! Deve ta na porta sentada falando mal das filhas dos outros!

N.R: Essas meninas não so, degrina a imagem delas como das mulheres no geral. Umas piranhas que não se valoriza pantera uma merda vai estuda que melhor e vai ser algo na vida. Que champra será daqui a 9 nove meses quando vc tiver gravidade com menino chorando que mundo e esse a cada dia ficou mas supreza agora era bom o conselho tutelar nos pais dessas meninas...o fim do mundo pelo jeito ta mas próximo do que pensei...

Dentro dessas perspectivas, apontamos também para a reflexão sobre os valores morais que se desnudam nos comentários de frequentes publicações, as quais parecem caminhar no sentido contrário ao afrouxamento das regulações que a Europa viveu em seu processo civilizador. As pessoas que se indignam diante do desregramento das condutas sociais são aquelas que supostamente se baseiam em princípios velados por instituições que Bauman (2001) afirma terem dissolvido, tais como a família, onde os laços de parentescos estão frágeis e ameaçados, com divórcios, avós sendo excluídos do convívio e das decisões dos filhos, etc. O sociólogo acredita numa “modernidade líquida” como conceito de uma época em que todos os referenciais morais do passado (modernidade sólida) são retirados de cena para dar lugar às lógicas de instantaneidade, de consumo e de artificialidades. Contudo, encontramos reiteradamente opiniões em oposição a esses pensamentos de uma previsão pessimista da sociedade contemporânea.

---

<sup>40</sup> Anexo 15

A mesma música que as meninas do exemplo acima recitaram viralizou entre os seguidores do Maceió Ordinário com frequentes postagens, utilizando expressões retiradas da letra: “cudja”, charlar”, “champra”. Um vídeo publicado em 1 de julho de 2015, mostra um casal de adolescentes vestindo camisas com estampa de folhas de maconha e dublando o diálogo da introdução da música da banda Família 33<sup>41</sup>:

Menino: E aí princesinha?! Vamos “charlar” o que vazou?

Menina: Só se for da que transa ... (imitando o gesto de quem está lambendo um papelote para fechar o cigarro de maconha).

O vídeo obteve mais de 76 mil visualizações. A legenda já indicava: “Crianças, seus pais sabem disso?”

V.S: Meu Deus onde vai parar isso, cada vez mais crianças perdendo sua infância... É o fim.

G.M: Já era... A juventude está completamente perdida, não tem mais jeito!!!

M.B: Meu Deus a polícia Federal era pra está ligada nisso ai. É muito sério. E passar para os pais deles. Até a camisa fazendo apologia as drogas.

K.P: São os "de menor" que tanto o governo defende! Projetos de almas sebosas!

R.V: Piveta que se passa pra fazer um negócio desse é uma rameira pão do lixo

J.C: Será que isto é vida? Será que o futuro é promissor? Mas de uma coisa sabemos, estão destruindo sua própria família.

L.R: Deviam evitar este tipo de postagem.

C.R: E o Maceió ordinário ainda compartilha isso!!! Está fomentando a gravação de mais vídeos um pior que outro! Parei de seguir... Passou de resenha já tá ficando patético!

É neste aspecto que chamamos atenção para as dinâmicas de imposição da opinião como julgamento como sendo uma verdade incontestável. Os valores que as pessoas sugerem resgatar vêm acompanhados de condutas que fogem às regras de etiqueta e normas de convívio de determinados grupos sociais. Além das palavras de baixo calão, ofensivas à honra, à dignidade de uma pessoa que não é meramente personagem de uma foto ou vídeo de uma publicação, a humilhação e o constrangimento terão resvalos nas vidas privadas dos atores. O casal de adolescentes que quis fazer uma brincadeira e divulgar na internet acabou no “tribunal do Facebook” sendo julgados como “maloqueiros” e “vagabundos”. Alguns fizeram previsões sobre suas vidas como se não existisse outro caminho e oportunidade para eles.

As representações de afeto e de moral que motivam os internautas do Maceió Ordinário a comentar um assunto encontram outros tipos de representações num mesmo

---

<sup>41</sup> Anexo 16

conflito mediado no grupo. É onde as diferenças aparecem, ficam mais em evidência do que a própria postagem. Emitir uma opinião num espaço público de pessoas heterogêneas é estar sujeito às críticas e se expor para também receber julgamentos. Em alguns casos — não raros na *fanpage* — mostram como a opinião pública diverge exatamente por conter opiniões individuais, mesmo quando se trata de uma temática que afeta todos os atores da situação: o dono da página que publica, os seguidores que participam com comentários, curtidas e compartilhamentos, além dos personagens de determinada situação. Fica muito claro contextualizar isso com postagens que se referem à violência urbana.

No dia 04 de agosto de 2013, um vídeo<sup>42</sup> publicado mostrou a revolta de populares, num dos bairros mais nobres da capital alagoana, frente à tentativa de assalto a uma moto que era utilizada para prestar serviços numa pizzaria. A descrição do vídeo, acompanhado da legenda “*Mais um ladrão apanha na Jatiúca*”, é:

Por volta das 23:30hs um ladrão tentou roubar uma moto na Pizza Fone da Jatiúca quando na tentativa de fuga colidiu com um veículo estacionado nas proximidades e acabou caindo, tentou fugir a pé e acabou sendo capturado por populares... (A.C)

A postagem teve 1.400 curtidas, 870 compartilhamentos e centenas de comentários em poucos minutos. A população bate e chuta o transgressor, que, aos gritos, suplica por ajuda. Os autores da violência golpeiam o homem e perguntam “Por que você rouba?”, “Por que você fez isso?”, sem nenhuma demonstração de constrangimento ao fazer aquilo. Destaco os seguintes comentários consecutivos, que foram gerados em resposta um ao outro:

C.A: Ta virando moda? Tomara q vire regra.

C.B: tudo sem noção, bater no cara fudido todo mundo bate. Vamo dar um pau em quem fode a vida de vocês realmente, tudo ignorante e covarde... O doente ali ainda diz "Bate nos segurança deles..." Quem banca os segurança é você mofio, abra os olhos, acorde. Você vive num estado FUDIDO, onde ainda o coronelismo impera, num país que possui uma das maiores taxas tributarias do mundo e em troca recebe serviço publico merda e se acovarda diante disso? CARA,VOCÊ É BURRO..

F.J: Virar regra? da mesma forma que o elemento do caso aí é perigoso essa opinião é bastante perigosa também: espero que nenhum familiar seu seja confundido na hora que gritarem pega ladrão e esse seu familiar esteja bem ao lado do bandido e que possa ser confundido de alguma forma...aí vc vai reclamar de quem? da sociedade que BATEU em teu familiar? Tudo na vida precisa de Ordem, senão tudo vira "Terra de Ninguém", no caso aí tudo bem,

---

<sup>42</sup> Anexo 17

FOI BOM ELE TER TOMADO UM CORRETIVO SIM, MAS ESSA NÃO É A REGRA. FICA O RECADO

ND: Porra velho, apanhou pouco, sempre tem os pregos pra falar, ta bom, ta bom, ta bom é o caralho, pq quando um fdp desse ta armado e vai assaltar alguém não tem pena de ninguém não, o ta bo de marginal é um tiro no cidadão que trabalha pra cacete e não tem segurança, devia ser linxado ate a morte ou ate quebrar todos os ossos filho da puta!

M.S: Olhe pra frente .i se amanhã for um filho seu ou um neto .um parente seu qualquer.....pense nisso .vc pode nao mudar o mundo ,mais pode mudar sua vida ,quando vc mudar seu modo de agir i pensar

N.D: Se for um filho meu, ele vai se ferrar, pois eu não pago advogado pra ladrão, darei toda a educação, porem se ele se inclinar pro lado negro da força, vai paga por isso, e só pra vc ter uma ideia quando eu tinha 17 anos meu primo assaltou um banco, hoje eu tenho 30, NUNCA fui visita-lo, quero que ele se foda não tenho pena de bandido, se vc ta com pena, leva pra criar pra sua casa e faça um ladrão feliz!

É importante trazer essas considerações para ilustrar que diferentes opiniões podem ser emitidas por pessoas que divergem em muitas formas, porém, quando pensarmos de uma maneira geral, encontraremos semelhanças comuns a todos. No obra *Escritos e Ensaios* (2006) de Norbert Elias, o autor dedica um capítulo para falar sobre habitus nacional e opinião pública, tomando como parâmetro situações diferentes na Alemanha e na Inglaterra. O autor utiliza exemplos de notícias publicadas em jornais, para sustentar a ideia de que esses meios não possuem o poder de formar a opinião pública, mas que representam também as opiniões das pessoas e dos grupos que formam o país. Para Elias, a opinião pública é a base comum à pluralidade das opiniões.

Se observarmos a opinião pública na Alemanha ou na Inglaterra como alemães ou ingleses, veremos então, talvez, apenas opiniões de diferentes homens ou partidos. Mas se, ao contrário, compararmos a opinião pública mesmo de partidos, ou opiniões opostas em um mesmo país, com as de um outro país, veremos então o quanto há de comum no interior do mesmo país, mesmo entre adversários, no que se refere a sua opinião sobre questões públicas. (Elias, 2006, p. 113-114)

Seguindo a linha de raciocínio de Elias, pensamos os membros da página como indivíduos pertencentes a classes diferentes, frequentadores de igrejas e escolas diversas, moradores de bairros distantes que acessam a página do grupo e leem uma notícia relacionada a um espancamento de um assaltante. O tema violência é um dos mais polêmicos, que abarcam uma infinidade de opiniões discordantes, gera constrangimentos, tensões, desintegração, etc. Mas se analisarmos aqueles membros como o conjunto de



cidadãos alagoanos e brasileiros, certamente eles terão pontos em comum no que diz respeito ao desejo de que a violência diminua.

Este mesmo exemplo calha na nossa reiterada discussão sobre a emancipação dos sentimentos como ódio, aversão, hostilidade e que incitam julgamentos carregados de preconceitos. Observamos também que essa flexibilização da liberdade de opinião na plataforma virtual abriu margem para que as pessoas fiquem mais intolerantes a quem não aceita uma opinião divergente e fez surgir, rapidamente, o reconhecimento das redes sociais como um espaço para externar julgamentos. É bastante comum, em meio a alguns conflitos, as pessoas escreverem frases como as que transcrevo, retiradas de várias postagens:

CCF: Sabia que ia ter gente falando merda kkkkkk hj em dia tudo é preconceito e despeito, tá doido...

R.S: Pqp o povinho chato do caralho reclamam de tdo...

J.P: Sabem qual é o problema dos falsos moralistas que estão criticando?..... É porque até hoje o skate é tido como um esporte de drogado e de maloqueiro, se fosse uma bola de futebol, achariam o máximo

M.M: O choro é livre, a expressão de quem tirou a foto também. Antes uma intervenção SEM DANOS a uma obra de arte do que uma com danos. Agora ficam aí de mimimi no Facebook e na vida real não fazem nada pra melhorar nem o bairro em que vivem, que dirá a cidade. Graciliano não curte esse tipo de gente, vai vendo. Obg dnd

R.V.L: Pronto, tava demorando... Esse país politicamente correto está um saco. Piadas são levadas a sério e política é levada na brincadeira!

M.A: O bom não é cobrar educação, e sim mostrar a que tem... Só observando.

A questão de descarregar discursos de ódio e preconceito, humilhar e constranger as pessoas nas redes sociais da internet passou a ser questionada pela ciência, não mais, simplesmente, como um processo de transformação dos comportamentos e das condutas que são guiadas pelos meios sociais. O fenômeno abriu os olhos para uma esfera da sociedade que até então estava distanciada dessa mídia dita como alternativa: o poder Judiciário. Mais uma vez, a inquietação de Wouters (2008) emerge no nosso objeto de estudo. “Irão continuar os processos de descontrole controlado?”.

O Marco Civil da Internet<sup>43</sup>, como ficou conhecida a recente lei que estabelece princípios, garantias, direitos e deveres de quem é usuário da web no Brasil, é um exemplo

---

<sup>43</sup> Apêndice 4

desse “descontrole controlado”. A proteção à privacidade dos internautas e a liberdade de expressão, ratificando a internet como um espaço democrático para expor ideias, opiniões e estabelecer configurações livremente, são garantidas mediante algumas restrições. Ficará nas mãos de juízes de direito a decisão sobre a ilegalidade de um conteúdo nos casos de ofensa à honra ou injúria, bem como tratá-los de acordo com as leis que vigoram fora da internet. Já para os casos de pornografia e violação da intimidade, qualquer pessoa que se sentir prejudicada poderá solicitar a retirada do conteúdo. Somente nos resta acompanhar o rumo desse paradoxo de estar num espaço que foi legitimado como livre, mas com a “proteção” de instituições superiores.

Por trás de um dispositivo tecnológico, as pessoas têm suas identidades resguardadas, contudo muito do que é explicitado serve para interpretar o que interpretamos do mundo e dos outros. Uma campanha encabeçada pelo Conselho Nacional de Justiça, por meio do seu perfil oficial no Facebook, alerta para os usuários da rede sobre a responsabilidade que têm ao manifestar uma opinião ou compartilhar conteúdo. Numa ilustração, o alerta é feito: “Cuidado com o que você fala na internet. Você é responsável pelo que diz onde quer que esteja”. E na legenda da imagem, um texto reforça que atitudes desrespeitosas feitas na internet também são enquadradas nas leis:

A internet facilitou a interação social e aumentou a velocidade de acesso às informações. Essas características têm colaborado para aproximar as pessoas, mas também contribuem para replicar as mesmas atitudes desrespeitosas do mundo real. O internauta é responsável pelo que compartilha, pelo que diz e não está imune às sanções legais. Use as redes sociais com responsabilidade!

A responsabilidade sobre o que as pessoas fazem ou falam também era uma inquietação nos estudos de Bauman (2008). Ele destaca que na sociedade do século XXI as pessoas estão emancipadas das suas ações, cada um deve se vigiar, ser responsabilizado pelo que diz ou faz e confiar nas próprias habilidades, vontades e poder. O autor diz que somos indivíduos *de jure*, com autossuficiência para desempenhar as tarefas de autoidentificação, autogerenciamento e autoafirmação, ou seja, ser um indivíduo *de jure* é “não ter ninguém para culpar por nossa própria miséria, buscando as causas de nossas derrotas em nossa indolência e preguiça”. (p. 138). Bauman quer, com isso, enfatizar um prognóstico da dificuldade de se viver em sociedade, de confiar no outro e nas instituições, do cuidado mútuo. Por conseguinte, o autor diz que as pessoas podem colocar seus medos individuais em “bodes expiatórios”, os quais seriam os políticos a quem

reclamamos, os criminosos que nos fazem gradear a janela e instalar alarmes, ou os jornalistas que conspiram sobre as causas do medo e da raiva que estão confinados.

Para que o indivíduo *de jure* se torne um *de facto* deve ter controle do seu destino, fazer escolhas que deseja realmente, e é esta fenda que precisa de uma ponte metaforicamente construída a partir de soluções públicas para questões privadas, grosso modo, voltar a encher os espaços públicos esvaziados pelo cidadão desinteressado, realizar debate e negociação entre o indivíduo e o bem comum. Na visão de Bauman, o espaço público não é, para o indivíduo, muito mais do que uma tela gigante sobre a qual as preocupações privadas são projetadas sem perderem, apesar da magnificação, a condição de particularidades. O espaço público é onde é feita a confissão pública das intimidades e dos segredos privados. (Bauman, 2008, p. 140)

Se há uma semelhança desse pensamento na atualidade é com o efeito que a internet produz. Os espaços públicos foram preenchidos, só que numa vertente diferente. Os debates saíram das instituições, como a Igreja, a Universidade, as Assembleias e os Jornais e TV's, transferindo os encontros para as redes sociais, a exemplo do Maceió Ordinário, com mais informalidade e participação para opinar sobre tudo, mesmo que o conhecimento relativo ao assunto seja pouco ou nenhum. As pessoas acreditam que têm autoridade para opinar até em áreas das quais não têm especialidade.

Vejam os exemplos: um vídeo<sup>44</sup> do dia 18 de outubro de 2013 mostra um trecho da gravação de uma câmera de segurança instalada no estacionamento de um supermercado de Maceió. Durante 2'50'', as imagens mostram a ação de uma pessoa que estava em atitude suspeita, depois caminha tranquilamente para um carro enquanto fala ao celular, arromba a porta do passageiro com um objeto não identificado na imagem, fica alguns segundos em volta com o celular no ouvido, dirige-se novamente ao carro que já estava aberto, recolhe alguns objetos do banco, entra no carro em que chegou e é neste momento que aparecem dois seguranças apontando a arma para o homem, ordenando que saia do veículo. Para a surpresa dos seguranças, o homem não obedece a ordem e acelera o carro até alguns metros do portão e consegue fugir. A ação dos seguranças foi questionada nos comentários do vídeo e muitos opinam sobre como deveria ter sido a atitude deles.

M.D: Qual a dificuldade de atirar no pneu pelo menos? Pqp  
B.G: Na certa, não fez tiro ao alvo =s

---

<sup>44</sup> Anexo 18

L.M: Que pneu, dava na cabeça logo, metia a bala pra cima !!! Cadeia pra ladrão é cemitério !!! Segurança bosta !

H.T: Quando os dois caras armados foram fz a abordagem o carro estava parado, dava muito bem pra evitar a fuga do criminoso

Y.V: Bastaria um tiro na parte frontal pra atingir o radiador q o carro não andava mais, mas esses aras são tão burros q nem nisso pensaram !

L.M: Primeiro procedimento... Fechar o portão e reduzir a possibilidade de fuga... segunda opção... após a arrancada, meter bala pra cima em legítima defesa... o bandido tentou passar o carro por cima do segurança.

L.M: Será que houve facilitação da segurança? Certamente a polícia irá questionar isso, pois foi estranho acompanhar durante bom tempo e serem omissos na abordagem (em não atirar ou até mesmo dar um tiro de advertência)... Vigilantes são treinados para agir de modo preventivo. Tipo, aconteceu? Cadê dificultarem a rota de fuga? Estranho!

L.A: Aí tu acha que os seguranças estariam envolvidos num roubo de uma bolsa? (seja lá o que for) -.- o que acontece é que no nosso país ninguém tem coragem de sair atirando, porque tudo vem os direitos humanos, essa é a verdade!

P.S: O que houve foi que erraram na abordagem, fizeram certo em esperar o mesmo cometer o delito para pega-lo em flagrante, mas erraram em não fechar a saída evitando assim a fuga. Notei também que a câmera não deve ter pego direito a placa do veículo, e poderiam ter atirado no veiculo, nem que fosse no vidro, assim ficaria ate fácil de identificar um Siena na cor branca com marca de perfuração de bala. rs

Podemos contextualizar o exemplo com o que discutimos até agora sobre o acesso à informação que a própria internet tem facilitado, emancipando ações e emoções que se tornam públicas. Outra perspectiva que pode entrar como análise é a associação dos laços fracos de uma rede (GRANOVETTER, 1974) que permitem conexões mais “distantes”, ou seja, as pessoas precisam fazer um caminho mais longo para chegar até elas, e nesse percurso vão adquirindo mais fluxos de novas informações. Até mesmo o estímulo para querer participar de uma discussão é consequência desse processo de informalização do comportamento que ainda não é possível vislumbrar um fim.

Bem pouco tempo atrás, não se via a juventude de classes inferiores, por exemplo, participando de ações em cunho político e debates ideológicos, porém não queremos questionar se o conteúdo da participação é, ou não, coerente, substancial. Estamos enfatizando que espaços como o Maceió Ordinário deram a oportunidade para pessoas que antes não tinham meios de se mostrarem ativos numa socialização. É certo que o nível de educação instrumental e noções de cultura ainda precisa atingir um equilíbrio — se é que é possível —, mas o compartilhamento de conteúdos nas redes sociais está despertando em alguns as responsabilidades dos outros, especialmente os que estão no poder representando a população. Uma postagem<sup>45</sup> na *fanpage* com a legenda: “O cara ta bêbado na assembleia véi. Taqpariu #AVergonhaSóAumenta”, um vídeo mostra um

---

<sup>45</sup> Anexo 19

deputado alagoano aparentemente embriagado lendo um discurso com dificuldade de pronunciar as palavras, engasgando e tomando goles de água entre uma frase e outra. Nos comentários, os conflitos começam:

V.C: Mais o povo de Alagoas merece esses representantes, em quanto isso deixaram Judson Cabral de fora.

S.M: Adianta reclamar sim gente!!! Antes de tudo ele é empregado do povo, e cabe ao povo (nós) tomarmos a devida providência. O que não pode é um desqualificado desse está zonando da nossa cara dessa maneira. E pior, financiando as putarias dele com o salário que sai do nosso bolso!!!!

C.M: É bom que ele coma a mãe e a mulher de quem votou nele , povo burro do caralho , merece cada pancada que levar durante os 4 anos de mandato .

D.M: Nós elegemos e reelegemos esses parasitas. Cada dia mais envergonhado de como meu povo trata a política... todos sabemos quem não presta neste Estado, mas insistimos em reelegê-los. E agora estamos também passando o poder de pai para filho. Isso explica porque Alagoas é um dos mais atrasados culturalmente, economicamente, socialmente, etc.

S.M: Se qualquer cidadão comparecer no emprego nesse estado é demitido por justa causa! Mas ele pode? Ninguém faz nada e ainda acham engraçado!

L.N: É esse Cara que vai nós representar na camara estadual é simplesmente ridículo e ainda foi reeleito pelo povo essa mala sem alça é brincadeira mesmo uma vergonha para o nosso estado que só elegem esse tipo de pessoa e a inda vai passar 4 anos no poder esse povo que votou nele merese essa mala

Vemos nesse exemplo que apesar dos indícios de consciência política, os sentimentos de ódio, rancor com marcas históricas, e aversão a uma conjuntura política atual, refletem alguns aspectos dicotômicos nas opiniões. Por um lado, as pessoas se eximem da culpa de ter colocado o político no poder, como se ele não as representassem; e por outro, os internautas se incluem na “punição” de terem que ser representados, argumentando que o “povo de Alagoas” merece ter políticos que agem de tal forma por ser uma sociedade que não se emancipou do voto de cabresto. E assim, como em vários outros exemplos, entram em cena nas discussões on-line o capital social, os habitus, as interdependências nas sociações e as cargas simbólicas das vidas privadas levadas para o espaço público virtual.

# Capítulo 3

**O sentimento de pertencimento formado em rede**

### 3.1: A “alagoaneidade” despertada no Maceió Ordinário

O nosso terceiro e último capítulo faz-se da necessidade de deixar uma contribuição a título de sugestão para pesquisas futuras sobre a influência da *fanpage* Maceió Ordinário no despertar para um sentimento de pertencimento entre os seus seguidores. Sousa (2010) chama atenção para os meios de comunicação que estão atuando no imaginário social, mediando a construção e a caracterização do pertencimento nas diferentes formas de organização da vida coletiva e individual. Para o autor, a ausência de um comum aglutinador está dando às mídias o papel de moldar o pertencimento como linguagem de busca de identidade. É sob esta perspectiva que observamos, a partir das postagens, dos comentários e do número de compartilhamentos das imagens e vídeos, o interesse dos seguidores da página pelos temas relacionados a Alagoas.

Percebemos em diferentes publicações a discussão sobre uma “alagoaneidade” (ou a falta dela), como se as pessoas estivessem atribuindo uma identificação regional à cultura — em especial ao patrimônio material e imaterial, à linguagem e às personalidades — do Estado de Alagoas. Para exemplificar, trazemos algumas postagens, tais como a de uma foto<sup>46</sup> de um grupo folclórico local com a frase escrita: “*É alagoano, mas... só valoriza cultura de outros estados*”. Nos comentários, os afetos prevalecem e os conflitos começam:

J.G: Cultura? onde? Ah,o folclore? Puts, nunca me atraiu.

C.EN: Coitado de quem pensa que cultura é um folguedo, por isso somos vistos como imbecis nos EUA.

J.G: A cultura daqui é em prol de tudo que conduz a dança, a musica.questões tecnologicas não se envolve em cultura. imbecis,por que desvalorizam o que criaram,ou pelo simples fato de se darem tão pouco ao que defendem.

C.E.N.: Bom.. vamos lá...Tapioca, nossos museus belíssimos, nosso teatro que toda quarta-feira tem artistas da terra e nunca perco, nosso museu de arte visual e musical sempre vazio e sem ouvintes pra escutar piano. Até nosso sotaque faz parte de nossa cultura.

J.G: Não desconheço nenhum citado por vc. mas isso é que questão motivacional, e não por dar valor a cultura de outros estados. Mas felizmente no meu caso trata-se de personalidade, nada citado sobre cultura daqui me envolve. Quer pessoas envolvidas? vai atras mostrar o que ha de bom por trás de tudo isso. ai sim,vc terá com quem discutir sua visão e impor seu senso comum. Pra não dizer que desvalorizo por completo minha terra, amo sotaque é um dos mais bonitos no meu ver.

C.E.N: O mundo inteiro vem atrás de nossa cultura, de conhecê -la, esse desinteresse é generalizado, daqui s pouco to no teatro Deodoro e nossos grandes artistas nunca são prestigiados, mas quando filho do Lucio Mauro veio

---

<sup>46</sup> Anexo 20

aqui tentar fazer alguém rir ao ingresso de 100,00 rapidamente lotou o teatro. Uma grande falta de identidade dos alagoanos.

A.Z: Valorizar é diferente de gostar; valorizar é reconhecer, e isso falta MUITO em Maceió. É só comparar com Recife, por exemplo.

G.I: Típico do alagoano.. Começando pelos times que torce.

A linguagem intitulada de “alagoana” em diversas postagens também é frequentemente cobrada como uma identidade, como um pertencimento ao povo e ao lugar. Cito a postagem<sup>47</sup> que diz: “*Em Alagoas fala assim: tudo que é ruim é peba*”. Mais de 1.800 pessoas curtiram essa frase e entre os comentários, estão:

A.F: Em Alagoas, PEBA é o mesmo que PAIA. Entendeu? Não? É porque não é alagoano

A.S: agora entedi kkk aq o povo fala vc e uma tranquera kkkk

P.O: Peba ou paia... Kkkkk

T.F Me Identifiquei. .

Durante a nossa pesquisa, vimos aparecer recorrentes publicações que faziam referência ao que tem em Alagoas e ao que é ou faz um alagoano. Essas duas tipificações são baseadas nas nossas observações, contudo, em novembro de 2015, o criador do Maceió Ordinário, Diogo Moreira, passou a inserir as publicações desta natureza agrupadas por tema, de maneira que ficou sistematicamente organizado e o seguidor foi informado sobre que tipo de postagem haveria em determinados dias da semana. O que nos chamou atenção foi a preocupação do mediador do grupo em preservar na *fanpage* a mistura de assuntos que geram discussões sérias ou bem humoradas. A necessidade de fazer presentes no grupo os registros visuais das praias e belezas naturais do Estado, mostrar que um cantor conhecido internacionalmente é natural de Alagoas ou brincar com o jeito interiorano do alagoano falar, com seus sotaques e expressões de um vocabulário que é quase um dialeto.

Para citar alguns exemplos, trazemos a postagem de lançamento da vinheta “Artistas da terra”<sup>48</sup>, como um espaço dedicado a valorizar as pessoas que são nascidas em Alagoas e se destacam por algum talento artístico. O texto da publicação também chama os seguidores a participarem, interessarem-se pelo que ele denomina “da terra”.

Vamos valorizar o que é da terra?[símbolo de coração] Nossas sextas-feiras serão dedicadas a artistas da nossa querida Alagoas. Conhece algum talento daqui que merece ser visto? Basta mandar sua sugestão com material e um

---

<sup>47</sup> Anexo 21

<sup>48</sup> Anexo 22



pouco da história do artista pelo nosso whatsapp - 82 9352.9797 - ou canais sociais #artistasdaterra

Em todas as postagens com essa vinheta aparece o artista destacado em primeiro plano e um texto na legenda com um breve histórico, para que as pessoas conheçam um pouco sobre de quem se trata. Um dos primeiros homenageados foi o cantor de forró que ficou conhecido como Kara Véia<sup>49</sup> e depois surgiram nomes como Mano Walter<sup>50</sup> e Bell Oliver<sup>51</sup>, todos ligados ao estilo musical forró. Porém, nomes consagrados, a exemplo de Djavan<sup>52</sup> e Nelson da Rabeca<sup>53</sup>, também foram destaques como artistas que fazem parte da cultura de Alagoas:

#artistasdaterra "Edvaldo José de Lima ou "A cara metade das vaquejadas", assim era conhecido Kara Véia. O cantor alagoano, fez muito sucesso no Brasil, especialmente no #nordeste, cantando em vaquejadas e sendo locutor. Natural de Chã Preta a 100KM de Maceió, também era compositor. Seu primeiro sucesso foi em 2001, com a música "Foi você". Também se destacou com as canções "Mulher ingrata e fingida" e "Filho sem sorte". Antes de morrer, ainda chegou a escrever um bilhete, no que tinha escrito "uma pena, morrer por brincadeira". Kara Véia sempre continuará vivo para os vaqueiros e fãs;

#artistasdaterra Um ex-cortador de cana, nascido em Joaquim Gomes-AL, que virou um rabequeiro respeitado até por estudiosos da música erudita! Essa é a história do alagoano Nelson dos Santos que traduz a riqueza da cultura alagoana nas músicas que compõe, na história que carrega e no talento para tocar e construir artesanalmente o instrumento que mudou a vida dele, a rabeca. Que foi de onde ganhou o carinhoso apelido de Nelson da Rabeca. O jeito do músico de fabricar a rabeca chamou a atenção do maestro José Eduardo Gramani, músico de formação erudita, que se encantou pelo instrumento nos últimos anos de sua vida. Nelson ganhou até um perfil escrito pelo maestro no livro "Rabeca, o sonho inesperado".

Foi na Praia do Francês que seu Nelson começou a mostrar seu talento na música, chamando atenção de milhares de turistas. Em 2003, foi parar no Programa do Jô. "Já toquei com muito artista bom, já toquei com Hermeto Pascoal. Já toquei mais o Siba, mais Mestre Ambrósio".

Hoje o mestre já confeccionou mais de 6 mil rabeças e apresenta seu trabalho no Brasil e no mundo. São três CDs lançados e um DVD que reúne o trabalho musical desenvolvido ao longo de quase 20 anos. Em 2009, o mestre Nelson da Rabeca foi selecionado pelo Conselho Estadual de Cultura de Alagoas para integrar o Registro do Patrimônio Vivo do estado.

Os textos contêm o modelo trajetória de vida, para destacar a luta do artista para obter o reconhecimento. Nos comentários de publicações como essas é fácil encontrar comentários dos tipos:

---

<sup>49</sup> Anexo 23

<sup>50</sup> Anexo 24

<sup>51</sup> Anexo 25

<sup>52</sup> Anexo 26

<sup>53</sup> Anexo 27

E.F: Grande homem, exemplo para muitos!  
 J.M: Orgulho  
 V.R: Esse é nosso patrimônio vivo.  
 A.G: Tenho orgulho de ser alagoana amo Djavan.  
 C.D: Kara Véia, pra sempre na memoria e nos ouvidos dos Alagoanos.

Neste mesmo contexto, estão as postagens semanais nas categorias criadas pelo Maceió Ordinário: “Personalidades Alagoanas” (mostrando personagens que marcaram a história artística, cultural, política ou econômica do Estado, tais como Zumbi dos Palmares<sup>54</sup>, Graciliano Ramos<sup>55</sup> e Aurélio Buarque de Holanda<sup>56</sup>) e a outra vinheta “Bora, conhecer Alagoas?”<sup>57</sup> (com imagens de atrativos de um ponto turístico do Estado, geralmente praias). É interessante destacar que, apesar da constância nas postagens com a iniciativa de despertar o interesse dos seguidores sobre assuntos que fazem referência às particularidades do Estado, a interação do emissor não acontece da mesma maneira que em outros tipos de publicações das quais analisamos até agora.

Percebemos que o número de comentários é consideravelmente inferior, quando a publicação apenas apresenta o artista, a personalidade ou o ponto turístico, do que as postagens que têm a intenção de causar conflitos. Para uma comparação mais amostral, pego o exemplo do post “personalidades Alagoanas” que homenageia o escritor Aurélio Buarque de Holanda, com 710 curtidas e 25 comentários. Já o vídeo da mulher que não sabia quem era Aurélio Buarque de Holanda teve 4.222 curtidas e 820 comentários. Em relação ao número de pessoas afetadas para dividir com a sua rede a informação, apenas 45 compartilharam quem foi o escritor; por outro lado, 868 internautas compartilharam o vídeo da mulher sendo ridicularizada diante da estátua de Aurélio.

Seguindo essa mesma lógica nas dinâmicas das representações da alagoaneidade provocada no Maceió Ordinário, a *fanpage* também dá um espaço para que as pessoas identifiquem-se com o jeito local de falar, levando as expressões para o lado do humor. Por isso, criou a vinheta “Em Alagoas fala assim”, da qual extraio outros exemplos como:

Arranjar desculpas é Dar migué;  
 Interjeição de espanto é Eita gota!;  
 Perceber é Dar fé;  
 Homem safado é Cabra de pêia.

---

<sup>54</sup> Anexo 28

<sup>55</sup> Anexo 29

<sup>56</sup> Anexo 30

<sup>57</sup> Anexo 31

Num artigo sobre expressões de identidades culturais na web, Pieniz (2009) cita Oliven (2000) para explicar que, à medida que o mundo fica mais globalizado, é cada vez mais difícil a identificação com categorias genéricas e, portanto, a questão da tradição e da região ganha novo lugar. Segundo ele, os atores sociais buscam objetos de identificação mais próximos, procuram a segurança para suas identidades no pertencimento a uma cultura local. É neste sentido que a vinheta “Indiretas alagoanas”<sup>58</sup> faz uma crítica bem humorada às pessoas que se dizem alagoanas, mas não agiriam como tal. Esse espaço criado pelo Maceió Ordinário para dar “indiretas” aos naturais do Estado muito tem a ver com a expectativa depositada no outro em relação à construção de uma identidade caracterizada pelo regionalismo.

É alagoano mas... nunca foi nas piscinas naturais da Pajuçara;  
 É alagoano mas... não cuida bem das nossas praias;  
 É alagoano mas... nunca andou de VLT;  
 É alagoano mas... nunca foi conferir as belezas do nosso sertão;  
 É alagoano mas... nunca comeu um “pastel de vento” com caldo de cana no centro.

Já nas postagens que constantemente fazem alusão a um tipo ideal do que é ou faz um alagoano, observamos que Diogo Moreira tenta exibir imagens em que as pessoas reconheçam-se, que sejam representadas. São exemplos que o próprio criador classifica como as peculiaridades de um nativo da terra, ou seja, o que, segundo ele, somente um alagoano identifica-se com determinada coisa. Encontramos dentro desse contexto montagens sobre a anatomia do alagoano, mostrando as partes do corpo humano com nomenclaturas ditas por alguns aqui (“zurêa”, “suvaco”, “venta”), até fotos que remetem ao comportamento do alagoano no trânsito, na praia ou no *shopping*.

Destacamos aqui também as gírias e os bordões utilizados pelo criador do grupo e seus seguidores, tais como “boba da peste”, Txaa” e “dãa”, que frequentemente encontramos nas frases das interações, onde as pessoas entendem o que está sendo dito sem precisar de interpretação, como se todos já pertencessem àquele grupo fechado. O que enfatizo, entretanto, é que essa maneira de se expressar acabou influenciando e modificando a maneira como os seguidores escrevem na própria *fanpage* e falam usualmente nas suas vidas privadas. Exemplo disso está na postagem de uma foto<sup>59</sup> que foi enviada para o administrador mostrando um grupo de amigos numa festa de formatura

---

<sup>58</sup> Anexo 32

<sup>59</sup> Anexo 33

segurando cartazes em formato de balões de diálogo de histórias em quadrinhos, em que estavam escritas as mesmas expressões utilizadas por quem segue a *fanpage*. Em outro exemplo, Diogo Moreira fez um vídeo<sup>60</sup> editando trechos de dezenas de vídeos enviados para ele, no qual os seguidores de várias idades e configurações aparecem entoando os bordões em diversas situações. Ele quis mostrar para o público que aquelas expressões foram levadas para o cotidiano das pessoas e que elas identificam-se com o que corresponde ao Maceió Ordinário, como uma identidade que pertence ao grupo

Conforme Silveira (2003, *apud* Pieniz, 2009), depois do desencantamento do mundo pela secularização contemporânea, é o tema das representações das identidades que se coloca como base segura que alguém pode conceder-se em meio à vulnerabilidade de homens e mulheres contemporâneos. A autora acredita que o fortalecimento das identidades pode superar a sensação de vertigem, de desconforto, diante dos abismos cotidianos em sociedade e individualmente. Já para Jacks (1999 *apud* Pieniz, 2009) é a cultura regional que determina as práticas culturais que diferenciam um grupo, fornecendo-lhe uma identidade própria. E, neste sentido, as comunidades virtuais são tomadas como evidência empírica da representação de uma realidade regional; é onde, portanto, as identidades alagoanas podem ser analisadas com seus afetos e vínculos com a cultura regional do Estado.

### **3.2: Representações e integrações sociais no Maceió Ordinário**

Nos capítulos anteriores deste trabalho, exploramos a ampliação dos espaços que a internet promoveu para novas socializações de grupos heterogêneos, os quais interagem acionados por suas teias de interdependência, seus afetos, suas configurações e capital social. Neste tópico do último capítulo, vamos chamar atenção para futuras análises sobre como os afetos manifestam-se na *fanpage* Maceió Ordinário, quando as interações referem-se às representações de origem, de pertencimento.

O tema revelou-se para nós devido à nossa percepção sobre postagens de bairros nobres de Maceió, sempre com características que denotam o belo, o feliz, o superior e, por outro lado, nas imagens e nos vídeos que mostram áreas de maior concentração da população menos favorecida economicamente, quando as situações apareciam relacionadas à embriaguez, erotismo ou condições embaraçosas. Os emissores —

---

<sup>60</sup> Anexo 34

seguidores da *fanpage* — passam a identificar aqueles locais de acordo com os símbolos que o grupo atribui a eles. Pegamos como exemplos os vídeos cujas legendas são: “Enquanto isso...” e prossegue com o nome do local.

Enquanto isso no Prado...  
 Enquanto isso em Clima Bom...  
 Enquanto isso em Rio Largo.... txa cana dâaa

Nos três vídeos, os personagens aparecem em situações constrangedoras por estarem embriagados<sup>61</sup>. Já nos comentários, além de muitos símbolos de risadas, as pessoas associam a situação com o tipo de pessoa moradora do local:

T.A: Pia a presepada  
 T.N: so os doidos moram no prado  
 E.L: Minha cidade só tem doidos Kkkkk  
 S.K: Rio largo e triste viu

Foi muito frequente, por outro lado, encontrar no material de pesquisa fotos de paisagens enaltecendo a beleza do mar, o nascer do sol, as praias limpas e convidativas. Nas legendas, um “Bom dia!” ou “Que lugar top!” indicavam a identificação positiva com os cenários. Mesmo sem a perspectiva de gerar conflitos, por diversas vezes, encontramos tensões nessas postagens. Para demonstrar, cito um vídeo<sup>62</sup> do dia 17 de abril, cuja legenda é “Nossa Alagoas, Nossa Maceió!”, porém só mostra imagens das praias.

J.C: mostra as praias e bom agora vamos fazer um video mostrando o outro lado cidade q só conhece quem aqui viver... mais mesmo assim muito linda a cidade de maceió.  
 E.S: Espetáculo!  
 F.F:Ohhhhhh coisa linda  
 G.S: Mostra a parte alta de maceio kkkkkkkkkkkk  
 G.B: A realidade da parte alta ninguém mostra  
 J.I: quero ver mostra as grota  
 V.L: Minha Maceió, Robson!  
 T.B:amo minha cidade

Tomamos esse exemplo, também, para fazer um recorte sobre a legenda e alguns comentários que evidenciam o lugar como posse (minha Maceió). Elias (2008) sugere que ao utilizarmos expressões como “minha classe”, “meu país”, “minha cidade” é o reconhecimento do “nós” como pertencentes a uma rede de indivíduos em diversas

---

<sup>61</sup> Anexo 35

<sup>62</sup> Anexo 36

configurações, ou seja, a família, a escola, o estado são estruturas que não estão exteriores aos indivíduos. É por meio das próprias disposições e inclinações básicas que as pessoas orientam-se umas para as outras, numa teia interdependente. Essa seria uma visão diferente da que o autor chama de tradicional, egocêntrica, como se o “eu”, o “ego particular” estivesse no centro e as estruturas sociais ao redor.

Já quando encontramos comentários de pessoas que se excluem das situações, fazem-nos referenciar Elias (2008) sobre a crítica ao pensamento de uma análise científica de uma situação que coloca o “eu” de um lado e a “estrutura social” ou o “meio ambiente” do outro, como se as explicações para os processos sociais seguissem um modelo metafísico, coisificando, desumanizando os processos sociais.

É muito comum esta necessidade de nos excluirmos (ou de excluirmos o nosso grupo) de uma explicação em termos de representações formadas com base noutras pessoas. É mesmo uma das muitas manifestações de um egocentrismo ingênuo ou (o que é quase a mesma coisa) de um antropomorfismo primário, que ainda enforma o nosso pensamento e o nosso discurso no que diz respeito aos processos sociais. Estes modos de expressão, ingenuamente egocêntricos, estão ligados a outros que, modelados pelo vocabulário usado na explicação das forças compulsivas da natureza, passaram agora a ser usados para explicar as forças compulsivas da sociedade. (ELIAS, 2008, p. 18)

Essa ideia de Elias, utilizada para criticar um tipo de análise sociológica, pode ser aplicada ao nosso objeto de estudo, quando observamos que os seguidores do Maceió Ordinário usam substantivos nos comentários das postagens referindo-se, como indica Marques (2012), a “objetos visíveis e tangíveis no tempo e no espaço, existindo independentemente das pessoas e impedindo que se desenvolva um modo mais autônomo de falar e de pensar adequado às especificidades das configurações humanas”. Pegamos como exemplo a publicação sobre umas pessoas que danificaram a decoração natalina instalada na orla de Maceió. Tratava-se de um Papai Noel gigante passeando num trenó que é puxado por algumas renas<sup>63</sup>. O registro da imagem mostra a escultura de fibra derrubada no chão da calçada poucos dias depois de inaugurar. Destacamos, então, os conflitos, cujos comentários permeiam tanto pelo reconhecimento de um “povo” sem educação, dando a ideia de todo, de conjunto, quanto pela analogia a algo que acontece, mas o “eu” não está envolvido, fica implicitamente à parte do “povo”, além da discussão sobre distinção social que é evidente nesse caso:

---

<sup>63</sup> Anexo 37

E.S: a falta de educação por aqui ã me surpreende mais, na verdade quando vi a decoração de natal da nossa orla a primeira coisa q pensei foi: quanto tempo para aparecer destruído? enfim acho q ã é surpresa para ninguém.

L.F.: Q falta de consideração com a nossa cidade numa véspera de fim de ano onde as pessoas turistas saem de suas casas para aproveitar fim e ano e resolvem vim para cá , ao invés de se encantar com a beleza de Maceió elas vê um desastre desses e a falta de carácter das pessoas de ainda fazer isso e ficar impune-q país é esse?

W.S: tem que fuder com tudo na orla mermo !

P.A: Vc vive em que bairro?provavelmente não é na orla,para ter essa raiva assim!!

L.P: No meu bairro não botam nada pra enfeitar em tempo de festas, mas não é por isso que tem que destruir o que fazem na orla, ou qualquer outro bairro.  
^^

L.S: Ao envés de reconhecer só a orla as periferia os bairro carente tbm precisa poxa só a orla não dá ne pois os turista e os ricos que paga enposto e não nos tbm pagamos e nosso bairro nada fez nos precisamos ser valorizado tbm desculpa mais essa e a minha opinião não olha só pra orla não faz mais coisas no bairro e tbm tanta iluminação natalina pra depois nos paga pq vem no recibo de ernegia a tacha em guanto nosso bairro no viu nem um pisca pisca

M.C: Pra ter as coisas aqui em Maceió é complicado demais. Povo sem educação.

D.M: Ue, não investe em educação no estado e vem cobrar educação social?! Acheio meio irônico.

B.C: Não esperava outra coisa...

K.A: Certo que a prefeitura dá mais atenção a orla, por ser ponto turístico e tal parem de reclamar porque se fosse uma bosta iam falar que é uma vergonha os turistas ver a orla "morta".. Salvador Lyra também está enfeitada eu hein querem o que? a cidade toda cheia de pisca pisca? E infelizmente reclamam que o prefeito não faz nada e quando faz dá nisso VÂNDALOS destruindo o que é nosso.

O discurso que sempre vitimiza as pessoas que estão à margem das publicações relacionadas às coisas boas, às praias e ao belo é compreendido numa entrevista de Bauman (2005) sobre o esforço de defender uma identidade, afirmando-a e reafirmando-a para protegê-la, mesmo que seja preciso ocultar a verdade sobre a condição precária dela. Assim acontece quando as minorias — sejam de classe, gênero, orientação sexual, raça, nacionalidade, etnia, etc. — ganham voz no ciberespaço e conquistam adeptos com suas manifestações. Freire Filho (2005 *apud* Pieniz, 2009) dialoga com a ideia de apropriações tecnológicas por parte de grupos de minoria, porque eles procuram meios de lutar e se sentir representados.

O Maceió Ordinário abre novos espaços de representações em postagens caracterizadas por duas vinhetas: “Meu bairro minha vida”, e “Desabafo do cidadão”. Destaco uma discussão que enfatizou a luta de uma minoria por ser reconhecida publicamente numa postagem<sup>64</sup> que apresentava o bairro Jacintinho, um dos mais populosos de Maceió. A legenda da foto dizia:

---

<sup>64</sup> Anexo 38

Hoje no #meubairrominhavida é a vez do famoso Jaça! O bairro mais populoso de Maceió – AL (cerca de 200 mil habitantes) Segundo o pesquisador da história do bairro José Ademir, o nome é uma alusão ao primeiro proprietário, Jacinto Athayde, descendente de portugueses, que construiu seu casarão no Poço e a ladeira de pedra que dava acesso ao sítio. A partir da década de 60, quem chegava do interior do estado sempre procurava o Jacintinho. Surgiram novas favelas e o bairro foi crescendo desordenadamente. Os primeiros moradores ainda cultivavam roças com o plantio de milho, macaxeira, criavam gado e extraíam madeira da mata existente. O crescimento foi dividindo o bairro: tem o Jacintinho, o Jacintão, além da Grota do Cigano, Aldeia do Índio, Piabas, Grota do seu Arthur e Alto do Boi. Cada um tem sua história. O bairro é conhecido pelas dezenas de grupos culturais que realizam eventos ligados à história, cultura e identidade da comunidade, tal como o Mirante Cultural, que reúne apresentações de todo tipo de manifestação artística.

A discussão iniciou-se a partir do seguinte comentário, seguido da resposta do Maceió Ordinário:

R.S: Conhecido Tbm por ter numeros elevados de almas sebosas  
Maceió Ordinário: R.S, alma/caráter não se mede por bairro. Vai da pessoa!  
Em todo lugar do mundo existe gente de todo tipo.

E o conflito continua:

R.S: No Bairro existe pessoas de bom caráter ao contrário do seu!  
A.A: Interpretação quando fica entre linhas, no seu caso colega vc foi bem claro. ...Temos milhares de trabalhadores honesto tbm. ..  
A.A: .me sentir de uma certa forma magoada, criei 3 filhos e graças a Deus somos todos modesto, mas pessoas de bem...Quando falamos de uma parte da sociedade seja ela qual for, é normal alguém se manifestar contra ou a favor... Mas tá valendo. ....Valeu. ...  
J.S: Gente ele só comentou que tem alma sebosa,e realmente tem,ele não falou que era todos não, afinal todos sabem que todo lugar tem gente boa e ruim. Tempestade em copo de água  
J.M: Tem alma sebosa pior que rico que rouba de podre rouba tudo merenda verbas para saneamento básico verbas para educação pior ladrão e os ricos que enchem os bolsos e vivi ando de carro importado com dinheiro sujo de corrupção esse sim é a pior alma sebosa e tenha certeza que não mora no jacintinho.  
W.S: Tenho orgulho do meu bairro Jacintinho pois temos tudo perto.  
M.C: Eu tenho um grande orgulho de mora no meu bairro a 45 anos que só moradora daqui nosso é rico de tudo.... as pessoas falam mal porque não conhece certo vcs que falam almas sebosas em todos bairro nós somos gente do bem...  
F.A: Parabens Maceió Ordinário! É muito cansativo mostrar o Oceano Atlântico como se fosse a única coisa boa de Maceió. Ta mais do que na hora de dar uma trégua nas fotos de praia e começar a mostrar a cidade e suas características típicas.  
X.S: Que nada meu bairro e só lazer #jacintinho Sallve prós irmão do cigano & piabas



É possível, a partir deste exemplo, levantar a discussão sobre as relações entre os sujeitos das redes sociais que buscam a representação de uma identidade própria, ou coletiva, a partir de instrumentos apresentados naquela sociabilidade virtual. Junqueira (2005, p. 146) atribui às tecnologias, como fluxo mundial de informações, a necessidade de observar “as novas formas pelas quais as sociedades, os grupos e os indivíduos pensam a si mesmos e aos outros e como, a partir disso, o consenso e o conflito, as identidades sociais e individuais são constituídos, mantidos ou transformados”. Segundo Silverstone (1999):

Encontramos nossas identidades nas relações sociais que nos são impostas e nas que procuramos. Nós as vivemos diariamente. Percebemos uma necessidade de pertencer. E precisamos restabelecer a certeza de que realmente pertencemos. Construimos ideias do que é essa coisa a qual pertencemos, e a definimos e a compreendemos nas imagens que temos dela ou nas que nos são oferecidas. (SILVERSTONE, 1999, P. 181)

As redes sociais compreendem a estratégia de agregar a individualidade de cada um e escancarar o anonimato, subjugando que uma pessoa não é um número, mas um rosto, um perfil que tem endereço, formação, gosto, religião, e história de vida. Silverstone (1999) afirma que a comunidade é real, mas também imaginada, e cita Kobena Mercer (1996) para definir o paradoxo da ideologia de pertencer a uma comunidade:

[Todo mundo gostaria de estar numa, mas ninguém tem muita certeza do que ela é]. Essa incerteza é produto de um sentimento de perda, mas também de desconforto: porque o mundo em que agora vivemos, um mundo de experiência faturada, cultura fragmentada e mobilidade social e geográfica, minou e continuará a minar nossa capacidade de sustentar uma vida social de maneira significativa, segura e, talvez, sobretudo moral – em outras palavras, sustentar uma vida social em algo que queremos chamar comunidade. (MERCER 1996, p. 183 *apud* SILVERSTONE, 1999 )

O sentimento de pertencimento nas redes sociais mistura-se à ideia de estar inserido num grupo onde você se reconhece, reconhece o outro e é visto de alguma maneira. A conexão entre um indivíduo e uma instituição ou grupo torna-se um laço de outra ordem, representado unicamente por um sentimento de pertencimento. Contudo, Breiger (1974) acredita nos laços de associação, que independem de interação, sendo necessário, apenas, um pertencimento a um determinado local, instituição ou grupo, assim como acontece nas configurações que se revelam nos comentários, ou seja, você pode não ser daquele lugar, mas se você se sentir representado, é possível reconhecer seus vínculos e seus afetos com ele. É daí que compreendemos nossas observações sobre as pessoas que tomam partido

em defesa de outras. O fluxo na rede não para. A teia de interdependências liga os laços e os afetos. Estar conectado pode ser, por si só, fazer parte.

#### 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, desenvolvido no formato de ensaio teórico, constitui-se de elementos reflexivos e interpretativos baseados nas dinâmicas de interação da *fanpage* do Facebook, Maceió Ordinário. Tomando como problematização a observação do fenômeno da ampliação e extensão dos espaços para novas socializações, a pesquisa exploratória na *fanpage* revelou-nos importantes apontamentos que merecem estudos aprofundados, com o intuito de compreender novos hábitos e comportamentos dos mais diversos grupos.

Por estar inserido na web, o objeto de estudo passou por transformações que foram descortinando-se para nós ao longo da pesquisa, a exemplo de fatos políticos, eventos culturais e apelos imagéticos que impulsionaram a disseminação do uso das plataformas virtuais como extensão dos sentidos e espaços para expor ideias e ideais. Os mais jovens ficaram mais conectados e, não é exagero dizer, criaram linguagens, símbolos e comportamentos que vão refletir nas próximas gerações. Com a celeridade e fluidez dos acontecimentos, pudemos acompanhar parte desse desenvolvimento que revelou a emergência de análises específicas sobre os rumos das relações sociais de uma geração conectada à internet, especialmente no Brasil — que aparece no topo dos países com maior número de usuários de redes de relacionamento.

Por meio da possibilidade de estabelecer novos vínculos, as comunidades virtuais popularizaram-se e houve uma reorganização nos modos de socialização, assim como aparecem no material que coletamos nas postagens do Maceió Ordinário a partir de dezembro de 2012. De lá até o final de 2015, quando encerramos o acompanhamento das publicações, conseguimos identificar o maior interesse das pessoas por estarem inseridas num grupo virtual, participarem dos comentários que envolvem conflitos e jogos de poder, além da maior frequência nas publicações, formando uma agenda de temas que geram discussões as quais extrapolam os limites do conteúdo da postagem e permeiam diversos campos simbólicos da vida dos seguidores. Os comportamentos nas interações foram moldando os perfis dos usuários e expondo características particulares de cada um, com seus afetos, preconceitos ou regramentos.

Levando em consideração a formação de redes de laços associativos para manter contatos, buscar informações, formar opiniões, tomar decisões ou procurar semelhanças que agreguem valor às noções de pertencimento, traçamos um panorama sobre algumas mudanças nas relações sociais atuais que são instituídas numa plataforma virtual.

Buscamos as respostas para o que a ampliação dos espaços de sociabilidade está afetando nas interações e podemos dizer, portanto, com base nas análises dos dados compilados no Maceió Ordinário, que houve uma informalização no comportamento e na linguagem das pessoas diante de uma interação; criou-se uma sensação de autonomia e liberdade para expor opiniões sobre qualquer assunto; e foi formado um sentimento de pertencimento maior relacionado ao lugar de origem, seja o bairro ou o Estado.

Tratando-se da informalização mencionada, observamos uma flexibilização na maneira como as pessoas estão se dirigindo as outras, seja no tratamento pessoal, com certa intimidade forçada, ou no respeito prestado sem a preocupação com quem está interagindo, emitindo palavras de baixo calão, insultos e obscenidades. Diante dessas análises, verificamos que essa flexibilização também influenciou o uso de uma linguagem menos formal e mais negligente às regras ortográficas. Neste aspecto, nos atentamos aos estudos de Norbert Elias sobre o processo civilizador ocorrido na Europa dos séculos XVII e XVIII, para transpor ao nosso objeto de estudo como as pessoas de épocas passadas precisavam adaptar-se às normas e etiquetas para estar entre os membros da “boa sociedade”. Era o prestígio e o poder que contavam como forma de distinção social, o status estava implicitamente ligado à maneira de se comportar, de falar, de agir em público.

Isso foi mudando conforme a decadência da monarquia e a ascensão da classe média, o que causou a informalização estudada por Cas Wouters, que alterou a ideia de boas maneiras e passou a aceitar certas atitudes e proibir outras, fazendo surgir a ideia do que seria vulgar ou impróprio com um apelo para a autorregulação dos sentimentos e emoções. Nossa pesquisa revela, nessa mesma lógica, uma nova fase que sugere um misto de regulações ligadas aos valores e aos princípios morais, ao mesmo tempo em que torna mais comuns atitudes que antes pareciam chocar algumas pessoas.

Ainda precisamos de respostas sobre como chegamos ao nível de informalidade virtual que estamos e para aonde caminhamos, contudo nossa contribuição dá-se para a sugestão de um estudo aprofundado que possa relacionar os apontamentos encontrados neste estudo, atrelados à classe e faixa etária, com o fenômeno da inclusão digital — e suas perspectivas econômicas e sociais.

Já no que concerne à legitimidade dos espaços virtuais como meios democráticos para expor opiniões, temos importantes manifestações observadas nas postagens do Maceió Ordinário as quais necessitam de análises específicas sobre as cargas simbólicas depositadas no que as pessoas estão escrevendo nas redes sociais. Demonstramos neste

trabalho que o acesso à internet e às redes de relacionamento permitiu que grupos heterogêneos de pessoas encontrassem vez e voz com maior abrangência. Diferentemente do que acontecia há até bem pouco tempo, quando a maioria formava opinião na condição de receptor, são grupos como o Maceió Ordinário que ativam pensamentos de qualquer pessoa que os exponha na web. Porém, vale uma pesquisa metodológica baseada em análise de discurso para compreender como um comentário é formado e publicado, quais são os princípios, os conceitos, os juízos de valor, entre outros símbolos, latentes em cada frase tornada pública.

É possível neste contexto fazer uma busca histórica sobre os processos de formação de opinião, acesso à informação e influência de raízes patriarcais, machistas, ou marcas de lutas por igualdade de gênero, por liberdade sexual e controles de repressões da família, da Igreja e da escola. Como as pessoas estão utilizando as informações que recebem ao longo da vida – que não são poucas na era da internet – para organizar suas ideias e agir conforme suas convicções. Entretanto, também é plausível uma pesquisa sobre o quanto se tornaram frágeis tais convicções. Será que as opiniões mudam na mesma velocidade que um novo assunto em debate na rede?

Além disso, é importante investigar quais as influências das opiniões particulares na vida das pessoas atingidas por elas. O que conseguimos extrair dos comentários postados no nosso objeto de estudo é uma pequena demonstração da liberdade, a qual apontamos também como consequência da informalização dos comportamentos que estamos em constante processo. Chama-nos atenção a maneira como se tornou natural julgar uma atitude de alguém, fazer uma análise superficial de uma foto ou vídeo e, muitas vezes, condenar tais situações. O que acontece depois de um indivíduo se tornar alvo de uma polêmica é algo a ser explorado.

Como foram os dias subsequentes à postagem daquela mulher exposta e ridicularizada por não conhecer Aurélio Buarque de Holanda? O fato serviu de incentivo para que ela procurasse informações sobre o autor? Ou a fez criar sentimentos de raiva e trauma por tantas ofensas públicas? E o que aconteceu com o cobrador da van intitulado “bafon” e “lobichomen” por dançar de maneira exagerada? Em postagens posteriores, acompanhamos que ele perdeu o emprego e estava num programa de TV local explicando que não é gay, que é casado, tem filhos e precisava de um novo emprego. Mas, passados alguns meses, alguém o reconhece na rua como “o cobrador bafon”? Esse estereótipo é carregado até hoje, no outro emprego? O quão fluidas são as coisas instituídas nas redes sociais?

Os debates continuam e a nossa contribuição para pesquisas futuras destaca mais um fenômeno apontado como consequência da ampliação dos espaços de sociabilidade: a formação do sentimento de pertencimento, mesmo que inconscientemente, num maior número de pessoas. Com base nos exemplos que reproduzimos neste trabalho, salientamos a importância de maior dedicação no tocante ao apelo visual de um lugar para despertar orgulho, civismo, honra, esmero, etc. Como a frequência de imagens de paisagens, de personalidades históricas e coisas triviais que remetem ao estado de Alagoas é capaz de provocar identificação nos internautas?

Ressaltamos que a chamada “alagoaneidade” está representada no Maceió Ordinário pela cobrança de uma linguagem específica, de expressões regionais, além da valorização dos locais e do patrimônio histórico e cultural do Estado. Por outro lado, o pertencimento para o qual chamamos atenção é motivo de grandes conflitos na mesma plataforma que estimula uma agregação pelo vínculo.

Quando os afetos atingem a esfera econômica de um grupo, percebemos que as divergências destacam-se nas interações. Acreditamos que é de suma importância uma investigação que procure respostas para a necessidade de referenciar um discurso vitimizado da população pertencente às classes mais baixas em defesa dos seus bairros que simbolizam o desprestígio, a falta de estrutura e de meios de educação, assim como também o discurso da outra parcela da população que humilha, estigmatiza e segrega os grupos por suas condições sociais. Cabe uma análise aprofundada sobre a busca pela identidade dos usuários da internet que, algumas vezes, veem-se partícipes e, outras, sentem-se apartados.

O poder transformador desse imenso campo de investigação que pudemos contribuir de maneira inicial para vislumbrar alguns fenômenos a serem explorados, ainda vai nos dar muitas respostas, bem como instigar muitos questionamentos. No papel de estudiosos dos impactos nas relações, é nosso dever acompanhar as consequências dos fenômenos aqui elencados para compreender as mudanças sociais que presenciaremos cada vez mais breves e efêmeras.

## 5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Z. A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas. Tradução de José Gradel. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_ Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_ Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BODART, C. N. Papéis sociais, harmonia e conflito no ambiente empresarial: reflexões sociológicas a partir da obra de Erving Goffman. In Revista Foco. 5º edição. Abril de 2012.

BONIN, LFR. Considerações sobre as teorias de Elias e de Vygotsky. In ZANELLA, AV., et al., org. Psicologia e práticas sociais [on-line]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 19-27.

BOURDIEU, P. (1980b). O Capital Social – Notas Provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (orgs.). Escritos de educação. Petrópolis: Vozes, 1998, pp. 67-69.

BOURDIEU, P. A distinção: crítica social do julgamento. Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2008

BRASIL, Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. Pesquisa brasileira de mídia 2015 : hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. – Brasília : Secom, 2014.

BREIGER, R. The Duality of Persons and Groups. Social Forces, vol 53, n.2, dezembro, 1974.

CASTELLS, M.. O Poder da Identidade. São Paulo, Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_ A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro, Zahar, 2003.

Cypriano, C. P. Nas travessias da interface: as novas formas da vida social em rede. Tese de doutorado pela Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2013.

ELIAS, N. A sociedade de corte. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_ Escritos e Ensaios; 1: Estado, processo, opinião pública. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_ La sociedad cortesana. Fondo de Cultura Económica. México, 1993b.

\_\_\_\_\_ O processo civilizador. Tradução de Ruy Jungman; revisão e apresentação Renato Janine Ribeiro. 2 Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Editado por Michael Schroter; tradução, Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. Teoria Simbólica. 1ª ed. Portuguesa. Celta Editoras, Oeiras, 1994.

FARIAS, E. Memória, saber incorporado e linguagem no esquema de Norbert Elias. Artigo publicado na Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPE, v. 15, n. I, p. 167.

FOUCALT, M. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução Salma Tannus Muchail. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

GARCIA, A. N. Distinção social e processo civilizador em Norbert Elias. IARA- Revista de Moda, Cultura e Arte. São Paulo – v. 1, n. 1, abr./ago. 2008.

JUNQUEIRA, L. A noção de representação social na sociologia contemporânea. Estudos de Sociologia, Araraquara, 18/19, 145-161, 2005.

KAUFMAN, D. A força dos “laços fracos” de Mark Granovetter no ambiente do ciberespaço. Galaxia (São Paulo, On-line), n. 23, p. 207-218, jun. 2012.

LIMA, V. A. A opinião privada tornada pública. Observatório da Imprensa. Ano 12, n. 342, de 16/08/2005. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=342JDB001>> Acesso em 19 dez. 2015.

MASCARENHAS, M. Simmel e Goffman: Contribuições para o estudo das relações sociais no ambiente escolar. Intratextos, Rio de Janeiro, 4(1): 240-257, 2012.

OLIVEIRA, P. J. S. Sociabilidade na web [manuscrito]: um estudo sociológico sobre um blog de moda e beleza. Dissertação de mestrado pela Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2014.

PIENIZ, M. Regionalismo e apropriações tecnológicas: expressões de identidades culturais na web. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: Curitiba – PR, 4 a 7 de setembro de 2009.

RECUERO, R. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROBREDO, J. Ciência da informação e Web semântica: Linhas convergentes ou linhas paralelas? In: Jaime Robredo; Marisa Bräscher (Orgs.). Passeios pelo bosque da informação: estudos sobre representação e organização da informação e do conhecimento. Brasília - DF: IBICT, 2010. 335 p.

SILVERSTONE, R. Por que estudar a Mídia? Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo, Loyola, 1999. 302p.

SIMMEL, G. Questões fundamentais da sociologia: Indivíduo e sociedade. Tradução de Pedro caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.



SOUSA, M. W. de. O pertencimento ao comum midiático: a identidade em tempos de transição (Texto revisado e ampliado, originalmente apresentado no 14th International Culture and Power — Identity and Identification, Ciudad Real, Espanha, abril de 2010, baseado em textos e publicações anteriores do autor, referentes a projeto de pesquisa apoiado pelo CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

THOMPSON, J.B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, 427 págs.

VESTENA, C. L.B. O papel da mídia na formação da opinião pública. Pesquisa de opinião pública na Amazônia, n.24, p. 9-22. Guairacá-Guarapuava – PR, 2008.

WOUTERS, C. Como continuaram os processos civilizadores: rumo a uma informalização dos comportamentos e a uma personalidade de terceira natureza. Sociedade de Estado, vol. 27, n. 3. Brasília, Sept/Dec. 2012

\_\_\_\_\_ Informalization: Manners & Emotions since 1890. London. Sage, 2007.

#### **Sites mencionados:**

<https://www.facebook.com/Maceiordinario>

<http://www.cgi.br>

<http://www.ibge.gov.br>

<http://www.teleco.com.br/>

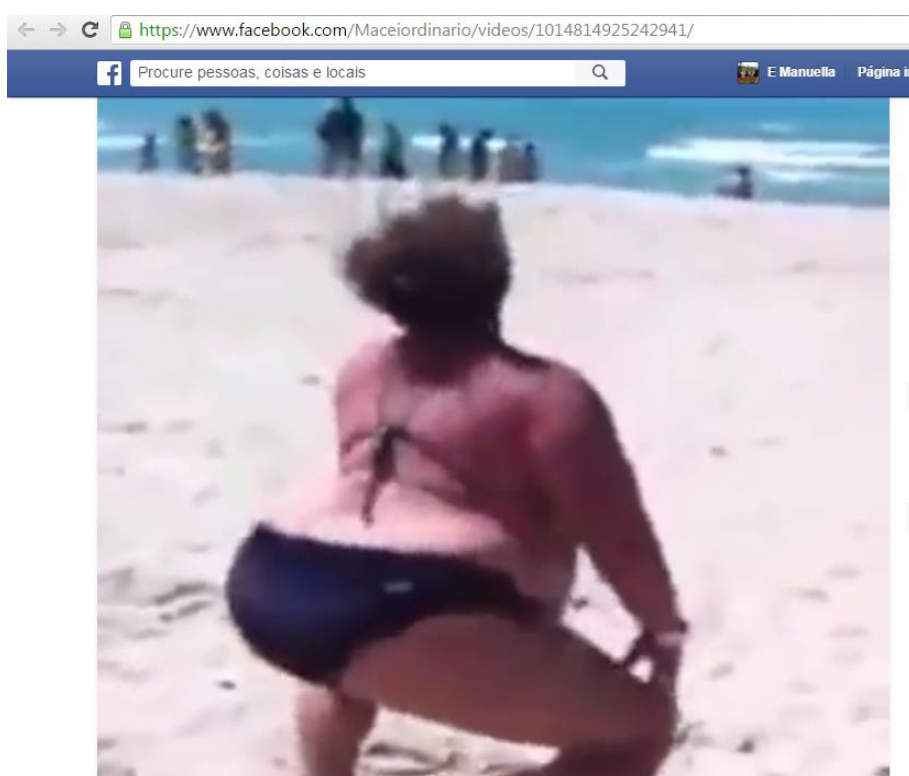
## ANEXOS

Neste anexo são apresentados os exemplos utilizados no presente trabalho para análise teórica, separados por capítulo. Inserimos no formato de imagem as publicações de fotos e vídeos, bem como os links de todos os vídeos, a título de sugestão de informação adicional.

### Exemplo contido na introdução:

#### Anexo 1

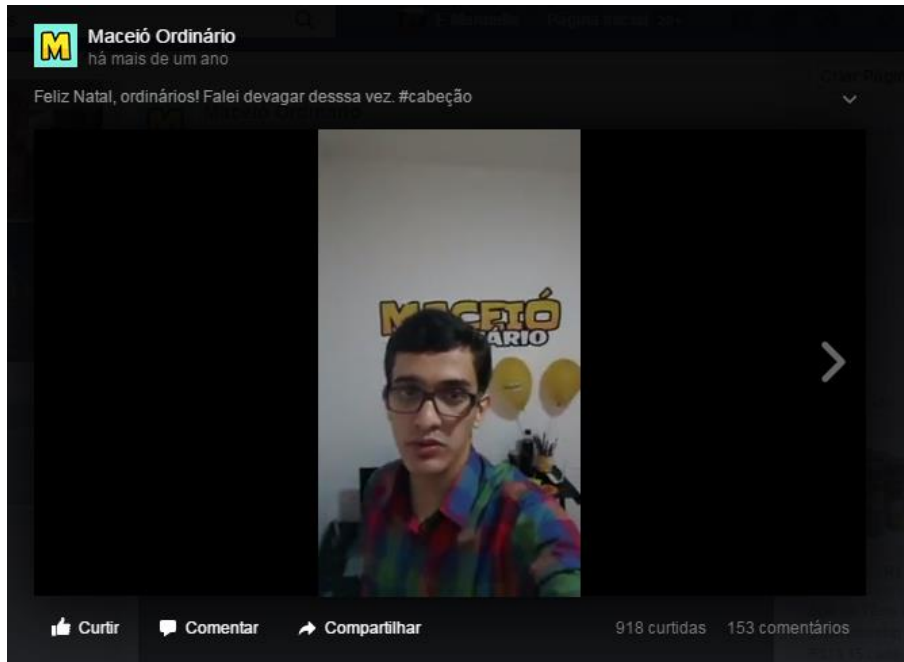
<https://www.facebook.com/Maceiordinario/videos/1014814925242941/?theater>



## Exemplos contidos no Capítulo 1:

### Anexo 2

<https://www.facebook.com/Maceiordinario/videos/644663822258055/?theater>



### Anexo 3:



Anexo 4:

<https://www.facebook.com/video.php?v=1036612243063209>



Anexo 5:

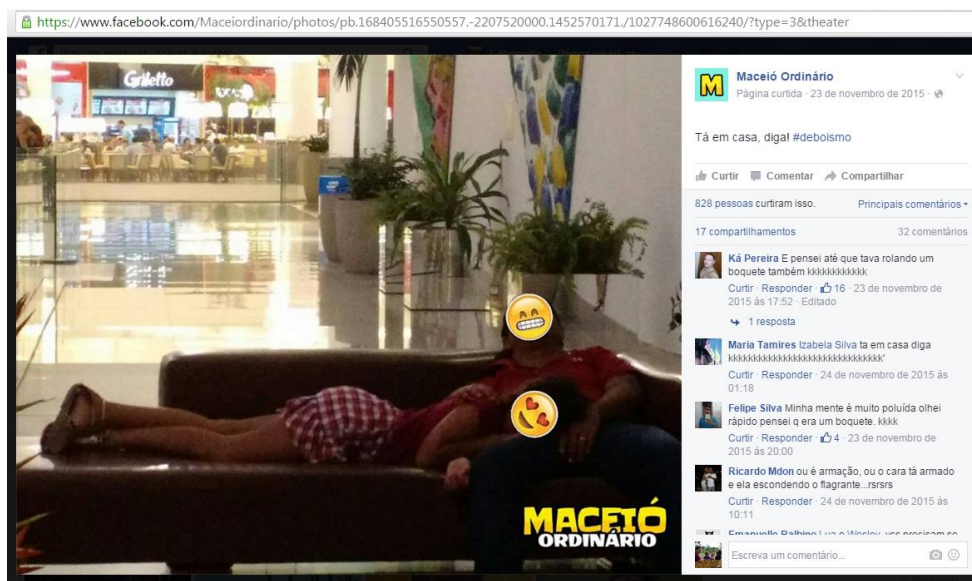


Anexo 6:

<https://www.facebook.com/video.php?v=1031171993607234>



Anexo 7:



## Anexo 8:

<https://www.facebook.com/Maceiordinario/photos/pb.168405516550557.-2207520000.1452570222./1024766964247737/?type=3&theater>



**Maceió Ordinário**  
Página curtida · 16 de novembro de 2015 · Editado

Pelas ruas...se essa moda pega

Curtir · Comentar · Compartilhar

3.011 pessoas curtiram isso. Principais comentários · 104 compartilhamentos · 226 comentários

**Juliana Sousa** ta editada essa foto vei, kkk  
Curtir · Responder · 20 · 16 de novembro de 2015 às 13:43

**Maceió Ordinário** Pior que não! HAHAHA  
Curtir · Responder · 22 · 16 de novembro de 2015 às 13:53

Ver mais respostas

**J Ricardo Santos** QUE NADA, MAIS VERGONHOSO É A HIPOCRISIA!!!  
Curtir · Responder · 18 · 16 de novembro de 2015 às 13:55

**Manoel Junior** se essa moda pega vai cair muito acidente! kkkkkkkk  
Curtir · Responder · 5 · 16 de novembro de 2015 às 16:27

**Matheus Heberly** isso é um traveção só pode  
Escreva um comentário...

## Anexo 8.1:

<https://www.facebook.com/Maceiordinario/photos/pb.168405516550557.-2207520000.1452578656./980461745344926/?type=3&theater>



**Maceió Ordinário**  
Página curtida · 14 de agosto de 2015

"Amiga, essa vai ser capa do face"

Curtir · Comentar · Compartilhar

4.239 pessoas curtiram isso. Principais comentários · 76 compartilhamentos · 498 comentários

**Célio Porto Acho** que essa foto vai é pro ginecologista dela. KKKKKKKK  
Curtir · Responder · 104 · 14 de agosto de 2015 às 14:55

**Fábio Mello** Morto kkkkkkkkkkkk, essa ela vai mandar pra um Boy! kkkkkkkkkkkk  
Curtir · Responder · 38 · 14 de agosto de 2015 às 14:33 · Editado

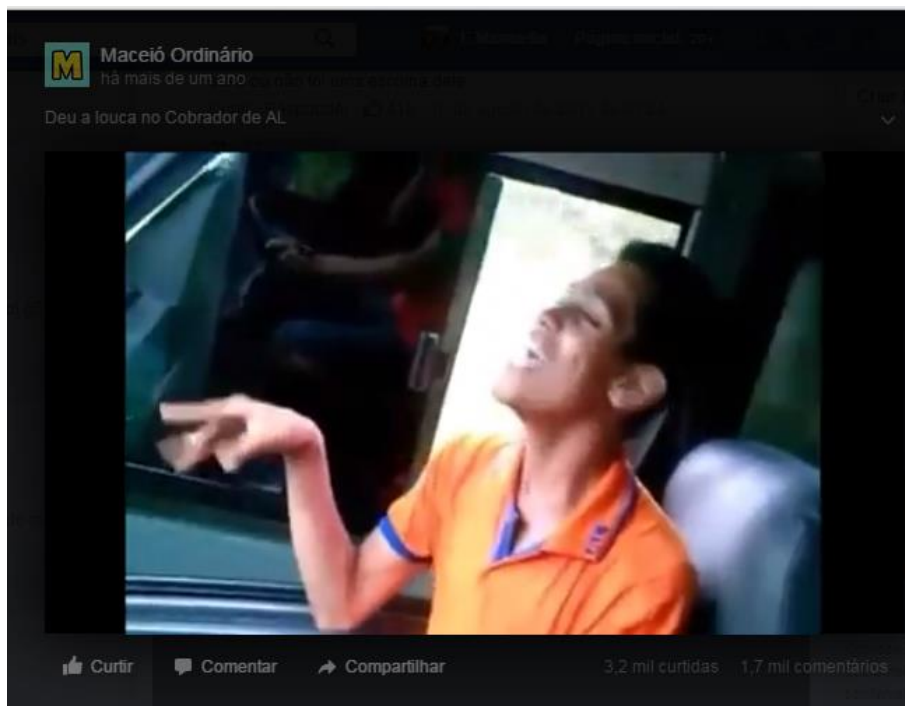
3 Respostas

**Valber Oliveira** Satanás às vezes passa dos limites shshuashua  
Curtir · Responder · 75 · 14 de agosto de 2015

Escreva um comentário...

Anexo 9:

<https://www.facebook.com/Maceiordinario/videos/575992182458553/?theater>



Anexo 10:



## Exemplos contidos no Capítulo 2:

### Anexo 11:



### Anexo 12:





## Anexo 13:

<https://www.facebook.com/Maceiordinario/videos/920542288003539/>

→ <https://www.facebook.com/Maceiordinario/videos/920542288003539/>

Procure pessoas, coisas e locais

E Manuella Página in



**M** Maceió Ordinário  
Tem umas pessoas que não tem noção kkk  
Curtir · Comentar · Compartilhar · 2 de junho de 2015

Compartilhado com:  
Público  
31.484 visualizações

## Anexo 13.1:

→ <https://www.facebook.com/Maceiordinario/photos/pb.168405516550557-2207520000.1452576442./1023218097735957/?type=3&theater>



**M** Maceió Ordinário  
Página curtida · 12 de novembro de 2015 · [ver](#)

Ordinários, a Jaqueline Machado irá se operar amanhã, referente a um Câncer de Mama e precisa de sangue O+. Eles estão aceitando qualquer tipo sanguíneo! Estamos juntos na luta para ajuda! Ela está precisando de bolsas de plaquetas - a cada 3 bolsas de sangue equivale a 1 bolsa de plaqueta. Bora? Ajudar! #doesangue  
(Mesmo se não puder doar, seu compartilhamento já é uma grande ajuda!)

Curtir · Comentar · Compartilhar

635 pessoas curtiram isso. Principais comentários -  
496 compartilhamentos 27 comentários

**Carlos Pinental** VLM  
Curtir · Responder · 12 de novembro de 2015 às 16:45

**Maceió Ordinário**  
Curtir · Responder · 11 de novembro de 2015 às 16:47

**Gabriele Ribeiro** A doação só pode ser feita na

Escreva um comentário...

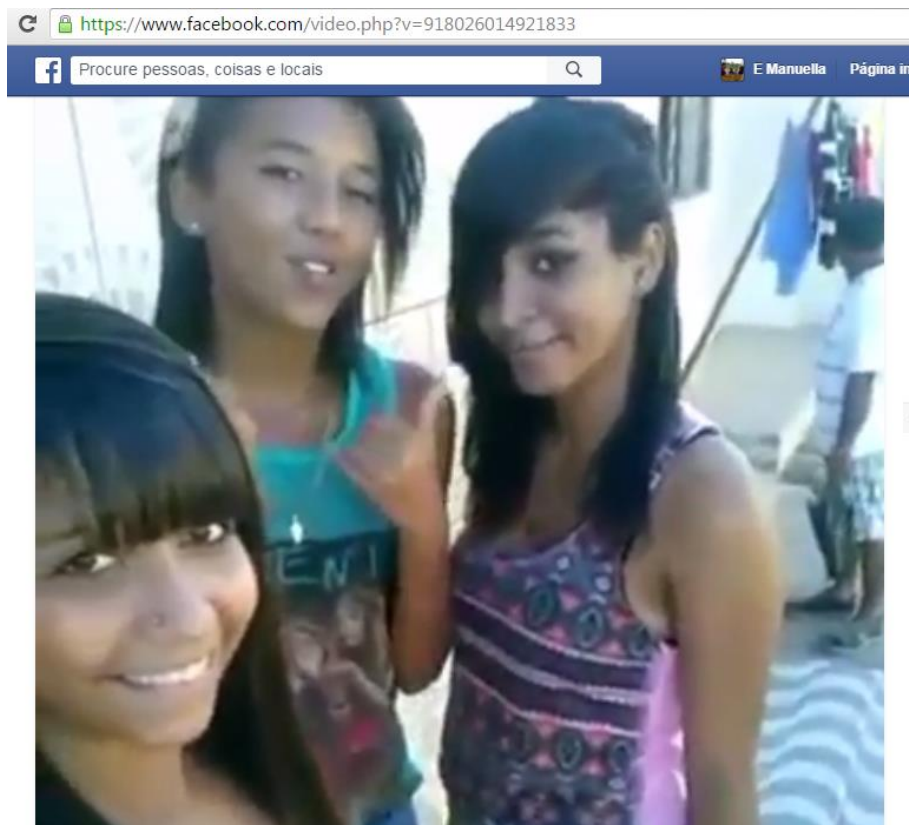
Anexo 14:

<https://www.facebook.com/Maceiordinario/videos/547340358677915/?theater>



Anexo 15:

<https://www.facebook.com/video.php?v=918026014921833>



Anexo 16:

<https://www.facebook.com/video.php?v=937014133023021>



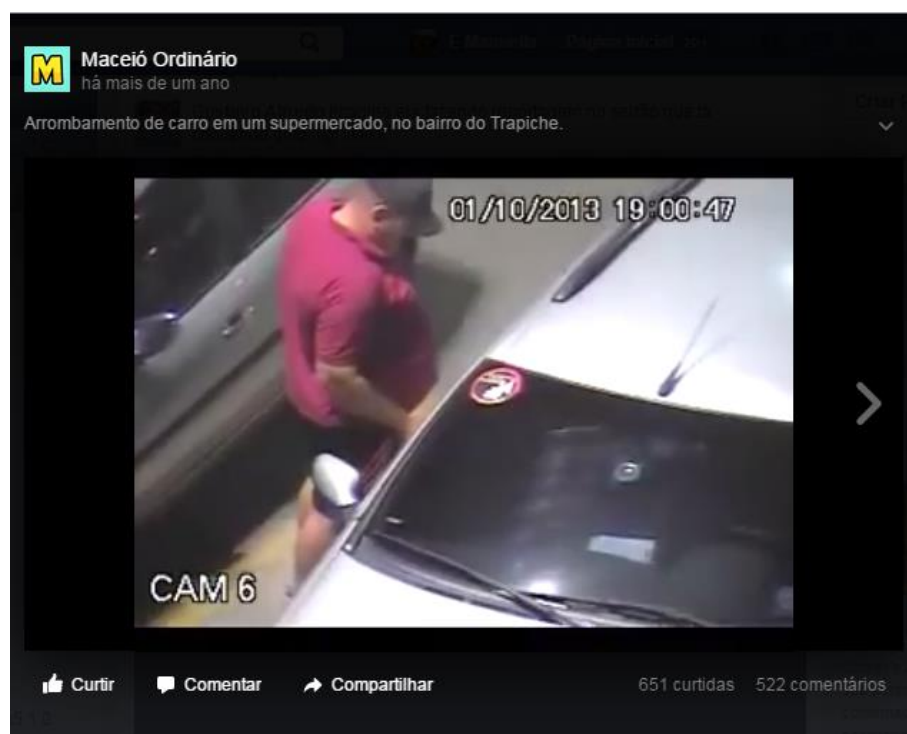
Anexo 17:

<https://www.facebook.com/video.php?v=500468950031723&permPage=1>



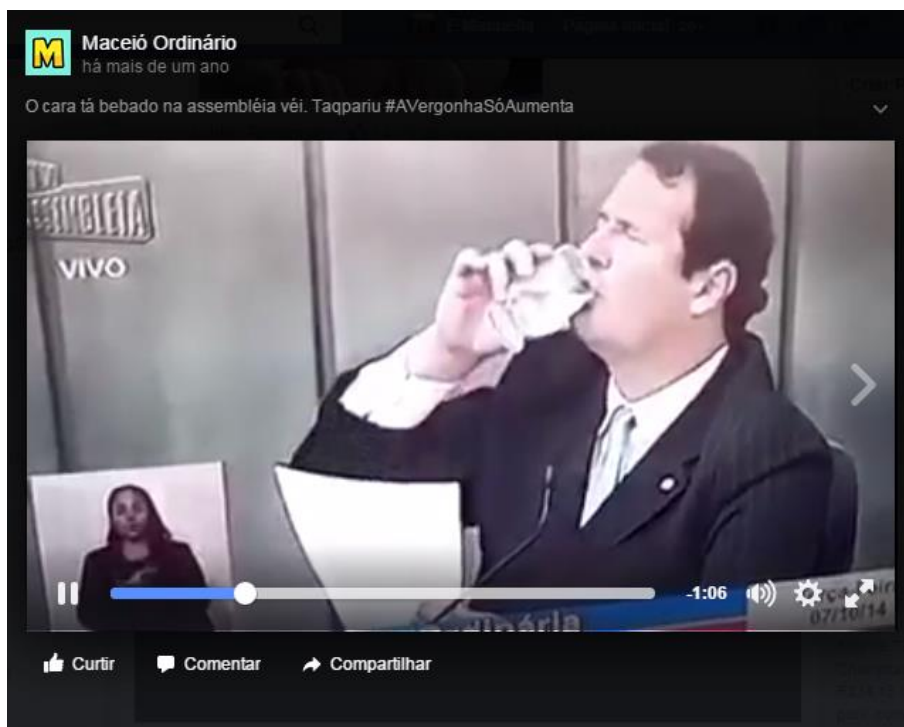
Anexo 18:

<https://www.facebook.com/Maceiordinario/videos/536319346446683/?theater>



Anexo 19:

<https://www.facebook.com/Maceiordinario/videos/793477937376642/?theater>



### Exemplos contidos no capítulo 3:

#### Anexo 20:

**É ALAGOANO MAS...  
SÓ VALORIZA  
CULTURA DE OUTROS  
ESTADOS.**

*Indiretas*  
**ALAGOANAS**

**MACEÍO  
ORDINÁRIO**

**Maceió Ordinário**  
Página curtida · 28 de outubro de 2015 · Editado

😊 #indiretasalagoanas Sobre cultura: "Conjunto de valores e práticas que os indivíduos constroem e mantêm como identidade de um dado grupo."

👍 Curtir 🗨 Comentar ➦ Compartilhar

913 pessoas curtiram isso. Principais comentários

41 compartilhamentos 22 comentários

Juliana Gonçalves Cultura? onde?  
Ah o fulclore?  
Puts,nunca me atraíu. 😊  
Curtir · Responder 👍 13 · 28 de outubro de 2015 às 14:39

**Maceió Ordinário** "Conjunto de valores e práticas que os indivíduos constroem e mantêm como identidade de um dado grupo."  
Curtir · Responder 👍 23 · 28 de outubro de 2015 às 14:45

👇 Ver mais respostas

João Vitor 🗨 Né isso  
Curtir · Responder 👍 1 · 28 de outubro de 2015 às 14:13

Escreva um comentário...

#### Anexo 21:

**EM ALAGOAS  
FALA ASSIM:**

TUDO QUE É RUIM É  
**PEBA**

**MACEÍO  
ORDINÁRIO**

**Maceió Ordinário**  
Página curtida · 11 de outubro de 2015 ·

"- Rapaz, essa marca é muito peba."  
#alagoasfalaassim

👍 Curtir 🗨 Comentar ➦ Compartilhar

1.890 pessoas curtiram isso. Principais comentários

284 compartilhamentos 53 comentários

Adriano Porto Mas o Peba é arretado!!!!  
Curtir · Responder 👍 9 · 11 de outubro de 2015 às 13:45

Alex Fernandes Em Alagoas, PEBA é o mesmo que PAIA. Entendeu? Não? É porque não é alagoano.  
Curtir · Responder 👍 5 · 11 de outubro de 2015 às 18:41

Cliton Barbosa É peba pq não é tatu! O peba é a versão vrajuta do tatu! Kkkkkkkk  
Curtir · Responder 👍 2 · 11 de outubro de 2015 às 13:33

Escreva um comentário...

## Anexo 22:



**Maceió Ordinário**  
Página curta - 15 de outubro de 2015 · Editado

Vamos valorizar o que é da terra? ❤️ Nossas sextas-feiras serão dedicadas a artistas da nossa querida Alagoas. Conhece algum talento daqui que merece ser visto? Basta mandar sua sugestão com material e um pouco da história do artista pelo nosso whatsapp - 82 9352.9797 - ou canais sociais 😊 #artistasdatterra

115 pessoas curtiram isso. Principais comentários ·

1 compartilhamento

Escreva um comentário...

Pessoas que você talvez conheça Ver tudo

**Edinaldo Ferreira**  
1 amigo em comum  
Adicionar aos amigos

## Anexo 23:



**Maceió Ordinário**  
Página curta - 16 de outubro de 2015 · Editado

#artistasdatterra "Edvaldo José de Lima ou "A cara metade das vaquejadas", assim era conhecido Kara Vêia. O cantor alagoano, fez muito sucesso no Brasil, especialmente no #nordeste, cantando em vaquejadas e sendo locutor. Natural de Chã Preta a 100KM de Maceió, também era compositor. Seu primeiro sucesso foi em 2001, com a música "Foi você". Também se destacou com as canções "Mulher ingrata e fingida" e "Filho sem sorte". Antes de morrer, ainda chegou a escrever um bilhete, no que tinha escrito "uma pena, morrer por brincadeira". Kara Vêia sempre continuará vivo para os vaqueiros e fãs."

2.548 pessoas curtiram isso. Principais comentários ·

248 compartilhamentos 181 comentários

**Caio Dantas** Kara Vêia, pra sempre na memória e nos ouvidos dos Alagoanos.  
Curtir · Responder · 67 · 16 de outubro de 2015 às 15:34 · Editado  
2 Respostas

Escreva um comentário...

Anexo 24:



**MANO WALTER**  
QUEBRANGULO - AL

**Artistas DA TERRA**  
MACEIÓ ORDINÁRIO

**Maceió Ordinário**  
Página curtida · 16 de outubro de 2015 · Editado

#artistasdaterra "Nascido em Quebrangulo – AL, #ManoWalter desde criança vivia no meio rural, começou a cantar e compôr ao lado de seu Pai nas vaquejadas e festas. Estudou na cidade de Palmeira dos Índios, onde conheceu amigos que deram oportunidades de gravar o seu primeiro CD, que levava o título de "Cavalo Ciumento". Terminando os estudos, mudou-se para Maceió para cursar faculdade de engenhar... Ver mais — com Marlene Barros.

Curtir · Comentar · Compartilhar

500 pessoas curtiram isso. Principais comentários · 11 compartilhamentos · 12 comentários

**Laerte Moraes** E da vaquejada pro bar do bar para o motel... 😂😂  
Curtir · Responder · 4 · 16 de outubro de 2015 às 16:12

**Graziela Gomes** Esse é diferencial 🎧🎧  
Curtir · Responder · 5 · 16 de outubro de 2015 às 13:51

**Maria Jessica** Pense num vaqueiro danado de homi! 🍷  
Escreva um comentário...

Anexo 25:



**BELL OLIVER**  
MACEIÓ-AL

**Artistas DA TERRA**  
MACEIÓ ORDINÁRIO

**Maceió Ordinário**  
Página curtida · 23 de outubro de 2015 ·

#artistasdaterra "Nascido em Maceió-AL, Bell Oliver descobriu sua paixão pela música ainda no tempo de escola, onde batucava com os colegas de sala de aula, assim montando uma banda para tocar apenas nos eventos escolares. Passou pelas bandas Face Nova, Cintura Fina, Cavaleiros do Forró, até realizar seu grande sonho que era cantar na Calcinha Preta. Na mesma, gravou uma das músicas que lhe revelo... Ver mais — com Elyelson Marques Lins.

Curtir · Comentar · Compartilhar

476 pessoas curtiram isso. Principais comentários · 11 compartilhamentos · 39 comentários

**Isabel Portela** "Artistasdaterra" Ótima iniciativa!  
Curtir · Responder · 10 · 23 de outubro de 2015 às 17:21

**Maceió Ordinário** 😊 Toda sexta-feira por aqui! Se tiver sugestão é só enviar.  
Curtir · Responder · 3 · 23 de outubro de 2015 às 17:38

Ver mais respostas

**Fabv Mell** Bell Oliver veia que lindooooooo!!!  
Escreva um comentário...



## Anexo 26:



**M** Maceió Ordinário  
Página curtida · 24 de outubro de 2015 · 🌐

~ Alagoano todo esse aí! Nascido aqui em Maceió, no dia 27 de janeiro de 1949. Djevan Caetano Viana, sempre dividiu seu tempo entre suas principais paixões, o futebol e o equipamento de som quadrifônico da casa de Dr. Ismar Gatt (pai de um amigo de escola). Mas não tem jeito, quando a pessoa nasce com um dom, já viu né? Depois de tocar pelos bailes da cidade e aos 23 já estava no Rio de Janeiro, chegando lá com ajuda do contrerrâneo Edson Mauro, foi parar na TV Globo, daí pra frente, foi só sucesso!  
#personalidadesalagoanas

👍 Curtir   🗨 Comentar   ➦ Compartilhar

876 pessoas curtiram isso.   Principais comentários ·

55 compartilhamentos   22 comentários

 Socorro Rodrigues Rodrigues músicas boas de se ouvir.....  
Curtir · Responder · 25 de outubro de 2015 às 04:11

 Layse Soares Além de cantor era também jogador do CSA ❤️  
Curtir · Responder · 24 de outubro de 2015 às 18:50

Escreva um comentário... 📷 🗨

## Anexo 27:



**M** Maceió Ordinário  
Página curtida · 6 de novembro de 2015 · 🌐

#artistasdatterra Um ex-cortador de cana, nascido em Joaquim Gomes-AL, que virou um rabecueiro respeitado até por estudiosos da música erudita! Essa é a história do alagoano Nelson dos Santos que traduz a riqueza da cultura alagoana nas músicas que compõe, na história que carrega e no talento para tocar e construir artesanalmente o instrumento que mudou a vida dele, a rabeca. Que foi de onde ganhou... Ver mais

👍 Curtir   🗨 Comentar   ➦ Compartilhar

344 pessoas curtiram isso.   Principais comentários ·

22 compartilhamentos   13 comentários

 Eduarda Farias 5 anos atrás, quando eu estava no jardim II, houve um passeio da minha escola para visitá-lo! Grande homem, exemplo para muitos!  
Curtir · Responder · 7 de novembro de 2015 às 15:58

 Jose Cunha Lembra da foto que estava na passarela do cepa que voce publicou? ai esta o resultado: <http://g1.globo.com/..reporter-secreto-vai-denunciar..>

Escreva um comentário... 📷 🗨

## Anexo 28:



**ALAGOAS**  
Personalidades  
**ALAGOANAS**  
**MACEIÓ ORDINÁRIO**  
**ZUMBI DOS PALMARES**

**Maceió Ordinário**  
Página curtida · 20 de novembro de 2015 ·

#personalidadesalagoanas Nascido no ano de 1655 em Alagoas, Zumbi foi um dos principais representantes da resistência negra à escravidão na época do Brasil Colonial, e líder do Quilombo dos Palmares, comunidade livre formada por escravos fugitivos das fazendas. Embora tenha nascido livre, foi capturado quando tinha por volta de sete anos de idade. Entregue a um padre católico, recebeu o batismo e ... Ver mais — com José Cordeiro Lins.

1.883 pessoas curtiram isso. Principais comentários ·  
339 compartilhamentos 44 comentários

**Ernane Manuell Guerra** um Negro que mantinha escravos, violento com seu povo. Virou símbolo de luta. Só aqui no Brasil mesmo  
Curtir · Responder · 35 · 20 de novembro de 2015 às 11:48  
9 Respostas

**Thúlio Alves** Zumbi demonstrou atitudes semelhantes aos grandes ditadores africanos, possuía seus próprios escravos e comandava o

Escreva um comentário...

## Anexo 29:



**ALAGOAS**  
Personalidades  
**ALAGOANAS**  
**MACEIÓ ORDINÁRIO**  
**GRACILIANO RAMOS**

**Maceió Ordinário**  
Página curtida · 14 de novembro de 2015 · Editado

#personalidadesalagoanas Essa figura ilustre nasceu aqui em Alagoas, em 1892 na cidade de #Quebrangulo. Viveu sua infância nas cidades de Viçosa, Palmeira dos Índios (AL) e Buique (PE), sob o regime das secas. Graciliano Ramos marcou a literatura brasileira com obras que retratam a vida do homem nordestino. Em importantes obras, como "Vidas Secas" e "São Bernardo", é possível perceber o realismo utilizado pelo autor para descrever a vida no sertão. O escritor fez parte da 2ª fase do modernismo, que teve o regionalismo como principal característica.

336 pessoas curtiram isso. Principais comentários ·  
41 compartilhamentos 16 comentários

**Tomé Lima** Por isso que encontrei ele por esses dias,mas, não acreditei...rsrsrsrsrs  
Curtir · Responder · 1 · 14 de novembro de 2015 às 13:29

**Geneilton Silva** Ele nasceu em 27 de Outubro de 1892 em quebrangulo, e faleceu dia 20 Março de 1953, causa da morte câncer de pulmão!

Escreva um comentário...

## Anexo 30:



**MACIÓ ORDINÁRIO**

ESTÁTUA EM HOMENAGEM A AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA

**M** Maceió Ordinário  
Página curtida · 5 de dezembro de 2015 ·

#personalidadesalagoanas Aurélio Buarque Cavalcanti Ferreira (Passo de Camaragibe, AL, 1910 - Rio de Janeiro, RJ, 1989). Lexicógrafo, filólogo, tradutor, crítico literário, escritor e professor. Passou a sua infância em Porto das Pedras, Alagoas, e iniciou os estudos em Maceió. Desde os 15 anos, atuou como professor.

A morte do pai, em 1935, lhe serve de inspiração para o conto O Chapéu do Meu P... Ver mais

Curtir · Comentar · Compartilhar

711 pessoas curtiram isso. Principais comentários ·

45 compartilhamentos 18 comentários

Severino Manoel Santos Me orgulho de ser natural da cidade desse homem ilustre Aurélio Buarque de Holanda. Parabéns Maceió parabéns também minha terra querida, Passo DE Camaragibe.  
Curtir · Responder · 4 · 5 de dezembro de 2015 às 22:30

Isaac Manoel Sousa Maceió, Linda Maceió Que pena os políticos dessa terra, não cuida Povo bonito trabalhador... Ver mais

Escreva um comentário...

## Anexo 31:



**MACIÓ ORDINÁRIO**

Bora?  
CONHECER ALAGOAS?

**M** Maceió Ordinário  
Página curtida · 18 de outubro de 2015 ·

Tem muito lugar aqui da nossa terra que muita gente ainda não conhece e curiosidades sobre velhos conhecidos de todos. Quer ver só? Todo domingo vai ter dica por aqui!

Tem alguma sugestão? Basta mandar sua sugestão pelo nosso whatsapp - 82 9352.9797 - ou canais sociais! #boraconheceralagoas

Curtir · Comentar · Compartilhar

591 pessoas curtiram isso. Principais comentários ·

71 compartilhamentos 16 comentários

Ramon Silva União dos Palmares, rumo à Serra da Barriga, para conhecer o Quilombo do velho Zumbi!!!  
Curtir · Responder · 3 · 18 de outubro de 2015 às 16:14

Rene Souza Souza Tá aí a marca do mapa ficou num lugar onde a grande maioria dos alagoanos não conhece PARICONHA divisa com Pernambuco e próximo de Sergipe e Bahia minha cidade de origem  
Curtir · Responder · 18 de outubro de 2015 às

Escreva um comentário...

## Anexo 32:



**Maceió Ordinário**  
Página curtida · 14 de outubro de 2015 ·

NOVIDADES À VISTA! 😊 Atenção ordinários, quarta-feira é dia de quadro novo aqui no Maceió Ordinário. De forma bem humorada, a sua indireta vai ficar em evidência no #IndiretasAlagoanas.

"Diz que é alagoano, mas não..."

Envie a sua sugestão pelo nosso Whatsapp - 82 9352.9797 - e ela poderá ser publicada aqui.

217 pessoas curtiram isso. Principais comentários ·

**Patrícia Medeiros** ...mas não cuida bem das nossas praias... - -  
Curtir · Responder · 7 · 14 de outubro de 2015 às 11:39

**Maceió Ordinário** 😊  
Curtir · Responder · 1 · 15 de outubro de 2015 às 16:00

**Júlio Augusto** Mas não fala "Ai Dentu"  
Curtir · Responder · 1 · 14 de outubro de 2015 às 17:05

Escreva um comentário...

## Anexo 33:



**Maceió Ordinário**  
Página curtida · 21 de setembro de 2015 ·

A Larissa entrou na onda dos bordões do snapchat também Quem mais é desenrolada, é menos do que ela. E VAI TER EM TODA FORMATURA É? Tá doidé

553 pessoas curtiram isso. Principais comentários ·

**Wafra Roldão** Kkkkkk Mds  
Curtir · Responder · 21 de setembro de 2015 às 11:42

**Larissa Brito BOOORA**  
Curtir · Responder · 21 de setembro de 2015 às 10:41

**Erickson Alves** Kathy, você ...  
Curtir · Responder · 21 de setembro de 2015 às 16:56

Ver mais 8 comentários

Escreva um comentário...

Anexo 34:

<https://www.facebook.com/video.php?v=1006168349440932>

Facebook interface showing a video post from Maceió Ordinário. The video shows a group of people in a social setting, with one person in the foreground holding a glass. The post includes a caption in Portuguese, sharing information, and a view count of 67,177.

Procure pessoas, coisas e locais

E Manuella Página

Mais vídeos de Maceió Ordinário Anterior Próxima



**M** Maceió Ordinário  
OS BORDÕES MAIS USADOS DO SNAPCHAT!! Ordinários, juntei quase todos os vídeos enviados por vocês com os bordões: "BORA, TUMÁ UMA?" e "QUE COLÉGIO VEEII!". Assistam que seu vídeo pode está aí. Vocês são demais ❤️ SIGAM O SNAPCHAT: maceiordinario

Compartilhado com:  
Público  
67.177 visualizações

Embed Video

Curir · Comentar · Compartilhar · 3 de outubro de 2015

Anexo 35:

<https://www.facebook.com/video.php?v=1020120601379040>




## Anexo 36:

<https://www.facebook.com/video.php?v=898452080212560>

Procure pessoas, coisas e locais

E Manuella Página

Mais vídeos de Maceió Ordinário Anterior · Próxima



**M** Maceió Ordinário  
Nossa Alagoas, nossa Maceió! Vídeo: Salinas Maceió  
Curtir · Comentar · Compartilhar · 17 de abril de 2015

Compartilhado com:  
Público  
58.580 visualizações

2.796 pessoas curtiram isso.  
1.719 compartilhamentos 200 comentários

Embed Vídeo

## Anexo 37:



**M** Maceió Ordinário  
Página curtida · 1 de dezembro de 2015 · Editado

Ventania derrubou o trenó 😞 \*Atualizado 11:43: não foi o vento, mais um vez foi a falta de educação da galera que quer cobrar por coisas na cidade mas não fazem por merecer, triste 😞

Curtir · Comentar · Compartilhar

4.417 pessoas curtiram isso. Principais comentários ·

136 compartilhamentos 191 comentários

**J** July Borges Não é isso que o face da prefeitura diz: <https://m.facebook.com/story.php...>

A prefeitura insinua que foi devido a falta de cuidados da população. Vai saber...

Curtir · Responder · 26 · 1 de dezembro de 2015 às 10:14 · Editado

Ver respostas anteriores

**M** Maceió Ordinário 😞  
Curtir · Responder · 27 · 1 de dezembro

Escreva um comentário...

## Anexo 38:



**Maceió Ordinário**  
Página curtida · 19 de novembro de 2015 · Editado

Hoje no #meubairrominhavida é a vez do famoso Jacat! O bairro mais populoso de Maceió – AL (cerca de 200 mil habitantes).

Segundo o pesquisador da história do bairro José Ademir, o nome é uma alusão ao primeiro proprietário, Jacinto Athayde, descendente de portugueses, que construiu seu casarão no Poço e a ladeira de pedra que dava acesso ao sítio. A partir da década de 60, quem chegava do inter...  
Ver mais

737 pessoas curtiram isso. Principais comentários ▾

64 compartilhamentos 86 comentários

**Ryck Steiner** Conhecido Tbm por ter numeros elevados de almas sebosas 😂😂😂😂  
Curtir · Responder · 22 · 19 de novembro de 2015 às 14:23 · Editado

Ver respostas anteriores

**Maceió Ordinário** Ryck Steiner alma/caráter não se mede por bairro 😊

Escreva um comentário...



# APÊNDICES

## Apêndice 1

The screenshot shows a Facebook group page for 'ALAGOAS ESTADO DE EMERGÊNCIA'. The page header includes the Facebook logo, a search bar, and the user's name 'Marcelo Brabo' with a 'Página inicial' dropdown. The group name 'ALAGOAS ESTADO DE EMERGÊNCIA' is prominently displayed in a dark banner with the tagline 'Segurança para todos, em todos os bairros de Maceió e cidades de Alagoas. EXIJA, É SEU DIREITO!'. Below the banner, a post by the group states: 'O grupo mostra de forma geral que em um ponto todos estão de acordo, não podemos mais viver no estado de violência em que estamos. Infelizmente nem toda a participação por aqui acontece de forma construtiva. O objetivo não é o de censura, ideias devem ser debatidas desde que esse debate aconteça de forma correta e com respeito. Não podemos refletir o que vemos nas ruas, principalmente se estamos em busca da realização dos nossos direitos como cidadão. Nenhum evento como caminhadas ou outras ações que podem estar surgindo é fruto da resolução das ações que ainda vão ser apresentadas e aprovadas em reunião que deverá acontecer nos próximos dias. O uso da imagem do topo não deve ser alterado, porque é uma área de uso de informação definida pelo grupo em reunião, por favor não publicar nenhuma imagem. A participação nas próximas reuniões está aberta a todos que desejam contribuir, como aconteceu na última segunda feira, 28 de maio, quando foi informado através desse canal o convite, resultando na presença de 21 pessoas, que de forma organizada deram início a uma ação que visa o bem comum e a garantia do nosso direito a SEGURANÇA.' The page also shows navigation tabs for 'Sobre', 'Eventos', 'Fotos', and 'Arquivos', along with a notification bell and search icon. At the bottom, there is a text input field for posting, a 'Carregar arquivo' button, and a membership count of '61.749 membros (6.000+ novos)' with an 'Adicionar amigos ao grupo' button.

## Apêndice 2



O Portal de notícias de Alagoas

Maceió

## Morte de médico gera revolta e sociedade articula protesto

10:29 - 28/05/2012 -- René Le Campion



Montagem supostamente publicada por filho de médico está sendo amplamente compartilhada no Facebook

**"Peço a todos que compareçam. Mesmo a pé vamos juntos gritar pela nossa segurança, conto com todos vocês".** Este é o pedido compartilhado nas redes sociais por um dos filhos do médico José Alfredo Vasco Tenório, 67 anos, morto com um tiro nas costas enquanto pedalava sua bicicleta no corredor Vera Arruda, nesse sábado (26). Após o assassinato, os internautas têm usado amplamente o Facebook e o Twitter no intuito de mostrar a sua indignação com a onda de violência no estado e mobilizar a

sociedade para participar de uma manifestação pacífica para cobrar mais segurança, que acontecerá nesta terça-feira (29), a partir das 19h30, partindo do Corredor Vera Arruda.

A mensagem, supostamente publicada por um dos três filhos da vítima e compartilhada no Facebook, clama por segurança pública. "Meu pai foi assassinado por uma bicicleta velha, no corredor Vera Arruda, onde brincavam várias crianças". Na imagem postada, o texto salienta as qualidades da vítima e convoca a sociedade alagoana para participar do protesto, organizado pela Associação de Ciclismo Alagoano.

A manifestação promete muito apitação, cartazes e distribuição de panfletos. "Muitas pessoas disseram que estamos fazendo um protesto porque o doutor Alfredo era uma pessoa importante. Isto é mentira. Antes mesmo do reconhecimento da vítima, eu havia dito à imprensa que a Associação iria organizar um protesto na terça-feira. Nós nunca nos omitimos na morte de nenhum ciclista", disse o presidente da Associação de Ciclismo Alagoano, Carlos Alberto Araújo.

### Mobilização no Facebook

Imagens da cena do crime, fotos do médico e montagens que pedem por mais segurança em Alagoas são compartilhadas por centenas de pessoas desde o início da noite de sábado. As circunstâncias do assassinato, praticado em plena luz do dia em uma praça ocupada por crianças, chocaram a sociedade, que desta vez promete fazer algo além de reclamar.

Uma das internautas que tem usado o Facebook para mobilizar pessoas a participar da caminhada, Joyce Domingos Leahy, lembra que a manifestação visa chamar a atenção não só para o caso do médico, mas para o número de assassinatos, sequestros e outros tipos de violência praticados em Alagoas.

"Quanto mais gente for, mais força teremos para começar alguma reação, não adianta só falar e falar. Vamos divulgar e participar! Contamos com vocês! Quanto mais gente melhor para esta caminhada pela paz! E para pedir duas coisas que temos direito: segurança e vida", diz a internauta.

### Entenda o crime

## Apêndice 3



## Apêndice 4

### Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos

#### LEI Nº 12.965, DE 23 DE ABRIL DE 2014.

#### Vigência

Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil.

**A PRESIDENTA DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

#### CAPÍTULO I DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º Esta Lei estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da internet no Brasil e determina as diretrizes para atuação da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios em relação à matéria.

Art. 2º A disciplina do uso da internet no Brasil tem como fundamento o respeito à liberdade de expressão, bem como:

I - o reconhecimento da escala mundial da rede;

II - os direitos humanos, o desenvolvimento da personalidade e o exercício da cidadania em meios digitais;

III - a pluralidade e a diversidade;

IV - a abertura e a colaboração;

V - a livre iniciativa, a livre concorrência e a defesa do consumidor; e

VI - a finalidade social da rede.

Art. 3º A disciplina do uso da internet no Brasil tem os seguintes princípios:

I - garantia da liberdade de expressão, comunicação e manifestação de pensamento, nos termos da Constituição Federal;

II - proteção da privacidade;

III - proteção dos dados pessoais, na forma da lei;

IV - preservação e garantia da neutralidade de rede;

V - preservação da estabilidade, segurança e funcionalidade da rede, por meio de medidas técnicas compatíveis com os padrões internacionais e pelo estímulo ao uso de boas práticas;

VI - responsabilização dos agentes de acordo com suas atividades, nos termos da lei;

VII - preservação da natureza participativa da rede;

VIII - liberdade dos modelos de negócios promovidos na internet, desde que não conflitem com os demais princípios estabelecidos nesta Lei.

Parágrafo único. Os princípios expressos nesta Lei não excluem outros previstos no ordenamento jurídico pátrio relacionados à matéria ou nos tratados internacionais em que a República Federativa do Brasil seja parte.

Art. 4º A disciplina do uso da internet no Brasil tem por objetivo a promoção:

I - do direito de acesso à internet a todos;

II - do acesso à informação, ao conhecimento e à participação na vida cultural e na condução dos assuntos públicos;

III - da inovação e do fomento à ampla difusão de novas tecnologias e modelos de uso e acesso; e

IV - da adesão a padrões tecnológicos abertos que permitam a comunicação, a acessibilidade e a interoperabilidade entre aplicações e bases de dados.

Art. 5º Para os efeitos desta Lei, considera-se:

I - internet: o sistema constituído do conjunto de protocolos lógicos, estruturado em escala mundial para uso público e irrestrito, com a finalidade de possibilitar a comunicação de dados entre terminais por meio de diferentes redes;

II - terminal: o computador ou qualquer dispositivo que se conecte à internet;

III - endereço de protocolo de internet (endereço IP): o código atribuído a um terminal de uma rede para permitir sua identificação, definido segundo parâmetros internacionais;

IV - administrador de sistema autônomo: a pessoa física ou jurídica que administra blocos de endereço IP específicos e o respectivo sistema autônomo de roteamento, devidamente cadastrada no ente nacional responsável pelo registro e distribuição de endereços IP geograficamente referentes ao País;

V - conexão à internet: a habilitação de um terminal para envio e recebimento de pacotes de dados pela internet, mediante a atribuição ou autenticação de um endereço IP;

VI - registro de conexão: o conjunto de informações referentes à data e hora de início e término de uma conexão à internet, sua duração e o endereço IP utilizado pelo terminal para o envio e recebimento de pacotes de dados;

VII - aplicações de internet: o conjunto de funcionalidades que podem ser acessadas por meio de um terminal conectado à internet; e

VIII - registros de acesso a aplicações de internet: o conjunto de informações referentes à data e hora de uso de uma determinada aplicação de internet a partir de um determinado endereço IP.

Art. 6º Na interpretação desta Lei serão levados em conta, além dos fundamentos, princípios e objetivos previstos, a natureza da internet, seus usos e costumes particulares e sua importância para a promoção do desenvolvimento humano, econômico, social e cultural.

## CAPÍTULO II DOS DIREITOS E GARANTIAS DOS USUÁRIOS

Art. 7º O acesso à internet é essencial ao exercício da cidadania, e ao usuário são assegurados os seguintes direitos:

I - inviolabilidade da intimidade e da vida privada, sua proteção e indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação;

II - inviolabilidade e sigilo do fluxo de suas comunicações pela internet, salvo por ordem judicial, na forma da lei;

III - inviolabilidade e sigilo de suas comunicações privadas armazenadas, salvo por ordem judicial;

IV - não suspensão da conexão à internet, salvo por débito diretamente decorrente de sua utilização;

V - manutenção da qualidade contratada da conexão à internet;

VI - informações claras e completas constantes dos contratos de prestação de serviços, com detalhamento sobre o regime de proteção aos registros de conexão e aos registros de

acesso a aplicações de internet, bem como sobre práticas de gerenciamento da rede que possam afetar sua qualidade;

VII - não fornecimento a terceiros de seus dados pessoais, inclusive registros de conexão, e de acesso a aplicações de internet, salvo mediante consentimento livre, expresso e informado ou nas hipóteses previstas em lei;

VIII - informações claras e completas sobre coleta, uso, armazenamento, tratamento e proteção de seus dados pessoais, que somente poderão ser utilizados para finalidades que:

a) justifiquem sua coleta;

b) não sejam vedadas pela legislação; e

c) estejam especificadas nos contratos de prestação de serviços ou em termos de uso de aplicações de internet;

IX - consentimento expresso sobre coleta, uso, armazenamento e tratamento de dados pessoais, que deverá ocorrer de forma destacada das demais cláusulas contratuais;

X - exclusão definitiva dos dados pessoais que tiver fornecido a determinada aplicação de internet, a seu requerimento, ao término da relação entre as partes, ressalvadas as hipóteses de guarda obrigatória de registros previstas nesta Lei;

XI - publicidade e clareza de eventuais políticas de uso dos provedores de conexão à internet e de aplicações de internet;

XII - acessibilidade, consideradas as características físico-motoras, perceptivas, sensoriais, intelectuais e mentais do usuário, nos termos da lei; e

XIII - aplicação das normas de proteção e defesa do consumidor nas relações de consumo realizadas na internet.

Art. 8º A garantia do direito à privacidade e à liberdade de expressão nas comunicações é condição para o pleno exercício do direito de acesso à internet.

Parágrafo único. São nulas de pleno direito as cláusulas contratuais que violem o disposto no **caput**, tais como aquelas que:

I - impliquem ofensa à inviolabilidade e ao sigilo das comunicações privadas, pela internet; ou

II - em contrato de adesão, não ofereçam como alternativa ao contratante a adoção do foro brasileiro para solução de controvérsias decorrentes de serviços prestados no Brasil.

### CAPÍTULO III DA PROVISÃO DE CONEXÃO E DE APLICAÇÕES DE INTERNET

#### Seção I Da Neutralidade de Rede

Art. 9º O responsável pela transmissão, comutação ou roteamento tem o dever de tratar de forma isonômica quaisquer pacotes de dados, sem distinção por conteúdo, origem e destino, serviço, terminal ou aplicação.

§ 1º A discriminação ou degradação do tráfego será regulamentada nos termos das atribuições privativas do Presidente da República previstas no inciso IV do art. 84 da Constituição Federal, para a fiel execução desta Lei, ouvidos o Comitê Gestor da Internet e a Agência Nacional de Telecomunicações, e somente poderá decorrer de:

I - requisitos técnicos indispensáveis à prestação adequada dos serviços e aplicações; e

II - priorização de serviços de emergência.

§ 2º Na hipótese de discriminação ou degradação do tráfego prevista no § 1º, o responsável mencionado no **caput** deve:

I - abster-se de causar dano aos usuários, na forma do art. 927 da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 - Código Civil;

II - agir com proporcionalidade, transparência e isonomia;

III - informar previamente de modo transparente, claro e suficientemente descritivo aos seus usuários sobre as práticas de gerenciamento e mitigação de tráfego adotadas, inclusive as relacionadas à segurança da rede; e

IV - oferecer serviços em condições comerciais não discriminatórias e abster-se de praticar condutas anticoncorrenciais.

§ 3º Na provisão de conexão à internet, onerosa ou gratuita, bem como na transmissão, comutação ou roteamento, é vedado bloquear, monitorar, filtrar ou analisar o conteúdo dos pacotes de dados, respeitado o disposto neste artigo.

## Seção II

### Da Proteção aos Registros, aos Dados Pessoais e às Comunicações Privadas

Art. 10. A guarda e a disponibilização dos registros de conexão e de acesso a aplicações de internet de que trata esta Lei, bem como de dados pessoais e do conteúdo de comunicações privadas, devem atender à preservação da intimidade, da vida privada, da honra e da imagem das partes direta ou indiretamente envolvidas.

§ 1º O provedor responsável pela guarda somente será obrigado a disponibilizar os registros mencionados no **caput**, de forma autônoma ou associados a dados pessoais ou a outras informações que possam contribuir para a identificação do usuário ou do terminal, mediante ordem judicial, na forma do disposto na Seção IV deste Capítulo, respeitado o disposto no art. 7º.

§ 2º O conteúdo das comunicações privadas somente poderá ser disponibilizado mediante ordem judicial, nas hipóteses e na forma que a lei estabelecer, respeitado o disposto nos incisos II e III do art. 7º.

§ 3º O disposto no **caput** não impede o acesso aos dados cadastrais que informem qualificação pessoal, filiação e endereço, na forma da lei, pelas autoridades administrativas que detenham competência legal para a sua requisição.

§ 4º As medidas e os procedimentos de segurança e de sigilo devem ser informados pelo responsável pela provisão de serviços de forma clara e atender a padrões definidos em regulamento, respeitado seu direito de confidencialidade quanto a segredos empresariais.

Art. 11. Em qualquer operação de coleta, armazenamento, guarda e tratamento de registros, de dados pessoais ou de comunicações por provedores de conexão e de aplicações de internet em que pelo menos um desses atos ocorra em território nacional, deverão ser obrigatoriamente respeitados a legislação brasileira e os direitos à privacidade, à proteção dos dados pessoais e ao sigilo das comunicações privadas e dos registros.

§ 1º O disposto no **caput** aplica-se aos dados coletados em território nacional e ao conteúdo das comunicações, desde que pelo menos um dos terminais esteja localizado no Brasil.

§ 2º O disposto no **caput** aplica-se mesmo que as atividades sejam realizadas por pessoa jurídica sediada no exterior, desde que ofereça serviço ao público brasileiro ou pelo menos uma integrante do mesmo grupo econômico possua estabelecimento no Brasil.

§ 3º Os provedores de conexão e de aplicações de internet deverão prestar, na forma da regulamentação, informações que permitam a verificação quanto ao cumprimento da legislação brasileira referente à coleta, à guarda, ao armazenamento ou ao tratamento de dados, bem como quanto ao respeito à privacidade e ao sigilo de comunicações.

§ 4º Decreto regulamentará o procedimento para apuração de infrações ao disposto neste artigo.

Art. 12. Sem prejuízo das demais sanções cíveis, criminais ou administrativas, as infrações às normas previstas nos arts. 10 e 11 ficam sujeitas, conforme o caso, às seguintes sanções, aplicadas de forma isolada ou cumulativa:

I - advertência, com indicação de prazo para adoção de medidas corretivas;

II - multa de até 10% (dez por cento) do faturamento do grupo econômico no Brasil no seu último exercício, excluídos os tributos, considerados a condição econômica do infrator e o princípio da proporcionalidade entre a gravidade da falta e a intensidade da sanção;

III - suspensão temporária das atividades que envolvam os atos previstos no art. 11; ou

IV - proibição de exercício das atividades que envolvam os atos previstos no art. 11.

Parágrafo único. Tratando-se de empresa estrangeira, responde solidariamente pelo pagamento da multa de que trata o **caput** sua filial, sucursal, escritório ou estabelecimento situado no País.

### **Subseção I Da Guarda de Registros de Conexão**

Art. 13. Na provisão de conexão à internet, cabe ao administrador de sistema autônomo respectivo o dever de manter os registros de conexão, sob sigilo, em ambiente controlado e de segurança, pelo prazo de 1 (um) ano, nos termos do regulamento.

§ 1º A responsabilidade pela manutenção dos registros de conexão não poderá ser transferida a terceiros.

§ 2º A autoridade policial ou administrativa ou o Ministério Público poderá requerer cautelarmente que os registros de conexão sejam guardados por prazo superior ao previsto no **caput**.



§ 3º Na hipótese do § 2º, a autoridade requerente terá o prazo de 60 (sessenta) dias, contados a partir do requerimento, para ingressar com o pedido de autorização judicial de acesso aos registros previstos no **caput**.

§ 4º O provedor responsável pela guarda dos registros deverá manter sigilo em relação ao requerimento previsto no § 2º, que perderá sua eficácia caso o pedido de autorização judicial seja indeferido ou não tenha sido protocolado no prazo previsto no § 3º.

§ 5º Em qualquer hipótese, a disponibilização ao requerente dos registros de que trata este artigo deverá ser precedida de autorização judicial, conforme disposto na Seção IV deste Capítulo.

§ 6º Na aplicação de sanções pelo descumprimento ao disposto neste artigo, serão considerados a natureza e a gravidade da infração, os danos dela resultantes, eventual vantagem auferida pelo infrator, as circunstâncias agravantes, os antecedentes do infrator e a reincidência.

### **Subseção II**

#### **Da Guarda de Registros de Acesso a Aplicações de Internet na Provisão de Conexão**

Art. 14. Na provisão de conexão, onerosa ou gratuita, é vedado guardar os registros de acesso a aplicações de internet.

### **Subseção III**

#### **Da Guarda de Registros de Acesso a Aplicações de Internet na Provisão de Aplicações**

Art. 15. O provedor de aplicações de internet constituído na forma de pessoa jurídica e que exerça essa atividade de forma organizada, profissionalmente e com fins econômicos deverá manter os respectivos registros de acesso a aplicações de internet, sob sigilo, em ambiente controlado e de segurança, pelo prazo de 6 (seis) meses, nos termos do regulamento.

§ 1º Ordem judicial poderá obrigar, por tempo certo, os provedores de aplicações de internet que não estão sujeitos ao disposto no **caput** a guardarem registros de acesso a aplicações de internet, desde que se trate de registros relativos a fatos específicos em período determinado.

§ 2º A autoridade policial ou administrativa ou o Ministério Público poderão requerer cautelarmente a qualquer provedor de aplicações de internet que os registros de acesso a aplicações de internet sejam guardados, inclusive por prazo superior ao previsto no **caput**, observado o disposto nos §§ 3º e 4º do art. 13.

§ 3º Em qualquer hipótese, a disponibilização ao requerente dos registros de que trata este artigo deverá ser precedida de autorização judicial, conforme disposto na Seção IV deste Capítulo.

§ 4º Na aplicação de sanções pelo descumprimento ao disposto neste artigo, serão considerados a natureza e a gravidade da infração, os danos dela resultantes, eventual vantagem auferida pelo infrator, as circunstâncias agravantes, os antecedentes do infrator e a reincidência.

Art. 16. Na provisão de aplicações de internet, onerosa ou gratuita, é vedada a guarda:

I - dos registros de acesso a outras aplicações de internet sem que o titular dos dados tenha consentido previamente, respeitado o disposto no art. 7º; ou

II - de dados pessoais que sejam excessivos em relação à finalidade para a qual foi dado consentimento pelo seu titular.

Art. 17. Ressalvadas as hipóteses previstas nesta Lei, a opção por não guardar os registros de acesso a aplicações de internet não implica responsabilidade sobre danos decorrentes do uso desses serviços por terceiros.

### **Seção III**

#### **Da Responsabilidade por Danos Decorrentes de Conteúdo Gerado por Terceiros**

Art. 18. O provedor de conexão à internet não será responsabilizado civilmente por danos decorrentes de conteúdo gerado por terceiros.

Art. 19. Com o intuito de assegurar a liberdade de expressão e impedir a censura, o provedor de aplicações de internet somente poderá ser responsabilizado civilmente por danos decorrentes de conteúdo gerado por terceiros se, após ordem judicial específica, não tomar as providências para, no âmbito e nos limites técnicos do seu serviço e dentro do prazo assinalado, tornar indisponível o conteúdo apontado como infringente, ressalvadas as disposições legais em contrário.

§ 1º A ordem judicial de que trata o **caput** deverá conter, sob pena de nulidade, identificação clara e específica do conteúdo apontado como infringente, que permita a localização inequívoca do material.

§ 2º A aplicação do disposto neste artigo para infrações a direitos de autor ou a direitos conexos depende de previsão legal específica, que deverá respeitar a liberdade de expressão e demais garantias previstas no art. 5º da Constituição Federal.

§ 3º As causas que versem sobre ressarcimento por danos decorrentes de conteúdos disponibilizados na internet relacionados à honra, à reputação ou a direitos de personalidade, bem como sobre a indisponibilização desses conteúdos por provedores de aplicações de internet, poderão ser apresentadas perante os juizados especiais.

§ 4º O juiz, inclusive no procedimento previsto no § 3º, poderá antecipar, total ou parcialmente, os efeitos da tutela pretendida no pedido inicial, existindo prova inequívoca do fato e considerado o interesse da coletividade na disponibilização do conteúdo na internet, desde que presentes os requisitos de verossimilhança da alegação do autor e de fundado receio de dano irreparável ou de difícil reparação.

Art. 20. Sempre que tiver informações de contato do usuário diretamente responsável pelo conteúdo a que se refere o art. 19, caberá ao provedor de aplicações de internet comunicar-lhe os motivos e informações relativos à indisponibilização de conteúdo, com informações que permitam o contraditório e a ampla defesa em juízo, salvo expressa previsão legal ou expressa determinação judicial fundamentada em contrário.

Parágrafo único. Quando solicitado pelo usuário que disponibilizou o conteúdo tornado indisponível, o provedor de aplicações de internet que exerce essa atividade de forma organizada, profissionalmente e com fins econômicos substituirá o conteúdo tornado indisponível pela motivação ou pela ordem judicial que deu fundamento à indisponibilização.

Art. 21. O provedor de aplicações de internet que disponibilize conteúdo gerado por terceiros será responsabilizado subsidiariamente pela violação da intimidade decorrente da divulgação, sem autorização de seus participantes, de imagens, de vídeos ou de outros materiais contendo cenas de nudez ou de atos sexuais de caráter privado quando, após o recebimento de notificação pelo participante ou seu representante legal, deixar de promover, de forma diligente, no âmbito e nos limites técnicos do seu serviço, a indisponibilização desse conteúdo.

Parágrafo único. A notificação prevista no **caput** deverá conter, sob pena de nulidade, elementos que permitam a identificação específica do material apontado como violador da intimidade do participante e a verificação da legitimidade para apresentação do pedido.

#### **Seção IV Da Requisição Judicial de Registros**

Art. 22. A parte interessada poderá, com o propósito de formar conjunto probatório em processo judicial cível ou penal, em caráter incidental ou autônomo, requerer ao juiz que ordene ao responsável pela guarda o fornecimento de registros de conexão ou de registros de acesso a aplicações de internet.

Parágrafo único. Sem prejuízo dos demais requisitos legais, o requerimento deverá conter, sob pena de inadmissibilidade:

I - fundados indícios da ocorrência do ilícito;

II - justificativa motivada da utilidade dos registros solicitados para fins de investigação ou instrução probatória; e

III - período ao qual se referem os registros.

Art. 23. Cabe ao juiz tomar as providências necessárias à garantia do sigilo das informações recebidas e à preservação da intimidade, da vida privada, da honra e da imagem do usuário, podendo determinar segredo de justiça, inclusive quanto aos pedidos de guarda de registro.

#### **CAPÍTULO IV DA ATUAÇÃO DO PODER PÚBLICO**

Art. 24. Constituem diretrizes para a atuação da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios no desenvolvimento da internet no Brasil:

I - estabelecimento de mecanismos de governança multiparticipativa, transparente, colaborativa e democrática, com a participação do governo, do setor empresarial, da sociedade civil e da comunidade acadêmica;

II - promoção da racionalização da gestão, expansão e uso da internet, com participação do Comitê Gestor da internet no Brasil;

III - promoção da racionalização e da interoperabilidade tecnológica dos serviços de governo eletrônico, entre os diferentes Poderes e âmbitos da Federação, para permitir o intercâmbio de informações e a celeridade de procedimentos;

IV - promoção da interoperabilidade entre sistemas e terminais diversos, inclusive entre os diferentes âmbitos federativos e diversos setores da sociedade;

V - adoção preferencial de tecnologias, padrões e formatos abertos e livres;

VI - publicidade e disseminação de dados e informações públicos, de forma aberta e estruturada;

VII - otimização da infraestrutura das redes e estímulo à implantação de centros de armazenamento, gerenciamento e disseminação de dados no País, promovendo a qualidade técnica, a inovação e a difusão das aplicações de internet, sem prejuízo à abertura, à neutralidade e à natureza participativa;

VIII - desenvolvimento de ações e programas de capacitação para uso da internet;

IX - promoção da cultura e da cidadania; e

X - prestação de serviços públicos de atendimento ao cidadão de forma integrada, eficiente, simplificada e por múltiplos canais de acesso, inclusive remotos.

Art. 25. As aplicações de internet de entes do poder público devem buscar:

I - compatibilidade dos serviços de governo eletrônico com diversos terminais, sistemas operacionais e aplicativos para seu acesso;

II - acessibilidade a todos os interessados, independentemente de suas capacidades físico-motoras, perceptivas, sensoriais, intelectuais, mentais, culturais e sociais, resguardados os aspectos de sigilo e restrições administrativas e legais;

III - compatibilidade tanto com a leitura humana quanto com o tratamento automatizado das informações;

IV - facilidade de uso dos serviços de governo eletrônico; e

V - fortalecimento da participação social nas políticas públicas.

Art. 26. O cumprimento do dever constitucional do Estado na prestação da educação, em todos os níveis de ensino, inclui a capacitação, integrada a outras práticas educacionais, para o uso seguro, consciente e responsável da internet como ferramenta para o exercício da cidadania, a promoção da cultura e o desenvolvimento tecnológico.

Art. 27. As iniciativas públicas de fomento à cultura digital e de promoção da internet como ferramenta social devem:

I - promover a inclusão digital;

II - buscar reduzir as desigualdades, sobretudo entre as diferentes regiões do País, no acesso às tecnologias da informação e comunicação e no seu uso; e

III - fomentar a produção e circulação de conteúdo nacional.

Art. 28. O Estado deve, periodicamente, formular e fomentar estudos, bem como fixar metas, estratégias, planos e cronogramas, referentes ao uso e desenvolvimento da internet no País.

## CAPÍTULO V DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 29. O usuário terá a opção de livre escolha na utilização de programa de computador em seu terminal para exercício do controle parental de conteúdo entendido por ele como impróprio a seus filhos menores, desde que respeitados os princípios desta Lei e da [Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990](#) - Estatuto da Criança e do Adolescente.

Parágrafo único. Cabe ao poder público, em conjunto com os provedores de conexão e de aplicações de internet e a sociedade civil, promover a educação e fornecer informações sobre o uso dos programas de computador previstos no **caput**, bem como para a definição de boas práticas para a inclusão digital de crianças e adolescentes.

Art. 30. A defesa dos interesses e dos direitos estabelecidos nesta Lei poderá ser exercida em juízo, individual ou coletivamente, na forma da lei.

Art. 31. Até a entrada em vigor da lei específica prevista no § 2º do art. 19, a responsabilidade do provedor de aplicações de internet por danos decorrentes de conteúdo gerado por terceiros, quando se tratar de infração a direitos de autor ou a direitos conexos, continuará a ser disciplinada pela legislação autoral vigente aplicável na data da entrada em vigor desta Lei.

Art. 32. Esta Lei entra em vigor após decorridos 60 (sessenta) dias de sua publicação oficial.

Brasília, 23 de abril de 2014; 193ª da Independência e 126ª da República.

DILMA ROUSSEFF

*José Eduardo Cardozo*

*Miriam Belchior*

*Paulo Bernardo Silva*

*Clélio Campolina Diniz*